



ENTRE O amor
E A amizade

BIANCA BRIONES

*Autora da série "Batidas Perdidas",
"Sonhos de Avalon" e "Como se fosse Magia".*



Bianca Briones

**Entre
o
Amor
e a
Amizade**

*Nunca houve dois corações mais abertos,
nem gostos mais semelhantes,
ou sentimentos mais em sintonia.*

Jane Austen

Copyright © 2019 Bianca Briones

Capa: Lari Azevedo

Photo by Kiwihug on Unsplash

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

***A violação dos direitos autorais é crime
estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do
Código Penal.***

Importante ler esta nota antes de iniciar a leitura da história

Esta história nasceu no início de 2010. Foi o primeiro livro que escrevi no computador. Escrevi outros em cadernos escolares, que se perderam ao longo do tempo, mas esta foi a primeira que terminei na idade adulta e o início de uma longa jornada que me levaria a escrever profissionalmente.

Eu tinha um blog chamado Redoma de Cristal e comecei a escrever um conto lá, que surgiu após um sonho. Eu não tinha quase nenhum conhecimento de mundo quando o escrevi. Ele era o meu mundo. Minha passagem definitiva pela sala de espera rumo às histórias de personagens (prefiro chama-los de pessoas) que se abriam e me contavam sobre eles.

Foi assim que nasceu Viviane, Rafael e a série Batidas Perdidas, que a maioria dos meus leitores conhece e ama. Muito da história deles surgiu em Entre o Amor e a Amizade, mas, ao mesmo tempo, são histórias completamente diferentes. Eu diria que eles até têm personalidades diferentes.

A forma como eles se conhecem é pelo luto. Isso se manteve na série Batidas Perdidas, mas eu diria (e quem leu sabe) que toda a evolução foi diferente.

Por isso, nesta edição, optei por mudar os nomes dos personagens, apesar de que vocês reconhecerão alguns de seus traços.

Espero, de coração, que vocês se apaixonem por mais história que tive o prazer de escrever com toda a ingenuidade e ternura que sempre habitou em meu coração.

Capítulo 1

Uma garoa fria molhava o rosto de Alessandra. Ela não se importava. Seu rosto já estava molhado pelas lágrimas. Com um sorriso triste nos lábios, lembrou-se de que seu pai adorava dias assim.

“Nem bem chegou ao céu e está definindo o clima?” — pensou, olhando tristemente para a lápide fria. Seu pai falecera havia dois dias e ela não sabia para onde ir. Lembrou-se do quanto ele havia pedido que não fizesse justamente o que estava fazendo.

— Eu sei que está zangado aí, mas não sei para onde ir, pai. As coisas não estão boas em casa. Meu relacionamento está complicado. Sei que devia terminar, mas não sei como fazer isso. A situação com a mãe não está boa também. Ela quer fugir de falar sobre você e se foca em mim. Está em negação com a sua morte, como esteve enquanto você adoecia cada vez mais. Vamos discutir e o clima pesado estressa demais o Lê, que não para em casa. Não sei para onde ir agora.

Ela conversava com o pai como se ele estivesse presente. Não se importava se isso poderia parecer loucura, mas naquele momento era o que precisava fazer. O vento frio e molhado empapava seus cabelos compridos. Apertou o casaco e olhou para longe. Outras pessoas se despediam de seus

entes queridos naquele dia. O cemitério parecia cinza ao anoitecer, apesar de todas as outras cores, era a única que enxergava. Parte dela se fora com seu pai. Ele fora um guerreiro, lutara contra o câncer no intestino durante quase três anos, sem desistir nunca. Ela ficara ao seu lado, o hospital tornara-se sua casa e agora não tinha para onde ir. Estava perdida sem ele, na verdade estava perdida muito antes de ele partir, mas pelo menos o tinha por perto. Sentira-se sozinha a vida inteira. Era tímida e retraída. Vivia mais nos livros do que fora deles. O pai a via melhor que os outros, então se sentia confortável com ele, mesmo sabendo de sua incompletude. Sabia que seria mais difícil continuar, assim como sabia que não havia alternativa. Ele não voltaria mais.

— Às vezes, eu penso que você sempre soube dessa minha ausência, que você via e usava dos seus meios para fazer com que eu me sentisse melhor. Eu não sei o que farei sem você. Tenta não se preocupar, tá? Ficarei bem. — disse levantando-se para ir embora.

Era mentira. Não ficaria, mas devia isso ao pai. Ele a fizera prometer, no começo da semana, quando viu que o final se aproximava, que ficaria bem, seria feliz e lutaria por isso. Ela prometera e não sabia como cumprir. Isso ficaria para outro dia. Respirando fundo saiu do cemitério e se dirigiu ao carro.

No caminho para casa, ela pensava no que a aguardava. A mãe agindo como se nada tivesse acontecido, seu irmão em qualquer lugar que não fosse

lá e Luiz, seu namorado, provavelmente, estaria estirado no sofá, sentindo-se o novo dono da casa. Ele a acompanhara ao velório e ao enterro, sentiu-se triste porque gostava do sogro, mas não perderia o sono com isso. Na cabeça dele, Alessandra era a filhinha que perdera o papai e teria que superar. Começou a pensar nos primeiros anos de namoro e como tudo parecia certo quando começou há cinco anos. Tinha apenas 18 anos quando o conheceu em uma das muitas festas de sua mãe. Luiz era o modelo do homem ideal, segundo uma porção de mulheres. Tinha 26 anos, bonito, estava se formando em Direito e trabalhava na empresa do pai dela. Mas isso não era tudo, o melhor, segundo a mãe de Alessandra, era que ele era o filho adorado de uma de suas amigas. Não foi difícil para a menina se apaixonar por ele. Ele cumpria bem o papel de bom moço, sim, era um papel, assim como tudo na vida dele. Luiz não se apegava às pessoas, apenas a bens materiais. Ele queria crescer na vida e não havia nada mais fácil do que namorar a filha do dono da empresa em que trabalhava. Não é que ele não gostasse dela, do jeito displicente dele, ele gostava, mas fazê-la feliz não era sua prioridade, estar com ela, era.

A princípio, ela não percebeu sua real intenção, e mesmo desconfiando que estivessem juntos por conveniência, nunca quis admitir isso para si mesma. Seria triste demais. O irmão era o único que percebia que estava insatisfeita com essa relação e conversava com ela para que terminasse. Até

mesmo o pai procurava não se envolver. Ele pensava apenas que Luiz era um bom rapaz, e ele de fato era, mas sem paixão alguma. Ela precisava criar coragem para terminar, havia tempos não tinham mais nada a ver um com o outro. A grande questão é que ela não sabia acabar com namoros e afins, nunca soube. Preferia que terminassem com ela. Dessa forma, o relacionamento seguia empurrado ao acaso havia um ano e alguns meses.

No seu vigésimo aniversário, depois de uma briga com a mãe, Alessandra foi morar com os avós em Campinas, em um condomínio fechado, mas nos meses seguintes o pai descobriu o câncer e ela voltou para a casa. Sentia falta da tranquilidade do lar dos avós e cogitava se devia voltar para lá agora. Um bom livro, silêncio e céu estrelado eram o suficiente para tirar um sorriso de seus lábios.

Foi morando com seus avós que ela começou a criar coragem para terminar com Luiz, mas ao ver o pai adoecer já não pensava em mais nada. Seu mundo começou a desabar e passava mais tempo com ele do que em qualquer outro lugar. Dessa forma, o relacionamento com Luiz prosseguia, mas não existia de fato.

Ela não tinha ideia de quando começaram a se distanciar. Aconteceu sem que percebessem. Estavam acomodados. Não havia mais amor, apenas medo de seguir em frente. Nesses anos de doença do pai, ela passara o tempo entre o trabalho e o hospital, raramente vinha para casa. Era o princípio da

fuga. Ao mesmo tempo, Luiz passava a maior parte do tempo na casa dos seus pais, sem que tivessem conversado sobre o assunto. Ele parecia pensar que a casa era dele também, e na maioria dos dias dormia por lá. Ela não se lembrava nem de quando dera uma chave a ele, na verdade, tinha certeza de que não havia dado.

Estacionou o carro na garagem e desceu. Era hora de entrar e não tinha mais como fugir. Queria que ele não estivesse, mas sabia que estaria. Fechou a porta atrás de si e ouviu o burburinho da televisão, como imaginava, ele estava deitado no sofá assistindo televisão.

— Cheguei. Boa noite, Luiz. — anunciou colocando as chaves na estante.

— Oi, boa noite. Está tudo bem? — ele perguntou alternando os olhares entre o jogo que estava passando e ela.

— Está sim. — mentiu. Ele não queria a verdade mesmo — Sabe da minha mãe e do meu irmão?

— O Leandro saiu e sua mãe chegou há pouco do shopping, cheia de sacolas. — O tom de julgamento era explícito e Alessandra decidiu ignorar.

— Vou tomar banho e dormir. Vai dormir aqui?

— Vou. Por quê? Quer conversar? — ele perguntou, torcendo, no íntimo, para que ela respondesse que não.

— Não, obrigada. — Respondeu enquanto se dirigia ao quarto para

pegar roupas secas antes de ir para o banheiro. Ele sequer notou que estava molhada.

Debaixo da água quente, Alessandra chorou baixinho. Estava vivendo os dias mais tristes de sua vida. Parecia que um buraco havia-se aberto e ela estava sendo sugada para dentro dele. Um soluço saiu sufocado. Sentou-se no chão no banheiro, a água caindo em suas costas, fechou os olhos e abraçou os joelhos. Tudo parecia terrível.

A vida não seria a mesma sem seu pai. Nada mais dos filmes às sextas-feiras, nada dos passeios no parque, das longas conversas sobre qualquer assunto e leituras compartilhadas. Sentia-se mais sozinha do que nunca imaginou possível. A dor era insuportável. Parecia que o vazio que sempre a acompanhava estava tomando conta e sugando suas forças. Sem seu pai, tudo tendia a piorar. Estava sufocando.

Após um longo banho, mandou uma mensagem para o irmão:

Lê, você tá bem?

A resposta chegou bem rápido. Apesar de o irmão passar bastante tempo na rua, ele nunca a deixava sem resposta.

Tô de boa. Passei no vô e ele me deu sermão pra voltar pra casa. Vou

só jantar e já volto. Quer que eu leve comida pra você?

Não precisa. Vem com cuidado.

Ela colocou o celular no criado-mudo. Sabia que a avó mandaria uma porção de potes cheios da sua comida deliciosa de qualquer jeito.

Finalmente deitou-se, no quarto escuro. Sabia que Luiz não viria tão cedo para a cama. Ele se certificaria de que ela estava dormindo e, se por um acaso estivesse acordada, fingiria dormir e ele fingiria acreditar. Abraçou o travesseiro, encolheu-se toda e sussurrou antes de se render à exaustão de seu corpo:

— Adeus, pai.

Capítulo 2

Os dias se passaram lentamente. Sua rotina anterior se baseava praticamente em cuidar do pai, agora estava perdida. Cláudia, a mãe, decidiu passar uns dias em um SPA e até chegou a convidá-la, dizendo que seria bom para a filha se cuidar um pouco, porém Alessandra sabia que tinha que ficar e empacotar as coisas do pai com a avó, que viria para este fim, já que a mãe disse não ter condições para isso. Alessandra procurava compreender, mas lhe doía vê-la se afastando de tudo o que a lembrasse de seu pai.

Pelo menos, a jovem havia parado de chorar. Parecia que seu estoque de lágrimas tinha secado. No momento, sentia-se insuportavelmente triste. A casa estava vazia. O irmão estava na faculdade e Luiz tinha saído para o trabalho, dizendo que voltaria à noite. Disse que estava ali para o bem dela, mas em nenhum momento tentou conversar.

Alessandra ligou a TV e ficou mudando de canal, nada a interessava. Voltou para a cama. Queria dormir e esquecer. O tiro saiu pela culatra. Sonhou com o pai. No sonho eles estavam no Parque do Ibirapuera, no seu passeio dominical, quando ele estava com saúde suficiente, antes de ficar preso à cama do hospital em meio a dezenas de sessões de quimioterapia. Ela sabia que sonhava e não queria acordar.

— Pai, eu queria te ver todos os dias, falar com você sempre, como era antes.

Um longo silêncio preencheu o lugar antes que ele falasse.

— Filha, sabe que tenho de ir. Eu a preparei para isso nos últimos meses.

As lágrimas recomeçaram.

— Não sei o que fazer sem você. Estou me sentindo tão perdida.

— Precisa reconhecer que estava perdida antes mesmo que eu ficasse doente. — falou suavemente enquanto trançava os cabelos dela como no tempo de menina.

Ela pensou um pouco antes de responder. O parque estava calmo e tranquilo, não havia ninguém além deles. Fechou os olhos e desejou que não fosse um sonho, que não fosse seu inconsciente mostrando a ela o que precisava enxergar.

— Você tem razão.

— Precisa encontrar o que lhe falta. Descobrir o motivo dessa ausência. Eu sempre lhe disse que ninguém mais pode ajudar a você além de si mesma. Algumas pessoas podem tentar, mas dependerá de você, acima de tudo. Precisa reconhecer sua própria força. Só assim a mostrará aos outros.

— Eu queria não ter que acordar. — Falou percebendo que tudo estava se embaçando, estava acordando e nada a manteria lá. — Te vejo por aí? —

Perguntou rapidamente, ciente de que não tinha muito tempo.

— Sempre. Onde você estiver, eu estarei.

Alessandra abriu os olhos lentamente. Acordou. Sentou-se na cama num sobressalto. Alguém estava tocando a campainha. Correu em direção à porta, percebendo que ainda vestia o pijama. Olhando pela janela da sala viu que era Leandro, seu irmão. Nem se importou em trocar de roupa e abriu a porta. Assim que ele entrou, abraçaram-se forte e longamente. Percebeu que ele tinha pacotes nas mãos.

— Perdeu a chave de novo, né? — Ela sorriu, soltando-o.

— Você me conhece, irmãzinha. — Piscou. — Hum... Não posso perguntar se está bem. — falou ele triste — Que momento estranho esse...

— Não adiantaria perguntar porque você sabe como me sinto. Tem razão, esses momentos são estranhos. Não se tem muito que dizer. E a mãe? Tem notícia?

Leandro observou a sala a sua volta. A TV desligada. O mais profundo silêncio. Tão diferente da irmã que ele conhecia. Lembrava-se dela adolescente e era tão barulhenta e alegre pela casa. Era como se, sozinha, pudesse iluminar o mundo. Agora estava diferente. Sabia que ela estava triste havia tempos, antes mesmo de o pai ficar doente, não entendia o porquê e agora tinha consciência de que ela desabaria.

— Ela está bem, na medida do possível. Meio que finge que nada está

acontecendo, mas me manda uma ou outra mensagem. — Ele percebeu pela sombra de tristeza que passou pelo rosto da irmã, que a mãe não lhe enviava nada. Resolveu mudar de assunto. — Você comeu hoje?

Ela estava pálida e tinha o rosto marcado por profundas olheiras, parecia mais frágil do que realmente era.

— Comi uma bolacha... — respondeu evasiva.

— Desde quando mente pra mim? — ele perguntou encarando-a com seus olhos verdes como os dela.

— Ah... Não estou com fome, é cedo para comer. — lembrou-se de que não tinha noção do tempo que passou dormindo.

— São mais de cinco horas da tarde.

— Nossa... Perdi a noção do tempo... — respondeu realmente surpresa — Mas não sinto fome mesmo.

— Não importa. Vai comer agora. Eu passei naquela lanchonete de que você gosta e trouxe lanches. — disse sorridente apontando para as sacolas de papelão em suas mãos. — Não aceito não como resposta. Tem mais não vou mais sair hoje.

Antes que ela pudesse abrir a boca para dizer qualquer coisa, continuou:

— Você não passará o dia todo na cama chorando. Isso não trará o pai de volta. E não pense que eu não sei o quanto dói. Eu sei, e como sei. —

Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dele — Mas perdi meu pai e não estou disposto a perder a minha irmã.

Eles se abraçaram novamente. Choraram juntos por um tempo.

— Ah... E tem mais ainda, o seu namorado lindo vai dormir na casa dele. Afinal ele tem casa, não é mesmo? Ou ele é um desses desabrigados que precisa dormir na casa dos outros?

Alessandra apenas sorriu, ciente de que não adiantaria dizer nada. Quando Luiz chegasse, Leandro, com a sutileza de um rinoceronte, o mandaria embora. Assim era seu adorado irmão, dizia tudo o que lhe vinha à cabeça.

Foram comer e ele tratou de fazê-la ficar bem.

Capítulo 3

Os próximos três dias foram muito parecidos. Leandro ficou com ela e confirmou o que pensava: o relacionamento dela com o namorado era apenas fachada, um nem se dava conta da presença do outro. “O que está acontecendo? Por que permanecem juntos? Mal se falam.” — ele pensava. Era como se estivessem acostumados à presença um do outro, como um móvel antigo, um item de decoração. Ele sabia que não poderia fazer muito, mas poderia evitar que ficasse pior. Não mudaria o que ela sentia por dentro, aquela ausência tão particular. O que podia fazer estava sendo feito.

Depois de muito pensar, foi conversar com a irmã.

— Então, Alê... Está esperando o quê para mandar seu inquilino embora?

Ela sorriu sem graça para o irmão.

— Esse seu jeito direto ainda lhe arrumará problemas. E ele não é meu inquilino, é meu namorado.

— Não de onde eu vejo. Acho que ele vive aqui por conveniência. Está muito fácil, né? Ele diz que é porque precisamos da figura dele aqui e não precisa nem se esforçar para gastar com isso. O que ele faz para ser realmente necessário? — perguntou aproximando-se dela e olhando bem dentro dos

olhos — Você o ama?

Alessandra enfrentou aqueles olhos esverdeados o máximo que conseguiu, até que desistiu e olhou para o lado. Apesar de ele ser apenas onze meses mais novo que ela, às vezes agia como se fosse mais velho e precisasse protegê-la.

— É complicado.

— É nada. Ou se ama ou não. Não há motivo para ficar junto de outra pessoa se não tem amor. Veja por mim, não namoro ninguém por muito tempo porque ninguém mexeu comigo a esse ponto, por isso sou do tipo que fica por noite e acabou. Sou um caso perdido e o fato de ser bonito me ajuda, é claro. Bons genes. — apontou para a barriga e levantando a camisa — Saca essa barriga de tanquinho!

Ela não pôde deixar de rir e, no final, essa era a ideia dele. Descontraí-la e conversar sobre o assunto.

— Sua barriga até que é bonitinha mesmo. — virou a cabeça e fingindo analisar o abdômen do irmão.

— Bonitinha?! Isso aqui é um chamariz enorme. — fingiu indignação. — Mas em todo o caso, não estamos falando do meu tanque. O assunto é você, e não tente desconversar me elogiando. Sabe que me distraio dessa forma. Quando é que chamaremos o caminhão de mudança? Opa... Nem precisa, né? Não tem nada dele aqui.

— É incrível como você faz tudo parecer mais fácil do que é.

— Nada disso, irmãzinha, é você que costuma tornar as coisas mais complicadas do que realmente são.

Ela pensou por alguns momentos antes de responder.

— É. Eu faço isso, mas não sei viver de outra forma. Tenho medo de machucar as pessoas e sempre penso no melhor caminho para evitar isso.

— Aham... E quem é que está pensando em não machucar você no processo?

— Não sei, não sei... O Luiz não é um cara tão ruim assim.

— Ele é meio egoísta, mas tudo bem se você gosta do tipo.

— Você é impossível. — ela jogou uma almofada nele.

— Oras... Mas é sério! Quantas vezes tentou conversar com você depois que o papai faleceu? Eu o vejo aparecer por aqui, usar a casa e comer sem nem ao menos olhar para você. Não está certo e não era o que o pai queria para você. Sabe disso. E, mais importante, duvido que seja isso que você queira. Precisa dar um jeito de ser feliz.

Ela respirou fundo. Não sabia o que dizer. Sabia que Leandro estava certo. O relacionamento tinha acabado, mas como poderia oficializar o fato sem ninguém se machucar?

O irmão a deixou em meio a seus pensamentos e saiu para comer uma pizza com os amigos. Não sem antes abraçá-la e a fazer prometer que ficaria

bem, promessa que ela não poderia cumprir sozinha.

Capítulo 4

Finalmente chegou o dia de voltar ao trabalho. Ela acordou cedo. Tomou banho, vestiu-se. Seguiu sua rotina normal e evitou olhar no espelho até o último momento. Soube o que veria antes mesmo de olhar: profundas olheiras, olhos tristes e sem o antigo brilho, estava mais magra, seus longos cabelos castanhos ainda estavam molhados e caíam sobre os ombros. Tentou sorrir para o seu reflexo e soube que não seria fácil. Doía, ainda doía muito e doeria por um longo tempo. Resolveu que não secaria os cabelos com secador ou faria qualquer coisa diferente com eles, deixou que secassem naturalmente e formassem cachos delicados. Firmou o olhar por mais alguns segundos e depois desistiu.

Seria bom voltar ao trabalho, os últimos dias pareciam todos iguais. Suspeitava de que ultrapassara o limite da tristeza. Nos preparativos para sair, o namorado e ela se esbarraram algumas vezes, novamente ele dormira lá. Repetiram as perguntas e respostas automáticas de sempre e cada um seguiu para o seu lado. O tempo todo se lembrava das palavras do irmão na noite anterior. Precisava criar coragem.

— Vou viajar a trabalho nos próximos dias. Ficarei uma semana fora.

— ele informou.

Ela o observou por alguns segundos antes de começar a falar. A camisa social perfeitamente passada, a calça azul-marinho, os sapatos italianos. Luiz era a perfeição ambulante. Tudo era simétrico nele. Assim como os cabelos loiros que mantinha num corte baixo, sério. Ele sempre priorizava parecer mais velho do que realmente era.

— Luiz, eu estava pensando... — ele nem sequer parou de mexer em seu celular — Nós dois... Está estranho, né? Não parece que...

Ele parou e a olhou.

— O que quer dizer? — perguntou levantando uma sobrancelha.

Ela perdeu o rumo, começou a gaguejar.

— Não sei. Parece que... Ah... Quase não ficamos juntos e...

— Para com isso, Alessandra. Você está passando por uma fase difícil com a história do seu pai. Deixa de bobagem. Não estamos tão juntos porque estou dando a você um tempo para lidar com isso. — respondeu, levantando-se da mesa — Agora vou indo que não posso me atrasar para o trabalho. Seu avô está ainda mais exigente agora que seu pai... Bom... Você sabe.

Ela ficou olhando de boca aberta para a porta, recriminando-se por ser tão fraca e não ter coragem de terminar como todas as pessoas comuns. “Quando ele voltar...” — pensou.

Alessandra pegou as chaves do carro e, ao segurar na mão o

chaveirinho em forma de Ferrari, lembrou-se do pai e da sua paixão pelas corridas de Fórmula 1. Lembrou-se também do recado de sua mãe na caixa postal dizendo que estenderia a estadia no SPA e insistindo para que a filha fosse passar uns dias por lá. Ela não queria ir, sabia que seria difícil conversar com a mãe.

Chegou à escola mais cedo do que o normal. Evitou a sala dos professores, não queria mais olhares tristes. Foi direto para a sala de aula, verificou mesas e cadeiras. Folheou livros infantis na pequena estante da classe. Observou alguns desenhos de seus alunos pregados no “varalzinho de obras”, como carinhosamente o chamavam. Estava perdida em pensamentos sobre seus alunos e evitando pensar em seu pai quando ouviu leves batidas à porta e virou-se para olhar.

— Bom dia, Alê. — falou um rapaz alto e moreno, dirigindo-se a ela e lhe dando um longo abraço.

— Bom dia, Pedro. — ela retribuiu o abraço.

— Está se escondendo de nós? — perguntou ciente da resposta — Vim ver como você estava. Na verdade, eu sei como está, mas não pude deixar de vir. Sabe que pode contar comigo para qualquer coisa, não é? Minhas palavras valem para a Márcia também. Aliás, ela vai ligar para você hoje à tarde.

Márcia era a esposa de Pedro, o professor da outra turma de alunos da

escola de educação infantil. Alessandra a conhecera em eventos da escola e ficaram amigas.

— Eu estou bem. — mentiu novamente, tentando virar o rosto para que ele não visse as profundas olheiras.

— Sabemos que isso não é verdade. É muito triste, não tem jeito. Esta perda só o tempo ameniza. Tente não se deixar abater mais do que deve.

— Tentarei... — respondeu, sem saber mais o que dizer, quando foi salva pelo sinal. — Preciso buscar meus alunos no pátio. E você também.

— Vamos aos pestinhas, então. — o professor brincou, tirando um sorriso dela.

Se havia alguém que amava essas crianças mais do que tudo era ela.

O dia voou em meio às crianças e ela não pensou em mais nada. Elas não davam tempo. Lecionar era a sua paixão, seus alunos os únicos seres que não a faziam se sentir sem rumo. Com eles sempre sabia o que dizer e como se encontrar. Apesar de serem crianças tão pequenas, parecia que sabiam como confortar seu coração machucado.

À tarde, pouco depois que terminou seu trabalho, o celular tocou. Era Márcia.

— Oi, querida. Como está?

Alessandra ouviu essa pergunta pensando por que as pessoas perguntavam isso sabendo exatamente a resposta e mentiu novamente.

— Estou bem. O Pedro transmitiu o seu recado, obrigada por tudo.

— Ah... Queria poder fazer mais e sei que não posso ajudar no que está passando, mas decidi que não a deixarei ficar trancada em casa chorando. Sábado à tarde terá uma reuniãozinha aqui em casa. Coisa simples. Nem tente dizer que não virá. Sei que está triste e precisa do seu luto, mas não pode se afundar em depressão. Sendo assim chore o que tiver que chorar e venha no sábado.

— Certo. — ela apenas murmurou.

— Certo?! — surpreendeu-se a outra.

— Sim, certo. Adiantará se eu disser que não irei? — respondeu a professora. — Você, provavelmente, viria à minha casa me buscar. Então prefiro ir sem lutar.

— Fico espantada em como me conhece, querida.

Mesmo em meio à tristeza, ela não pôde deixar de rir. A amiga era tão diferente dela. Sempre direta ao ponto e aí de quem se opusesse.

— Vai trazer o namorado? — a amiga perguntou como se perguntasse de algo corriqueiro.

— Não. Ele fará uma viagem a trabalho.

— Hum... Ótimo. Espero você no sábado.

Alessandra não entendeu se o “ótimo” era por ela ir ou por Luiz não ir.

Capítulo 5

O resto da semana passou rápido. Entre o trabalho com as crianças e as noites tristes em casa, os dias voaram e, antes que percebesse, estacionou o carro em frente à casa de Pedro. Antes mesmo de sair do carro, observou a amiga saindo, espalhafatosa, de casa com os braços bem abertos, preparada para esmagá-la e dar beijos estalados em suas bochechas. Finalmente, abraçada, ela retribuiu com carinho.

Descobriu dentro da casa que a reuniãozinha, na verdade era uma festa para mais de cinquenta pessoas e talvez fosse melhor, porque ela poderia se esconder entre os convidados e passar despercebida. Dirigiu-se aos fundos da casa, onde sabia que encontraria Zeus, o enorme vira-latas de Pedro. Ele nem esperou que se aproximasse e a derrubou no chão, lambendo seu rosto.

— Calma, grandão. Como é que você sabe que eu precisava de carinho, hein?

— Eles sempre sabem. É incrível como os cães são melhores que muitos seres humanos.

Ela assustou-se e sentou-se depressa olhando em direção à voz. Ele estava sentado no muro de um metro e meio do quintal e usava um boné preto virado para trás. Tinha um sorriso travesso no rosto, acompanhado pelo olhar

de alguém que fora apanhado fazendo travessuras.

— Eu te assustei, né? Desculpe. — pulou em direção ao chão, aproximando-se dela e estendendo a mão para que levantasse — Sou Nicolas, trabalho com a Márcia. Sou de confiança, ou Zeus...

— Teria mordido. — responderam juntos.

— Ele sempre morde pessoas que não são confiáveis. — ela completou sorrindo, aceitando a mão estendida.

Ambos riram. Ela ficou ligeiramente tímida, não estava acostumada a conhecer pessoas do nada. Lembrou-se de que não se apresentara e estendeu a mão.

— Sou Alessandra. Trabalho com o Pedro.

— Você é Alê, a professora? — perguntou ele sorrindo.

— Sim. — respondeu surpresa — Como sabe? Ah... Márcia. — concluiu.

Ela sabia o quanto a amiga gostava de falar e como era capaz de misturar vários assuntos ao mesmo tempo.

— Ela mesma. Fala de você direto. Fica encantada com o modo com que você trata as crianças.

Alessandra sorriu. Márcia tinha verdadeira aversão à criança. Não entendia como Pedro tinha tanta paciência e ficava mais ainda surpresa com o modo como ela agia.

— Ela tem uma leve cisma com crianças pequenas. — disse, por fim.

— Cisma? Ela foge se vê uma. Literalmente, atravessa para o outro lado da rua.

— Também não é assim. — seu instinto protetor achou melhor defender a amiga para logo mais ceder ao olhar provocador dele — Tá bom. Ela as odeia mesmo.

Nesse momento, Zeus latiu. Ela sentou-se no chão para fazer carinho nele e surpreendeu-se quando Nicolas sentou-se ao seu lado. Parecia confortável, como se eles se conhecessem havia tempos. Ele tinha um jeito extremamente casual. Era como se tudo fosse simples e descontraído. Quando sorria formava doces covinhas no canto da boca, e como sorria... Nicolas era muito animado, mas sem parecer forçado nem nada, ele apenas parecia feliz.

Ela não se importou e engataram numa conversa sobre mitologia iniciada pelo nome do cão. Ele tinha um bom papo, fazia-a rir ocasionalmente. Depois de uns quinze minutos, Pedro apareceu procurando por ela e eles se juntaram aos outros. Depois disso não tiveram mais nem um minuto a sós. A tarde passou depressa. Quando Alessandra foi embora sentia uma espécie de alívio, como se sua alma estivesse mais leve. Nem percebeu, ao abrir a porta de casa, que trazia um sorriso em seus lábios, até que ouviu Luiz perguntando:

— Que cara é essa?!

— O que está fazendo aqui? — ela se assustou. Não o estava esperando.

— Cheguei mais cedo. Ainda não me respondeu que cara é essa.

Ela pensou em responder que era a mesma cara de sempre, mas sabia que não era. Não sorria assim desde quando o pai era vivo. Ficou surpresa consigo por não ter ficado triste durante toda a tarde. Resolveu responder com meia verdade.

— A reuniãozinha na casa da Márcia foi muito agradável. Gostei mais do que esperava.

— Que bom. — respondeu ele automaticamente e virou-se novamente para a TV — Mais tarde é minha vez de sair. Vou jogar sinuca. — nem olhou para ela.

— Então, tá — foi apenas o que respondeu e ficaria em silêncio quando se lembrou das palavras do irmão — Mas acabou de chegar de viagem e já vai sair à noite?

— Ué... Trabalhei exaustivamente durante a semana e estou precisando relaxar. — respondeu como se dissesse algo óbvio.

— E relaxar comigo está fora de cogitação?

— Você quer sair? É isso? Porque acho que não está no clima para encontrar os meus amigos. Ainda está muito triste com isso aí do seu pai.

— Isso aí do meu pai?! — ela repetiu — Este “isso aí” é que ele morreu. Você por um acaso acha que é motivo para que eu saia rindo?

— Está vendo? Caso encerrado. Você não está no clima para sair. Estou indo embora porque você está muito nervosa. Deve ser por causa do processo todo. Nunca perdi um pai, então não sei.

Ela o observou sair boquiaberta e pensou em muitas coisas para dizer. Como ele podia ser tão insensível? O relacionamento estava ficando ridículo. Não saíam mais juntos, não ficavam mais juntos em casa. Quando estavam os dois no mesmo ambiente, um estava lendo e o outro assistindo à TV. Agora mesmo ela tomaria um banho e leria um livro. Nada de diálogo, carinho ou algo mais. Aliás, não tinham algo mais havia meses. Era hora de terminar. Tomar a decisão foi fácil. Agora só precisava encontrar a coragem.

Capítulo 6

Nicolas entrou no quarto e se jogou na cama com um sorriso no rosto.

— Ih... Que sorrisinho besta é esse, cara? — perguntou seu primo.

— Nada não, Téo. Me deixa aqui pensando, tá? — respondeu sem tirar o sorriso dos lábios, fato que aguçou ainda mais a curiosidade do primo, que se sentou na cama.

— Pode ir tratando de abrir a matraca. Quero saber que passarinho verde é esse que você viu. Faz eras que não te vejo assim. Tinha mais de onde saiu esse?

Nicolas riu.

— Não vou te contar. Vai entender tudo errado. Eu te conheço.

— Como assim, cara?! Sou seu primo, irmão, camarada do peito. Sempre contamos tudo um ao outro e vai guardar segredo do sorrisinho mais besta que já vi você dando. Está escondendo o ouro por quê?

— Não estou escondendo nada. Eu conheci uma garota que...

— Ah... Sabia que tinha mulher na jogada. — interrompeu Téo.

Nicolas sentou na cama e olhou feio para o primo, fingindo estar bravo.

— É por isso que eu não queria contar. Sabia que entenderia assim e não tem nada a ver. Eu não fiquei com ela.

— Hein? — disse o primo realmente surpreso — Essa é nova pra mim. Essa cara de abobalhado foi por que então?

Nicolas pensou antes de responder, sabia que o primo analisaria cada palavra sem pensar direito. Veria como se fosse só mais uma garota e, definitivamente, Alessandra era muito mais do que isso. Ele até se surpreendia por se sentir assim por alguém que tinha acabado de conhecer.

— Em primeiro lugar quero que escute sem essas besteiras que está dizendo, certo?

— Certo. Estou curioso. — respondeu Téó, depois de pensar um pouco.

— Você já conheceu alguém e teve a sensação de que conhecia essa pessoa há muito tempo? — perguntou, vendo o primo balançar a cabeça negativamente de um lado para o outro.

— Pois é... Aconteceu comigo. Conheci uma garota hoje e sei lá... Posso estar errado, mas foi diferente.

Téó observava o primo falando e tentava não interrompê-lo. Eram como irmãos desde que um acidente horrível o fez ficar órfão de pais. Morava com a mãe de Nicolas havia vários anos e isso os aproximou ainda mais. Era estranho vê-lo como estava hoje, sorrindo à toa. Em relação a mulheres, Nicolas era discreto. Seu último relacionamento acabara com ele.

— Cara... Diferente como? — Não resistiu e perguntou — Ela te fez ficar interessado?

— Ah... Téó, não é isso. E eu nem poderia ficar interessado.

— Ué... Por quê? Essa sua história me deixa cada vez mais confuso. Já sei! — exclamou ficando em pé num salto — Ela não é seu tipo, né? Gosta de mulher ou coisa assim.

Nicolas começou a rir e foi difícil se controlar antes de responder.

— Até onde eu sei, ela gosta de homem mesmo, mas não é isso. Ela não é para mim. Mundos diferentes, sabe?

— Cara, só para esclarecer... Quando você diz mundos diferentes, quer dizer “mundos” diferentes mesmo? Quer dizer o quê? Essa conversa está muito estranha. Você bebeu? Você sabe que só faz besteira quando bebe. Talvez seja isso mesmo. O sorrisinho besta é porque colocaram alguma coisa na sua bebida. A menos que outros mundos sejam outros planetas, não vejo como ela pode ser de um mundo diferente do seu. Na verdade, você é livre e eu sou um cara sem preconceitos, ainda que fosse outro planeta, você teria o meu apoio.

Nicolas gargalhava.

— Primo, você é maluco, sabia? É claro que não bebi, e é claro que, quando digo mundos diferentes, estou me referindo a outras coisas, nível, berço, família, passado, tudo. Somos completamente diferentes. Eu não serviria para ela por inúmeros fatores que não estou a fim de declarar. A questão é que não estou pensando em ficar com ela. Tá... O pensamento

passou pela minha mente em alguns momentos, mas sei o meu lugar. Ela merece outro tipo de cara. Alguém sem o meu histórico.

— Afe, cara. Então “mundos diferentes” era você fazendo drama. Você e essa sua mania de se menosprezar. — Balançou a cabeça — Mas, enfim, não me deixa curioso. O que ela tem demais?

— Não é drama. Não sei se conseguirei te passar o que senti porque foi estranho. Bastou um olhar para que a sensação começasse. Eu a conhecia desde sempre. Notei uma tristeza em seus olhos. Não entendi ainda porque pareceu doer em mim. Ela parecia tão desiludida, como se não tivesse mais motivos para lutar. Ela não me disse nada a respeito, muito pelo contrário, acabou rindo das minhas piadas idiotas. Foi bom, muito bom, na verdade. Estou passando por uma fase péssima, como você sabe, e ela também. De repente nos ajudamos. Consegui o celular dela. Sou cara de pau. Logo mais darei “oi”.

Téo olhava para o primo intrigado, enquanto coçava o queixo.

— E vocês se conheceram hoje?

— Foi. Eu tinha ouvido muito falar dela pela Márcia, que trabalha lá no escritório, mas nos conhecemos hoje.

— E já sentiu tudo isso aí? — Apontou o dedo para o peito do primo.

— Ai... Lá vem. — Nicolas deitou-se na cama novamente e cobriu o rosto com as mãos.

— Não. Nem vou falar mais nada. — Preparou-se para sair do quarto. No último momento virou para trás e acrescentou — Peço apenas para que tenha a decência de me convidar para padrinho do casório. — e correu antes que um tênis atingisse em cheio a porta.

Capítulo 7

Mais tarde, após mais de cem páginas do livro, ela ouviu o celular tocando e não atendeu. Minutos depois recebeu uma mensagem de Luiz, dizendo que não dormiria na casa dela nesta noite. Como se ela não soubesse. Leu mais um pouco e depois resolveu navegar na internet. Abriu o Facebook e viu que tinha muitas mensagens. Tinha evitado ligar o notebook justamente porque não queria responder às perguntas costumeiras sobre estar bem e como estaria lidando com a morte do pai. É claro que não estava bem, mas teria de mentir e dizer que estava, afinal é o que todos queriam ler.

De repente o celular vibrou e ela viu que tinha recebido uma mensagem de um número desconhecido.

Sou eu, Nicolas, o Pedro me deu seu contato, se quiser conversar, aceita aí!

Definitivamente queria conversar com um amigo e, apesar de não poder chamá-lo assim, tinha-se sentido à vontade com ele. Alguns segundos de espera e ela respondeu.

Alessandra:

Olá, Nicolas. Tudo bem?

Nicolas:

Tudo ótimo. E vc?

Alessandra:

A etiqueta me diz para escrever que estou bem... =/

Ela escreveu sem pensar.

Nicolas:

Hum... Mas não tá. Nem tem como.

Entendo bem.

Ela surpreendeu-se com a franqueza dele.

Alessandra:

Não, não tem. Parece que ninguém entende isso.

Aliás, você sabe do que eu tô falando?

Nicolas:

Sei sim. Se lembra da Márcia? rsrs

Alessandra:

É verdade. Ela falaria algo assim.

Nicolas:

Não pense q ela fez fofoca.

Ela se preocupa muito com vc, sabia q eu entenderia e q poderia te ajudar.

Alessandra:

Eu sei que ela não contou por mal.

Como você me ajudaria?

Nicolas:

Meu pai faleceu quando eu tinha 15 anos.

Alessandra:

Sinto muito. Sei o quanto dói.

Nicolas:

Eu sei. Por isso a Márcia me contou e quis q eu conversasse com vc na reunião big dela.

Alessandra:

Ah... Por isso conversou comigo?

Ela não soube explicar porque ficou triste com isso.

Nicolas:

Claro que não foi por isso.

Tava me escondendo justamente de vc, quando surgiu no quintal. kkkk

Nunca chegaria pra conversar por causa disso. Sei bem q nesse caso precisamos de tempo. E nem imaginava q era vc, quando te vi brincando com o Zeus.

Alessandra:

Coincidência, né?

Nicolas:

Pois é.

Acho que era pra nos conhecermos então.

Mas não vou perguntar do seu pai. Isso é uma coisa q quando vc estiver pronta irá me contar. ^^

Alessandra:

Obrigada. Não estou pronta para falar dele.

Nicolas:

Eu sei. Fica tranquila.

Mas agora me diz o que está te incomodando.

Não é o seu pai.

Alessandra:

Como você sabe?

Nicolas:

Sou sensível. kkkk

Ah... Sei lá. Você parece precisar conversar.

Alessandra:

Preciso mesmo.

Problemas com namorado.

Ela observou que ele levou alguns segundos para recomeçar a digitar.

Nicolas:

Tem namorado?

Alessandra:

Sim...

Nenhum dos dois soube o que digitar por um tempo até que ele quis quebrar o gelo.

Nicolas:

Bom... Nesse caso sorte dele e azar o meu, porque agora mesmo que não tenho chances. rsrs

Assim que mandou a mensagem, ele deu um tapa na própria testa. “O que eu tenho na cabeça? Isso é o que eu chamo de queimar o filme, senhor

Nicolas. Além do mais você não quer nada com ela, lembra?” — pensava enquanto esperava uma resposta.

Alessandra:

Bobo. Me fez rir com isso. rsrs

“O que um cara alegre como ele veria em alguém tão imersa em tristeza como eu?” — pensou, mas diferente dele não teve coragem de escrever.

Nicolas:

Que bom. rs

Rir sempre é bom.

Há quanto tempo namora?

Alessandra:

Cinco anos.

Nicolas:

Caramba!

Alessandra:

É... Tem bastante tempo.

Mas estamos em crise e não sei o que fazer.

Por alguns segundos, ela pensou que não conhecia Nicolas para falar de detalhes de sua vida, mas falar com ele era tão fácil, tão simples, que não pôde deixar de continuar.

Nicolas:

Crise ou final mesmo?

Precisa ter certeza porque crises são passageiras.

Alessandra:

Ah... É uma crise que dura uns três anos já.

Então acho que é final mesmo.

Nicolas:

Tentaram conversar?

É sempre bom.

Alessandra:

Esse é o problema, nos afastamos num nível em que conversa não tem ajudado mais.

Nicolas:

Se vc ama o cara vale a pena tentar.

Vc ama?

Ela nem pensou antes de responder.

Alessandra:

Não mais.

“Como eu posso responder tão facilmente para ele o que evitei dizer ao Lê?” — pensou.

Nicolas:

Nesse caso não há alternativa.

Alessandra:

É... Eu sei... Meu irmão disse isso. Estou criando coragem.

Nicolas:

Como assim?

Alessandra:

Não quero magoá-lo.

Durante um tempo, fomos felizes.

Faz tempo que não sou feliz com ele.

Nicolas:

E prefere sofrer a fazer alguém sofrer.

Não deve fazer isso.

Ele é grandinho e vai sobreviver.

Acredite.

Não há dor de amor que não acabe.

Vai por mim.

Alessandra:

Já sofreu por amor?

Novamente, ele pensou bastante antes de responder.

Nicolas:

Muito.

Ainda sofro.

Situação mal resolvida, não acabou de fato.

É complicado.

Mas isso é conversa para outro dia.

Você se importa se não falarmos disso?

Alessandra:

Claro que não.

Eu entendo.

Entendia sim, apesar de querer muito saber quem o tinha feito sofrer e por quê. Ela aprenderia com o tempo que Nicolas tinha uma capacidade

enorme de se fechar e não falar dos próprios problemas.

Os dois conversaram durante duas horas sem perceberem o tempo passar. Conversaram sobre a vida, relacionamento (o dela, porque ele se negava a falar sobre o dele), filmes e séries e descobriram que tinham essa paixão em comum. Apesar de não desabafar sobre o pai, ela sentia-se mais leve falando com ele. Não precisava pensar, era deixar saírem as palavras conforme surgissem. Um pouco antes da meia-noite se despediram e ela foi dormir.

Deitada na cama, lembrou-se de Luiz. “Como nos afastamos desse jeito?”

Começaram a namorar cedo demais. Talvez esse fosse o problema ou talvez o que tiveram foi uma paixãoite. Tinham de lidar com isso mais cedo ou mais tarde, contudo evitavam. O sono começou a atrapalhar seus pensamentos e adormeceu.

Capítulo 8

No próximo mês começou a se formar uma nova rotina na vida de Alessandra. Tudo permanecia igual, exceto o momento em que chegava em casa. Agora preparava alguma coisa para comer, tomava seu banho e corria para o aplicativo de mensagens. Essa era a parte diferente, antes não ligava muito para isso, agora não via a hora de estar online.

A amizade com Nicolas lhe fazia um bem enorme. Sentia a falta do pai, mas não sentia mais o coração sufocar ao pensar nele. Conversavam com o novo amigo sobre os mais diversos assuntos, muitas vezes até ajudava-a em suas pesquisas para material de aula. Eles se falavam praticamente todos os dias. Devido a tanta proximidade começaram a conhecer as particularidades um do outro. Detalhes que não contavam a mais ninguém. Na verdade, Alessandra era quem se abria mais, Nicolas preferia apoiá-la a se abrir. Não sabia o que faria sem ele, especialmente naquela data em especial.

Nicolas:

E aí, moça?

Boa noite.

Alessandra:

Boa noite, Nicolas.

Tudo bem?

Nicolas:

Sim sim

E vc?

Ela hesitou antes de escrever. Queria contar a ele o que estava sentindo e não sabia por onde começar.

Alessandra:

Eu estou bem, mas um pouco triste...

Ele se agitou do outro lado do celular. No pouco tempo em que a conhecia, não gostava nada de vê-la triste. Reconhecia sua tristeza de longe. Nos primeiros dias achava estranho, depois passou a aceitar que a amizade deles era especial. Uma vez lhe disseram que as palavras escritas têm um poder muito grande. Talvez fosse por isso.

Nicolas:

Hum...

O que houve?

Problemas com o namorado?

Conversou com ele?

Ele não entendia o namorado dela. Que homem em sã consciência deixava a mulher abandonada daquele jeito quando ela mais precisava dele? Também não entendia por que ela prorrogava um relacionamento que parecia ter terminado.

Alessandra:

Não conversei com ele.

Estou me dando um tempo antes de enfrentar isso.

Sou covarde, eu sei.

Nicolas:

Não, não é covarde.

Só tem essa mania de se machucar antes de machucar os outros.

Ele pensava em tudo o que soube do namorado dela nesses dois meses. Realmente, Alessandra adiava o inadiável.

Sem saber o que dizer, ela contou o que a afligia.

Alessandra:

Hoje é o aniversário do meu pai, ou melhor, seria o aniversário dele.

E daqui a três semanas você sabe que dia será.

Dia dos pais...

Não sei como viver sem ele.

Em momentos como esse a dor é insuportável.

Não entendo por que ele se foi. Quero entender. Juro que quero.

Mas não consigo.

Sinto falta de nossas conversas.

Se sonho com ele não quero acordar.

É horrível.

Não sei se você entende.

Pode parecer besteira, mas meu pai era tudo pra mim.

Antes mesmo de terminar de escrever, ela começou a chorar.

Nicolas:

Não parece besteira. Eu perdi meu pai também, lembra?

E vcs tinham um relacionamento bem apegado.

Alessandra:

Meu pai era um leitor voraz e amava escrever. Trocávamos nossos textos. Eu

acho que palavras escritas têm um poder enorme de unir as pessoas.

Apesar da tristeza do momento, Nicolas sorriu pela coincidência de ela dizer exatamente o que ele pensava. Fatos assim aconteciam sempre.

Nicolas:

Eu acredito plenamente nisso. Cada dia mais vejo q as palavras têm esse poder. Basta ver o que acontece entre a gente.

Queria poder estar ao seu lado nessa hora porque não tem muito que dizer.

Eu não sei muito sobre ele, mas vejo o orgulho que tem, ainda que não me conte muito sobre seu relacionamento.

Nossa...

Sei como se sente porque essa tristeza misturada com revolta eu senti também.

Ainda hoje eu não consigo falar disso sem que pareça doer por dentro.

Meu pai morreu num acidente de carro, um garoto bêbado o matou. A ele, meu tio, minha tia e minha irmã...

Alessandra:

Nicolas, eu sinto muito. Nunca imaginei. Meu Deus.

Nesse momento, Alessandra pensava que a dor dela não era tão

importante. Pensava na dor dele e no quanto deveria ter sofrido. Por um momento fechou os olhos e imaginou o mundo sem seu irmão. Ela certamente não suportaria. Agora ela chorava por ele.

Alessandra:

Eu sinto muito mesmo. Não consigo nem imaginar a sua dor.

Nicolas:

Minha irmã teria a sua idade agora.

O único que sobreviveu nesse acidente foi um primo meu que mora conosco desde aquela época.

Eu quase enlouqueci.

Sabe, foi minha mãe caiu na besteira de me dizer que Deus os havia levado com Ele por serem pessoas especiais.

Eu fiquei muito zangado. Pensava em como Deus poderia levá-los daqui se eles eram especiais? Fiquei revoltado pensando em quantas pessoas ruins existiam, incluindo o filho da mãe que tinha bebido demais e tirado a vida de todos eles. E Deus levando bem as pessoas boas.

Mas aí o tempo foi passando...

E nesses casos só o tempo mesmo. Apesar de o tempo não curar isso, aliás, o tempo não cura nada, mas a dor é levada pra longe. O tempo é capaz de desfocar as nossas dores e nos distrair com a vida que segue, mas a dor

nunca some por completo. A gente a coloca num arquivo do coração e evita mexer nela.

Se mexermos, acabamos sofrendo, não da mesma forma, mas ainda assim doerá.

Não há muito que fazer além de esperar o tempo passar.

Sinto demais por isso. Se eu pudesse tirar todo esse sofrimento de vc e transferir para mim eu o faria sem pensar. Estou acostumado a essa dor. Ela ainda me machuca, mas adquiri certa imunidade.

Eu me sinto um inútil por não poder fazer nada por vc daqui e nem se estivesse aí também.

Isso é com você, Anjo.

Posso ficar ao seu lado sempre. E ficarei mesmo.

Mas não posso arrancar o q te machuca ainda q eu queira.

A morte é impiedosa, não é apenas quem se vai q morre, quem fica morre também, mas tem a infelicidade de ter q seguir em frente.

E ninguém nunca está preparado. Por mais q se pense que está.

Alessandra sentiu as lágrimas rolando. A dor pela morte do pai parecia que nunca acabaria, mas Nicolas estava ali oferecendo todo o apoio que podia, independente da dor que ele sentia pelo próprio pai, tios e irmã. Ela podia sentir sua força ainda que estivessem longe um do outro. Sem pensar

digitou:

Alessandra:

Nicolas, você é o melhor amigo que alguém poderia ter, sabia?

Nicolas:

Eu? Mas eu nem fiz nada.

Alessandra:

Fez sim. Muito mais do que imagina.

Você me contou parte da sua história hoje e sei o quanto evita falar sobre você.

Esse fato me irrita, às vezes. rs

Mas eu entendo e tenho uma pequena noção do quanto tudo isso foi doloroso para você e ainda é. Mesmo assim deixou sua dor de lado na intenção de me consolar.

Eu me sinto tão perdida desde que meu pai se foi e não sei o que eu faria sem ter você aqui.

Não que eu contasse meus problemas para ele. Nunca contei pra ninguém. Fui me afastando de todos os meus amigos enquanto meu pai adoecia. No começo, eles tentavam contato, depois acho que perceberam que eu não queria papo e me deixaram. Meu pai lia meus textos, sei que se preocupava com a melancolia de algumas poesias, mas nunca dizia nada, apenas me

escrevia outros.

Queria que eu visse a beleza do mundo. Acredite, sei que o mundo é belo, sei mesmo, não fui a vida toda triste assim, mas depois que ele ficou doente, tudo ficou... Não sei... Perdeu o significado pra mim.

Nicolas:

Alê, você já parou para pensar que talvez tenha depressão?

Ele mandou a pergunta e ficou agoniado, torcendo para que ela não se zangasse ou se fechasse. Não podia continuar sendo seu amigo se não questionasse. Depressão era algo sério e, por mais que o luto fosse algo muito doloroso, parecia que havia algo mais profundo nela, como se a puxasse o tempo todo para as profundezas.

Alessandra:

Já pensei, mas acho que não tenho. Passei por muita coisa. Deve ser a tristeza normal da vida.

Ele discordava, porém não insistiria mais por hoje. Continuaría observando-a e cuidando dela como pudesse. Rapidamente, ela mudou de assunto.

Alessandra:

Sempre imaginei meu pai lendo para meus filhos, fazendo os passeios que fazia comigo. Ensinando tudo o que me ensinou.

Não vai acontecer. Eu só preciso me acostumar. Aceitar.

Nicolas:

Vc vai ensinar a eles.

Tenho certeza de q aprendeu bem com seu pai e passará aos seus filhos.

É claro q será uma perda para eles não conhecerem o avô, mas vc estará lá.

Pode passar tudo o q aprendeu com ele com a sua própria sensibilidade.

Eles ficarão bem. Mas eles já são outro capítulo da história. O problema é cuidar de vc. Vc precisa ficar bem.

Alessandra:

Meu pai tinha a capacidade de levar minha dor e tristeza para longe com as palavras escritas.

Exatamente como você está fazendo agora.

Obrigada por estar comigo.

Nicolas não soube o que dizer. Segurando o celular, pensava na enorme conexão que tinha com ela. Não entendia de onde vinha. Não entendia por que era tão intensa. Sabia apenas que era bom tê-la em sua vida.

Alessandra:

Não é estranho?

O mais estranho era ele saber exatamente do que ela estava falando antes mesmo que digitasse.

Nicolas:

No começo eu achava assustador, agora eu aceito.

Não tem muito que fazer.

Alessandra:

Eu deveria estar surpresa por você saber do que estou falando. Como pode saber que o meu “estranho” é relacionado a nós dois?

Nicolas:

Não sei.

Acho que eu conheço as suas pausas.

Parece que sei o que pensa em alguns momentos.

Não é nada como se lesse sua mente porque isso sim seria assustador. kkkk

Alessandra:

Nem me fale. rs

Nicolas:

Ah... Alê, sei lá.

Parece que temos uma conexão forte.

Talvez por tudo o que já passamos.

Não sei.

Sei lá.

Ah... Me enrolei. kkk

Quer procurar uma vidente comigo ou quem sabe um psiquiatra? kkkk

Alessandra:

Bobo. rs

Ela fez mais uma daquelas pausas. Ele não sabia o que viria, mas sabia que seria algo característico dela.

Alessandra:

Sabe...

Nicolas:

Agora não sei. Acho que nossa conexão está caindo.

Perdi o fio do seu pensamento. rs

Ele não conseguiu evitar a brincadeira.

Alessandra:

rsrs

Você é muito bobo.

Mas... ai...

Às vezes, eu penso que meu pai deu um jeito de enviar você para me ajudar.

Nicolas:

Já pensei nisso.

Alessandra:

Sério?

Nicolas:

Claro. Seu pai chegou lá e teve uma conversinha com meu pai. Aí os dois desocupados resolveram nos unir. kkkk

Tô brincando, Anjo.

Taí algo que nunca pensei.

Alessandra:

Ah... Sem graça. Estou falando sério.

Nicolas:

Eu sei. Desculpa. Eu quis descontrair. rs

Alessandra:

Tá bom. Está desculpado. =P

Não sei por que, mas parece que temos uma ligação tão forte. É tão fácil contar tudo para você.

Nunca desabafei assim com ninguém, mas você tem o dom de me fazer falar demais.

Nicolas:

Já percebi.

Às vezes não sei se é um dom ou uma maldição. rsrs

Alessandra:

Desse jeito vou te chamar de bobo a noite inteira.

Eu sei que é uma bobeira e nunca fui de acreditar nessas coisas, mas sei lá...

É estranho, às vezes.

E é reconfortante pensar que onde quer que meu pai esteja ele está cuidando de mim.

Nicolas:

Disso eu não duvido.

Do outro lado do celular, Nicolas pensava se era possível existir alguém tão meiga como ela. Também tentava entender por que Luiz não terminava com Alessandra. Afinal, eles mal conversavam e pelo que ele sabia o relacionamento estava acabado. Queria vê-la feliz e sabia que ela não era. Tal constatação doía de uma forma que não sabia explicar. Mas não podia fazer nada. Tudo tem um limite e ele ultrapassara vários. A amizade deles crescia rápida e intensamente. Ela se tornava transparente aos seus olhos e

ele, apesar de tentar muito se esconder, mostrava vislumbres de seus sentimentos a ela. Ele sabia o significado de cada palavra. Entre eles, até pausas diziam muito.

Conversaram mais um pouco e depois ela se despediu. Precisava preparar a aula do dia seguinte.

Capítulo 9

Eram 22h quando Luiz cruzou a porta da sala. Alessandra nunca sabia quando ele viria ou não dormir ali. No momento em que chegou estava tomando banho e não ouviu a porta do quarto abrindo. Ela tinha acabado de escrever uma poesia sobre o que estava sentindo em relação ao pai, deixou-a sobre sua escrivaninha antes de ligar o chuveiro.

Meu eu sem você

Fechei os olhos.

Não queria ver. Não queria sentir.

Não queria nada que me lembrasse de você.

Tentei não pensar.

Descobri que o nada ainda me leva até você.

Você não voltará. A dor é imensa.

O chão se abre aos meus pés.

Afundo mais uma vez.

E não emergirei mais.

A minha luz se foi.

Abri os olhos. Queria ver.

Queria sentir.

Queria que tudo me levasse a você.

Luiz lia e, a cada palavra, tornava-se mais furioso. Ela o estava traindo. Era por isso que passava tanto tempo no celular. O tal amiguinho que vira no Whatsapp outro dia era o outro. Suas conversinhas bestas sobre o relacionamento eram por isso. Só agora ele entendia. Estava sendo passado para trás. Ele a tinha visto conversando com um cara novo por mensagem, mas nem passou pela sua cabeça que estivesse sendo traído. Até tinha achado bom que ela conversasse com outros sobre a morte do pai, porque era um assunto realmente desagradável para ele, apesar de o pai dele tê-lo alertado que nunca é bom deixar uma mulher ficar de conversa com outro homem. Havia tempos não sentia mais paixão por ela, mas o bom e velho sentimento de posse que tumultuava vários finais de relacionamentos estava presente entre eles.

Ele queria rasgar a poesia, ela nunca tinha escrito nada assim para ele, nem quando estavam apaixonados. Mas se segurou e esperou, pacientemente, que ela saísse do banheiro.

Alessandra terminou de se secar, vestiu um pijama quente e saiu do banheiro. Estranhou ao ver a luz do quarto acesa, não se lembrava de tê-la

deixado assim. Ao entrar, deparou-se com Luiz sentado na cama com uma folha de papel na mão.

— O que está fazendo aqui? — ela perguntou ainda no susto pela aparição desavisada.

— Não posso vir à casa de minha namorada? Aliás, eu pensava que era, embora sinta que não sou bem-vindo por aqui nas últimas semanas. E eu achando que estávamos prestes a morar juntos.

Ela respirou fundo. Previa problemas.

— Nunca conversamos sobre morar juntos. Bom... Conversamos sim, mas foi quando meu pai começou a adoecer e não era hora. — Lembrou-se da poesia e olhou para a escrivanhinha.

Ele interpretou da forma errada.

— E agora posso mudar de vez para cá? — inquiriu.

Ela o olhou espantada e respondeu hesitante:

— É... Agora não seria uma boa hora. Estou me adaptando ao que aconteceu. Nós não estamos bem e não seria certo.

— Você está me traindo, é isso? — perguntou sob o olhar espantado dela e chacoalhou a poesia em sua mão. — Arrumou outro e agora vem com essa conversa de que não estamos bem.

— Nós não estamos bem mesmo. Você está louco? Sequer conversamos mais. Não dá para continuar dessa forma. Essa poesia não tem

nada a ver com o que você está pensando, eu a escrevi para...

— Ah... Para de inventar desculpas! — Ele a interrompeu, empurrando-a contra a parede. — Tá com medo de quê? Não é possível que depois de cinco anos iremos terminar assim. Já tinha minha vida toda esquematizada. Estou pensando seriamente em mudar para cá. Vim hoje conversar com você sobre isso. Acho que passou tempo para o seu luto e daria para conversarmos sobre o nosso futuro.

Alessandra estava com os olhos e a boca abertos, assustada. Luiz tinha um jeito agressivo de falar, mas nunca a tinha machucado antes.

— Quem é ele? Tenho o direito de saber. Pode me diz agora quem é a paixonite idiota que está colocando essas besteiras de se separar de mim na sua cabeça? É o tal carinha do Whatsapp? Ele te deu um fora, foi? Por isso essa poesia ridícula? Está sofrendo com a perda? Você sempre foi melodramática. — Ele passou a mão pelos cabelos, nervoso — Bem que vi você passando muito tempo celular. Sabia que ia dar merda. Eu deveria ter feito o que meu pai me aconselhou e a impedido.

— Como é que é? Você realmente está louco! Em primeiro lugar a casa é minha, o celular é meu, e você não tem direito de me impedir de fazer coisa alguma. — falou alto e o chocou com sua reação — E eu não estou apaixonada por ninguém. Estou sofrendo, sim, com a perda de alguém e esse alguém é meu pai. Você esqueceu que dia é hoje? — ela estava perdendo o

controle, as lágrimas quentes começavam a cair e ela sentia raiva de si mesma por isso. Odiava estar chorando na frente dele quando tinha vontade de esganá-lo — É o aniversário do meu pai. Seria o aniversário do meu pai. Eu o perdi e sofro com sua perda, e por isso a poesia. Afinal, não posso contar com seu apoio, certo?

Ela saiu em direção à sala, pegou o celular e, quando abriu a agenda de contatos, ele veio atrás dela.

— Olha, amor... Acho que não é motivo para tudo isso. — Estava arrependido e falava baixo — Realmente, eu não me lembrei do aniversário do seu pai, mas é que estou cheio de problemas no serviço. Aí cheguei, vi a poesia e não pensei em mais nada. Preciso que entenda e me dê razão, por favor. Tenho que proteger aquilo que é meu. — Tentou acaricia-la e foi repellido. — Para quem vai ligar?

— Para o meu irmão.

Ela se conhecia. Sabia que se ficasse sozinha acabaria com pena dele. Não poderia mais permitir isso consigo mesma. Estava cansada. Queria ficar sozinha. Chorar a dor necessária e o relacionamento falido que mantinha só a fazia sofrer mais. Precisava criar coragem.

— É o cúmulo que depois de um mês da morte do meu pai você venha querer discutir a relação bem hoje e da forma que fez. Você me abandonou, Luiz. Em todo esse tempo fiquei sozinha. Não, sozinha não, eu tive meus

amigos, senão não teria aguentado. Não estou aguentando, aliás. Tenho sofrido como nunca sofri. Meu pai era o meu mundo e você sabe muito bem disso. — ela parou de falar porque a ligação foi completada e seu irmão atendeu — Lê, é a Alê. Será que pode vir pra casa? Sim... Estou bem, mas... venha. Quando chegar eu explico. Beijo.

Sabia que o irmão não faria muitas perguntas por ser o dia que era.

— Você não devia tê-lo chamado. Amorzinho, pensei que nos entenderíamos. — O tom dele era completamente diferente de antes.

Luiz sabia que alguma coisa estava errada. Alessandra estava ciente do que queria, tinha uma força nela que ele não sabia de onde vinha, mas ele não queria terminar. Sabia que não estavam bem. Nunca acreditou em contos de fadas, e para ele um casal não precisava viver cheio de amor. Uma convivência normal bastava.

— Você tem noção de quanto tempo faz que não me chama assim? — ela falou baixinho. Estava esgotada. — Vá embora, por favor. Meu irmão está vindo e ele estava bem perto, ou seja, chegará nos próximos minutos.

Alessandra dizia para si mesma para não desistir. Não ceder mais uma vez em sua vida. Tinha o direito de tentar ser feliz. Não era feliz com Luiz. “Pai, me ajude.”

— Ah, Alê. Para com isso. Vamos fazer assim, vou embora, amanhã voltarei e conversaremos. O estresse é que está fazendo você agir assim.

“Força, Alessandra. Faça o que tem que fazer.” — Ela quase podia ouvir a voz do pai.

— Não. É melhor terminarmos, Luiz. Não há mais volta. Há algumas horas eu estava bem. É claro que estava triste, mas estava lidando com isso. Aí você apareceu e fez com que eu me desestruturasse mais uma vez. Estou cansada. Não preciso de você para me puxar para baixo. — Ela não mencionou o empurrão que ele lhe dera, mas não conseguiria perdoá-lo. Sabia bem o que poderia vir depois disso.

Ele começou a se irritar.

— Você não pode terminar um relacionamento de cinco anos dessa forma.

— O relacionamento terminou há mais de dois anos, só estou oficializando as coisas antes que seja tarde demais. Nós não somos nem amigos, Luiz. Que interesses temos em comum? Como pudemos chegar a esse ponto? É um erro continuar. Seja racional. Há quanto tempo não nos sentamos para uma conversa ou assistimos a um filme juntos?

— Caramba! Eu estava dando um tempo para você viver o seu luto. E antes seu pai estava doente e você passava todo tempo com ele, mas estamos juntos há muitos anos, não pensei que acabaria assim. Por favor, me dá uma chance.

Ela hesitou, sempre fora assim, não sabia terminar relacionamentos. Ele

sabia e se aproveitava de sua fraqueza: o medo de magoar as pessoas. Ela não sabia o que fazer, mas tinha chegado até ali.

Ele pensou em dizer algo mais, mas tinha orgulho e não imploraria.

— Você se arrependerá dessa decisão, mas em todo caso vou indo. Posso lhe dar um beijo de despedida? — foi até ela para beijá-la nos lábios, mas ela virou o rosto e o beijo foi na face — Tudo bem. Você que sabe.

Olhou seriamente para ela e fez menção de falar quando ouviu a moto de Leandro sendo estacionada. Não havia mais nada a conversar. Luiz foi embora no mesmo momento em que o irmão entrou com o semblante preocupado e seu capacete na mão.

— Terminamos. — foi só o que ela conseguiu dizer antes de começar a chorar. Parece que vivia numa montanha-russa de emoções.

Capítulo 10

Leandro ouviu a irmã relatar a briga. O sangue ferveu quando pensou no idiota do cunhado acusando-a de traí-lo quando ela tinha escrito uma poesia para o pai. Uma bela poesia, por sinal. Ela sempre tivera jeito com as palavras. Ele lembrou-se de quando pegava emprestadas suas poesias para paquerar as meninas da escola. Bons tempos. Alessandra lhe dava um sermão quando descobria, e ele fazia cara de arrependido com o coração partido, é claro que ela cedia e diminuía a intensidade da bronca.

Ele saiu do banheiro com a toalha enrolada na cintura, molhando o quarto todo e encontrou uma camiseta e uma bermuda limpas sobre a cama. Passou um pano de qualquer jeito sobre a poça de água que ele formou e se trocou.

Sentiu um aroma agradável vindo da cozinha e, depois de trocado, seguiu para lá com os cabelos ainda pingando.

— Você vai molhar a cozinha inteira assim. — ela disse assim que o viu — E pelo que o conheço deve ter feito o mesmo com o quarto.

— Em minha defesa digo que sequei o chão. E quanto à molhadeira, você não entende mesmo que esse visual recém-saído do banho abala geral a

mulherada, né? — Secou o cabelo com a toalha e riu.

Alessandra olhou para os dois lados antes de responder:

— Não estou vendo nenhuma mulher para ser seduzida por aqui. — falou séria e em seguida começou a rir — Você é um bobo mesmo.

— Sou nada. Sou um gênio. Eu fiz você rir.

— Você dificulta e muito o trabalho dos outros homens, sabia? — ela perguntou ainda rindo.

— Por quê? — perguntou curioso.

— Ah... Porque eu sei todos os truques de conquista possíveis e imagináveis por sua causa.

— Isso não tira a sua inocência, irmãzinha. Até queria que esse meu jeito maluco de ser a fizesse ver que a maioria dos homens se aproxima das mulheres querendo apenas uma coisa. E não é amor. — respondeu roubando um pedaço de bacon frito e levando-o à boca antes que ela lhe batesse com o pano de prato.

— Lê! Você sabe que não gosto que mexam na comida enquanto estou cozinhando. — falou rindo. Sabia que com o irmão não adiantava falar sério.

— Como é que você está?

Enfim, ele tocara no assunto que ela estava evitando. Tinha consciência de que não escaparia por muito tempo. Ela pegou os tomates picados e acrescentou à frigideira com o alho e a cebola e, enquanto os refogava,

respondeu:

— Estou triste pelo dia de hoje ser o dia que é. Às vezes acho que nunca vou conseguir lidar com isso. — respondeu sem falar diretamente na morte do pai.

— É... Eu sei. Você nunca deveria se esquecer disso, sabe? Que eu sei a dor que você sente. Não se deixe enganar pelo meu jeito. Cada um lida com a dor de um modo. Eu não tinha a ligação forte que vocês tinham, quer dizer, nunca tive nenhum problema sério com o pai, era apegado a ele, mas vocês... Sei lá... Tinha toda essa parada de livros e séries. Isso os aproximava ainda mais. Até a mãe tinha ciúmes disso como você deve saber melhor do que eu.

Ela assentiu e continuou a preparar omeletes para eles. Já estava triste o suficiente, e colocar a mãe na história seria abusar do estado de espírito. Sentia falta dela, mas ambas se evitavam depois do falecimento do pai. A mãe estava em negação, agia como se o pai fosse voltar para casa, falava dele no presente ao mesmo tempo em que nunca parava em casa. A família tinha uma condição financeira muito boa e a aproveitava disso para não ter que ficar parada e enfrentar a realidade.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta, Alê — insistiu o irmão — Não era sobre o pai que eu falava. Como é que está em relação ao seu namoro, ou melhor, ao fim do seu namoro?

— Honestamente? Estou aliviada. Não pensei que me sentiria assim,

mas parece que tirei um caminhão das costas. Você tinha razão, meu relacionamento acabou faz tempo. — Jogava a toalha de mesa em direção a ele — Coloca a mesa pra mim?

— Outra coisa que precisa aprender.

— O quê? Colocar a mesa? — ela perguntou confusa, mas já esperando alguma besteira do irmão. Conhecia-o muito bem.

— Não, que eu tenho sempre razão.

— Você se supera, Lê. De verdade. Precisamos passar mais tempo juntos.

Ele sorriu. Era incrível como algumas horas fora daquele relacionamento sufocante fizeram bem a ela.

— Nós vamos passar.

Ela o encarou, pensativa. Algo em seu tom lhe dizia que ele guardava um segredo.

— O que foi, Lê?

— A mãe estendeu a viagem dela por alguns meses. A vó me contou hoje. Ela passará uma temporada na Europa com a tia Marina e D. Tereza, sua ex-sogra. Não está sabendo, né? — Antes mesmo de terminar de falar, ele percebeu que não deveria ter tocado nesse assunto.

— Não, não tinha ideia. — Tentou esconder a tristeza que a abateu.

O clima ficou pesado e Leandro aproximou-se dela. As duas não se

entendiam desde que o pai ficara doente. A mãe entrou em negação e a filha não saiu do lado do pai até o fim. Após o falecimento dele, parece que a ficha caiu e precisava culpar alguém. Era mais fácil culpar Alessandra do que a si mesma ou conversar sobre o assunto.

— Alê, nem esquentar. — Acariciou seus cabelos. — Sabe que ela é assim mesmo. Será bom passar um tempo longe daqui. Talvez a faça ver que tem dois filhos perfeitos e responsáveis, e que é hora de parar de arrumar encrenca por qualquer motivo. Esse “responsáveis” não se aplica a mim todos os dias. É melhor deixar claro.

— Bobo — ela não conseguiu evitar o sorriso antes de continuar — Sei que sou besta por me importar com isso. Ainda não entendi aonde ela quer chegar me ignorando. Parece que perdi meu pai e minha mãe.

— Eu sei, mas precisa aprender a lidar com isso. Infelizmente, ela é assim. Ela fugiu e agora não quer aguentar as consequências. — respondeu ele num dos poucos momentos em que demonstrava tristeza — Mas eu estou aqui sempre. Pode contar comigo para tudo. Tanto que ficarei mais em casa e faremos várias maratonas de séries. Será bom para nós dois. Só tenho uma condição.

— Qual?

— Nada de tristeza. Vamos agitar essa casa. Festinhas, bagunça etc. Vamos abalar geral. — Empolgou-se.

— Não posso prometer nada. — ela respondeu, mas já sorria.

Capítulo 11

Na manhã seguinte a mãe lhe telefonou. Alessandra sabia que tinha dedo de seu irmão, mas preferiu agir como se não soubesse. D. Helena passaria dois meses viajando pela Europa. Despediu-se da filha e disse que seria bom que o irmão ficasse mais em casa naqueles meses porque assim Alessandra poderia cuidar dele. Ela mordeu a língua para não dizer que o irmão estava bem grandinho para precisar de cuidados e, mais uma vez, relevou. A mãe não tocou no assunto da data especial que foi o dia anterior e ela deixou passar, também não contou a ela que tinha terminado o namoro, mesmo sabendo que teriam problemas depois. Não poderia esconder por muito tempo, principalmente, por ser D. Tereza, mãe de Luiz, quem viajaria com ela.

Assim que desligou encerrou a ligação, Alessandra abriu o Whatsapp. Lembrou-se de que não tinha conversado com Nicolas depois que terminara com Luiz. Leandro tinha saído para jogar bola com os amigos, como fazia praticamente todas as manhãs de sábado, então seria uma boa hora para conversarem. Ela chamou o amigo e engatou um papo com ele, mas sem mencionar diretamente o término, ainda não sabia direito como lidar com isso. Era estranho, depois de tantos anos, ver-se solteira.

Nicolas passou a noite pensando em como Alessandra estaria. Por duas vezes pegou no celular para ligar para ela, mas acabou desistindo. Ele se lembrava da dor enorme que sentiu no primeiro aniversário do pai depois de sua morte. Queria poder fazer mais por ela e sabia que não podia. Enfim criou coragem e perguntou:

Nicolas diz:

Como passou a noite?

Pensei bastante em vc.

Com medo de que estivesse triste.

Alessandra diz:

Ah... Fiquei um pouco triste, não tem como evitar.

Mas me senti melhor depois que conversamos.

Tenho que te agradecer por isso.

Nicolas diz:

Somos amigos.

Esse apoio faz parte. =]

Vc faria o mesmo por mim.

Alessandra diz:

Faria sim. Claro!

Nicolas diz:

Tá vendo?

Então não precisa agradecer mais.

E como estão as coisas por aí hoje?

Alessandra diz:

Ontem depois que conversamos aconteceu uma coisa.

Nicolas diz:

O quê?

Ele perguntou ciente de que viria uma longa explicação antes de saber exatamente o que tinha acontecido. Ela tinha uma tendência a fazer longas apresentações de um assunto. Apesar de não saber se era um problema sério ou não, ele sorriu do outro lado do celular, por reconhecer essa característica da sua escrita. Outra coisa que ela fazia era escrever tudo por extenso. Alessandra não fazia abreviaturas como os outros internautas. Ela chamava essa linguagem de assassinato do português, afinal para que tanta pressa? Ele também não abreviava muita coisa, apenas “q” e “vc” às vezes. Já fazia isto antes de conhecê-la, e depois achou melhor não provocar mais a defensora da escrita.

Alessandra:

Depois que conversamos, resolvi escrever uma poesia para meu pai.

Eu já te disse que escrevo e que trocava textos com ele.

Isso me faz um bem danado quando estou triste.

Me senti aliviada depois que escrevi.

Fui tomar um banho.

Minha ideia depois era ver um filme ou ler um pouco e dormir.

Nicolas:

E o q aconteceu de diferente?

Alessandra:

Aconteceu que eu saí do banho e vi as luzes da sala e do quarto acesas.

Só que eu tinha deixado tudo apagado.

E qual foi o meu susto quando chego ao quarto de dou de cara com o Luiz!

Nicolas:

Apareceu sem avisar de novo...

Mas até q não é tão estranho assim.

É seu namorado e ele tem a chave. rsrs

Alessandra:

Já te contei que não fui eu quem deu a chave para ele, né?

Nicolas sorriu, ela já tinha contado.

Alessandra:

Então... Mas o problema não foi ele estar aqui.

O problema foi que cheguei ao quarto e lá estava ele de cara feia com a minha poesia na mão.

Nicolas:

Vixi

Tô vendo tudo.

Achou q era para outro cara.

Alessandra:

Ele não achou que era para outro cara.

Achou que era para você.

“o tal carinha com quem eu converso sempre no Whatsapp agora”

Nicolas:

Achou q era eu?

Virei o outro sem ter feito nada. rs

E aí, você explicou?

Ele entendeu?

Nicolas pensava que ainda bem que ele estava acostumado com todo o suspense que Alessandra fazia em momentos assim ou estaria doido nessas horas.

Alessandra:

Entendeu nada.

Me acusou de o trair com você.

Disse as maiores besteiras que puder imaginar.

Começou a me pressionar para morar aqui.

Nicolas:

E vc cedeu?

Alessandra:

Não, eu não.

Tive pena em muitos momentos, confesso.

Mas a situação estava no limite. Ele me empurrou...

Nicolas:

Como assim?

Ele te machucou?

Alessandra:

Um pouco, sim, e me assustou, principalmente.

Nicolas:

Você está bem mesmo?

Alessandra:

Sim.

Eu liguei para o meu irmão. Ele veio na hora.

O Luiz foi embora.

E é isso.

Fim.

Nicolas:

Melhor assim.

Ele já era um babaca muito antes de fazer isso.

Agora não merece perdão.

Alessandra:

Não terá.

Ele se comportou de forma bem egoísta dessa vez.

Nicolas:

Parece q ele tem certa tendência ao egoísmo.

Alessandra:

Você fala como meu irmão.

Mas acho que é verdade.

Nós terminamos mesmo.

Não tem volta.

Era algo que Nicolas não esperava ler, apesar de se sentir bem sabendo que ela estaria melhor e mais segura longe de Luiz.

Nicolas:

É pra valer?

Alessandra:

Sim. É estranho pensar nisso.

Nicolas:

Estranho por q?

Alessandra:

Não sei explicar.

Foram vários anos, né?

Acho que ambos estávamos acostumados um com o outro, mas certamente não nos amávamos mais.

Sei apenas que estou me sentindo mais leve.

Nicolas:

Sei.

Ele aceitou bem o fim?

Alessandra:

Não muito.

Hoje me ligou algumas vezes, mas não atendi.

Nicolas:

Hum...

Ele vai querer voltar.

Está mal acostumado.

Alessandra:

Não sei se vai querer voltar.

Acho que talvez, não sei.

Ai...

Meu irmão chegou.

Combinamos de almoçar juntos.

Ele disse que vai passar mais tempo em casa.

Veremos rs

Depois te conto.

Vou indo.

Beijos.

Capítulo 12

Nicolas colocou o celular sobre a mesa. Depois de um tempo conhecendo a história desse relacionamento turbulento, finalmente, Alessandra teve coragem de terminar. Ele estava feliz por ela e torcia para que agora pudesse encontrar alguém que a merecesse.

— E aí, cara? Parou de namorar? — Téó interrompeu o fluxo de seus pensamentos nem ligando para a cara de indignação do primo, a mesma que fazia todas as vezes que ele se referia à amizade com Alessandra assim — *Bora pra balada hoje ou tem compromisso com o celular?*

— Aonde vai? — perguntou, ignorando o restante do comentário.

— Inauguração de uma balada nova no centro. Topa? Se topar, tenho convite pra você também. Consegui com um cara no trabalho, primo da garota que organizou o evento.

— Nunca vou entender como você conhece tantas pessoas.

— Contatos, meu caro primo, apenas contatos. Mas e aí, vamos?

Nicolas olhou para o celular, fato que não passou despercebido pelo primo, quase não tinha saído de casa nos últimos dois meses justamente para ficar conversando com Alessandra. Hoje ela estaria bem. Terminou o namoro e o irmão estaria lá. Ela não parecia tão triste, ainda assim ele hesitou.

— Se quiser consultar a patroa, eu espero. — falou Téo, sentando-se na cama.

— Não preciso consultar ninguém, besta. Eu só estava pensando. Mas vamos sim. Vamos a tal balada nova.

— Fechou! Vou dar uma saída agora, mas logo mais voltarei para sairmos à noite. — o primo saiu sorridente do quarto.

— Vai sair à noite, filho? — perguntou D. Rosalia, mãe de Nicolas, que passava pelo corredor no momento em que Téo saía e lhe dava um beijo estalado antes de ir para a rua.

Nicolas observou o rosto sereno da mãe. Ela estava encostada no batente da porta, com a mesma expressão sorridente e atenciosa de sempre.

— Vou, sim, mãe. Parece que o Téo arrumou convites para uma balada nova e vou com ele.

Ela esperou alguns segundos antes de responder, como se procurasse as palavras certas.

— Fico feliz que saia, filho. Você já está trancado em casa há vários meses.

— Eu não estou trancado em casa, mãe. — respondeu ele ao se levantar e se dirigir ao guarda-roupas, onde fingiria procurar alguma coisa para não ter que olhar para a mãe — Eu saio todos os dias durante a semana para trabalhar, não saio?

— Isso não conta, Nicolas. Sabe muito bem do que estou falando. — ela falava com seu jeito calmo de sempre — Você tem-se mantido dentro de casa há meses, desde que...

— Mãe. — ele falou sério e se virou para ela — Eu não quero falar sobre isso, ok? Já passou. Pronto. Vou sair hoje, não vou? Não tem motivo para se preocupar. E ficar mais na minha por um tempo foi bom, eu conheci uma pessoa que tem me feito muito bem.

— É a pessoa com quem passa boa parte das suas noites conversando no computador? — perguntou curiosa sentando-se na cama.

— Sim, ela mesma. A gente se dá bem. Somos amigos. Passamos por problemas semelhantes.

Ele percebeu que sua mãe hesitava, o que era estranho, afinal ela sempre fora muito direta em relação a ele.

— Mas, filho, isso de internet me preocupa um pouco, sabe... Como vai saber se ela é mesmo uma garota? — perguntou criando coragem e acabou fazendo Nicolas gargalhar.

— Mãe, para de assistir a esses programas sensacionalistas, tá? Ela é uma garota de verdade e eu a conheci primeiro pessoalmente. Ficou mais tranquila agora? Ela não é um senhor de idade que está querendo me pegar. — Ele não conseguia parar de rir.

— Ai... Nicolas, eu tenho que me preocupar. Sei que não é mais

criança, nem nada, mas não confio muito nessas coisas aí. — disse apontando para o celular, desconfiada.

— Mãe, está tudo bem. Pode acreditar. — disse, sentando-se ao lado dela na cama — É só uma amiga. Eu a conheci quando o pai dela faleceu.

Um momento de silêncio se instaurou entre eles e um brilho de compreensão passou pelos olhos de D. Rosalia.

— Entendeu agora, não é? Eu sei o que ela sente e a estou ajudando a passar por isso. Fica tranquila. — Beijou-a na testa e afagou seus cabelos — Eu vou ficar bem. Estou bem, na verdade.

— Espero que sim.

D. Rosalia queria mais do que ninguém que Nicolas fosse feliz. Havia anos o observava sofrendo pela perda das pessoas que amava ou sendo enganado por alguém a quem tinha entregado seu coração. Sabia que ele se trancara após a última vez e não tinha ideia de como ajudá-lo. Apesar de todas as suas restrições contra computadores e amizades iniciadas assim, ela tinha que admitir que ele estava diferente e que, ainda que fraco, um vislumbre de felicidade começava a habitar nele.

— Bom divertimento à noite, querido. Aproveite, mas com cuidado. — disse antes de sair do quarto e encostar a porta, deixando Nicolas perdido em seus pensamentos.

Capítulo 13

— E aí, com quem estava conversando quando cheguei? — perguntou Leandro antes de dar uma enorme mordida no x-salada.

Alessandra tomou um gole de milk-shake antes de responder:

— Com o Nicolas, um amigo meu. — Pegou a bebida novamente e bebeu distraidamente.

— É o tal carinha de quem o Luiz ficou com ciúmes, o da poesia? — perguntou o irmão com sua falsa carinha de inocente.

— Não, a poesia era para o papai. O Luiz é que entendeu errado, como você sabe. Por que quer saber, hein, senhor Leandro?

— Pergunta errada, irmãzinha. — ele sorriu. — A pergunta certa seria “o que quer saber?”. Se bem que gostei do “senhor Leandro”. Podemos manter essa parte.

— O que quer saber? — rendeu-se, ciente de que ele não desistiria.

— Ah... Vai ser sem “senhor Leandro” mesmo? — ele fingiu indignação para ela e depois foi direto — Quem é o cara? Não que seja da minha conta, mas bateu a curiosidade. Além do mais, ele conseguiu, sem querer, o que eu estou tentando faz tempo, fazer você terminar um relacionamento que não estava legal.

— Ele é um amigo que conheci através do Pedro, que trabalha comigo, e da mulher dele, que trabalha com o Nicolas. Eu o conheci dez dias depois que o pai... — ela não completou a frase, mas ele entendeu — O pai dele também... E a irmã... Os tios... Num acidente horrível. — Mais uma vez o silêncio tomou o lugar das palavras e Leandro não comentou nada em relação a isso. Apesar da tristeza que passou rapidamente pelos seus olhos — Então, ele tem me ajudado por entender o que eu passo, mas não me convenceu a terminar o namoro, quem fez isso foi o Luiz. Nicolas não me influenciou. Ele me escuta, me aconselha, sempre que eu preciso está lá, me estendendo a mão, ainda que virtualmente.

Alessandra percebeu que era simples falar do amigo. Poderia narrar todas as conversas que teve com ele para o seu irmão, mas achou melhor não falar muito mais porque conhecia Leandro o suficiente para saber a hora de parar.

— Ele parece um cara legal. — disse apenas, deixando-a boquiaberta.

— Só isso? Sem suas piadinhas? Sem gracinhas e suas típicas brincadeiras? — estava espantada.

— Aham. Por enquanto é só o que vai tirar de mim. — respondeu misterioso.

— Estou surpresa e nunca achei que esse dia chegaria. O dia em que você não falaria nada sobre um assunto.

— Pois é. Não vou falar nada. E hoje vamos para balada!

Alessandra olhava para o guarda-roupas aberto havia quarenta minutos sem se decidir que roupa colocar. Honestamente não queria sair. Não estava no clima para isso. Mal tinha saído de um relacionamento e achava prudente ficar em casa, mas Leandro disse que não aceitaria não como resposta, que a balada era nova e ele tinha convites por ser amigo de um dos donos.

— Está admirando o guarda-roupas? É algum tipo de terapia que eu desconheço? — perguntou o irmão ao entrar no quarto.

— Sem graça... Não sei o que vestir. Preciso mesmo ir? — Estava desanimada. — Daria tudo para ficar debaixo das cobertas lendo um bom livro.

— Irmãzinha, você tem me dado claros sinais de depressão. Se eu deixá-la ficar é capaz de se enfiar debaixo das cobertas e começar a ouvir música triste até começar a chorar.

Surpresa, Alessandra encarou o irmão. Ele era o segundo a tocar no assunto da depressão. O fato a deixava pensativa. Não era apenas tristeza demais? Fazia sentido, certo? Perder alguém que amamos nos destrói. Ela não se considerava alguém com depressão.

— Não vai ficar. — Leandro continuou. — E sem cara de quem está morrendo, por favor. Já descrevi a você como é essa balada. É o máximo. Isso porque quando eu vi estavam reformando ainda. Você passa muito tempo da sua vida dentro de casa com seus livros e filmes. Precisa sair mais. Parar um pouco de ler ou assistir e começar a viver.

— O que eu ouço não é triste... — ela resmungou.

— Ah... É, sim!

— Hum... E o que há de errado com meus livros e filmes? — levantou a sobrancelha.

— Aparentemente nada, desde que não faça apenas isso. Precisa se divertir, irmãzinha. E talvez procurar um psicólogo. — Mencionou como se falasse algo corriqueiro e depois continuou: — Mas por hoje teremos diversão! — Continuou mexendo no guarda-roupas — Que blusa é essa?

Alessandra observou a blusa preta com detalhes em vermelhos frente única que o irmão tinha em mãos.

— Ah... Não é nada. Comprei tem um tempo, mas nunca usei. Sei lá... E está frio também. Essa blusa ficaria completamente inviável.

Ela esticou a mão para pegá-la e devolvê-la ao lugar em que estava, mas foi impedida porque Leandro, que era bem mais alto, tirou a peça de roupa do seu alcance e mexeu no guarda-roupas com a mão livre.

— Ei, Lê! Para com isso.

— Olha aqui! — mostrou um casaco preto que caía muito bem no corpo de Alessandra — Fechou! Pega aquela calça preta de... ah... sei lá qual é o tecido dela. Mas pega a calça e junta com essas duas peças, coloca mais umas tranqueiras e ficará linda. Pronto!

Alessandra olhava de boca aberta para o irmão. Não sabia o que a chocava mais, o fato de ele estar escolhendo suas roupas ou o fato de a combinação ter ficado realmente perfeita.

— Sem contar que dentro da balada não precisará de casaco.

— Quando você aprendeu a combinar roupas? — ela perguntou finalmente.

— Isso? Foi fácil. A última garota com quem estava ficando era alucinada com essas coisas. E precisei assistir a muitos programas de moda

para chegar nela. — respondeu rindo — Valeu a pena.

— Eu não sei como você consegue ser tão besta. — ela riu também ao pegar a blusa e o casaco das mãos dele e colocar sobre a cama. — Bom, vou tomar um banho e me arrumar para essa superbalada aí.

— Força, irmãzinha. Não vou sacrificá-la. Você vai se divertir e, se quiser voltar antes, já providenciei uma carona. Relaxe e aproveite. Por mais maluco que eu pareça, sempre vou querer o seu bem. Sempre. — disse sorrindo e foi retribuído.

Capítulo 14

— Cara, quanta gente! — exclamou Nicolas ao passar pela porta de entrada da balada e observar que havia uma multidão imensa ao lado de fora querendo entrar.

— Eu te disse! Estão falando dessa inauguração há tempos. Será o maior sucesso. Dá uma olhada naquilo. — Téo apontou o DJ.

Nicolas abriu a boca. Não era à toa que tanta gente queria entrar, no palco estava um dos DJs mais cobiçados do momento.

— Puxa! Como é que você conseguiu convites mesmo? Devem estar custando uma nota.

A decoração não ficava atrás também. O ambiente era simples e sofisticado ao mesmo tempo. As luzes piscando e o gelo seco completavam o visual. Por um momento, Nicolas se sentiu deslocado. Sentia-se completamente diferente das pessoas que estavam ali.

— Consegui os convites com a prima de um cara lá do trabalho. Ela trabalhou na organização desse evento. É uma gata, diga-se de passagem. Ele me devia um favor. Custavam 250 reais cada.

— Tenho medo de perguntar sobre esse favor.

Téo gargalhou antes de responder:

— Cara, você me mata de rir. Agora vamos lá! Vamos nos misturar. Daqui a pouco o Guga estará por aí e eu te apresento a ele, e se for bonzinho eu te digo o que eu fiz para merecer esses convites. E nem foi sacanagem.

— É estranho não ter convidado uma garota para vir no meu lugar.

— Isso seria trazer bolo em festa, como sua mãe gosta de dizer. Já olhou ao seu redor. É mulher bonita por todo o lugar.

Nicolas olhou para o lado ciente de que o primo tinha razão. Sabia que era questão de tempo para Téo arrumar uma garota e sumir. O jeito era se enturmar também.

— Nicolas, sinceramente, não entendo o seu problema. Já percebeu que tem várias garotas secando você inteiro? Porque se não percebeu pode olhar para a esquerda, para a direita e... Opa! Peraí! Atrás de você tem outra.

— Ah... Cara, também não é assim. Certo... A da esquerda realmente está olhando.

Nicolas olhou para o lado e viu a parede coberta de espelhos. Em seu reflexo pôde ver a garota em questão. Era atraente.

— Primo, olha para o espelho. O que você vê?

— Vários reflexos, Téo.

— E o cara bonitão que está refletido, não está vendo? — colocou a mão no ombro dele — Quer dizer, não eu, mas o carinha que está ao meu lado. Você está estranho ultimamente. Quer dizer, sempre foi largadão e se

importando com milhares de coisas que eu nem ligo, mas você nunca foi tão desanimado assim. Parece que nenhuma mulher mais te deixa ligado. Ainda está mal por causa daquela que não deve ser nomeada, né?

— Cara, não quero e não vou falar disso. Ainda mais aqui. Não era para ser divertido?

— Tá... Desculpe. Eu só queria que você se visse melhor, é isso.

Nicolas sabia que era um cara bonito. Alto, cabelos e olhos castanho-escuros que contrastavam com sua pele. A barba cerrada como usava agora dava um ar sexy a ele, mas não via nada demais nisso. Aprendera que aparência vazia não acrescentava nada. Por isso, era a última coisa que ele levava em consideração. Não que não desse valor, ele dava, mas não se importava muito. O que ele não imaginava era que esse desleixo proposital deixava-o mais atraente. Ele era bonito naturalmente. Quanto às mulheres, era estranho, mas o primo tinha razão. Ele estava bem tranquilo em relação a isso, como se não se interessasse por nenhuma mulher em especial. Bem... Talvez uma. Não. Ele não queria ninguém no momento. Pelo menos era o que repetia para si mesmo com a esperança de acreditar. Não queria nem pensar no passado. Enterrou-o e ponto. Nada de falar sobre ele. Nada de acordar antigos fantasmas. Fantasmas que ainda machucavam.

Como ele não falou nada, Téó continuou:

— Falando sério, sabe que pode conseguir qualquer garota daqui.

Sem exageros. Tá, talvez um pouco. Você tem sorte de ter essa aparência aí.

— Eu sou um cara normal, Téo. Para de exageros.

— Você vive se diminuindo.

— Não estou me diminuindo. Só não vejo lógica em ficar me achando o cara mais bonito daqui. Isso não leva a nada. Agora vamos conhecer o lugar. — respondeu caminhando para conhecer o lugar e sendo seguido pelo primo.

Capítulo 15

Alessandra desceu do táxi acompanhada do irmão e observou o motorista o levar para longe. Leandro nunca ia para qualquer balada dirigindo porque sabia que beberia e não queria correr riscos desnecessários. O lugar estava lotado. Podiam ver algumas pessoas querendo entrar e nervosas por não terem convites.

— Nossa, Lê! Quanta gente! — espantou-se, já dentro da balada.

— É, irmãzinha. A noite será intensa. E um dos culpados está ali. — apontou para o DJ e vendo-a ficar boquiaberta.

— Você tinha razão quando disse que seria um evento incrível.

— Arrependida de ter deixado seus livros e o edredom? — ele perguntou travesso.

— Não mexa com meus livros, garoto! — ela fingiu que estava brava.

— Já que estamos aqui vamos tentar nos divertir, né? — tentou se mostrar animada, sem saber ao certo se conseguiria, mas fingindo bem.

— Vamos, sim! Agora se me permite dizer — disse ele galante —, você está linda!

No momento seguinte o DJ começou a tocar uma música que os dois adoravam. Leandro pegou-a pela mão e a levou para o meio da multidão na

pista de dança. Nessa noite a prioridade não era arrumar uma garota, e sim dar toda a atenção do mundo a sua irmã. Ele sabia que, se saísse de perto dela, era questão de tempo para um cara se aproximar, e ela não estava preparada ainda. Mal tinha saído de um relacionamento. Ele queria apenas que ela se divertisse ao máximo. E podia ver em seus doces olhos verdes um vislumbre de felicidade.

Nicolas estava encostado no bar. Acabara de dispensar uma garota. A segunda da noite. Téó o mataria se o visse, mas esse provavelmente estava atracado com outra garota num canto. Para o primo era mais fácil, era o famoso “pega, mas não se apegas”, mas ele tinha passado dessa fase. Não via mais sentido nisso.

Pegou o celular e imediatamente pensou em Alessandra. Era fácil pensar nela. Fácil e confuso. Jamais tivera uma amizade assim, em que contassem tudo um para o outro. Ela era de uma transparência extraordinária e ele, bem, ele tentava se esconder dela, ciente de que ela o conhecia cada vez mais. Enquanto Alessandra era um livro aberto e pronto a ser lido, Nicolas era um livro secreto, lido por ela através das entrelinhas. Era como se as páginas dele mudassem conforme a ocasião, ora mostrando, ora ocultando.

Por mais que se escondesse, ela o desvendava e isso o assustava. Não estava preparado para ela.

Pediu um refrigerante ao garçom. Ele dificilmente bebia por dois motivos: o primeiro era que era contraditório beber quando foi isso o que matou seu pai, apesar de não pensar assim quando mais novo. E segundo porque era fraco para bebidas e rapidamente ficava bêbado, mas o pior era que ele não se lembrava de absolutamente nada no dia seguinte. Tudo o que tinha nessas horas era a versão das pessoas presentes, e ele não gostava disso.

Ficou movimentando o celular na mão, abriu o cardápio, a agenda, viu o número de Alessandra e pensou em enviar uma mensagem. Não havia mal em saber como ela estava, não é mesmo? Digitou um recado simples: “E aí, Alê? Fazendo o quê?” Quando estava prestes a apertar o enviar, uma garota tropeçou, trombou com ele, jogando seu celular a uns dois metros para frente. Ele correu temendo que o aparelho fosse pisoteado. Finalmente abaixou-se para pegá-lo e, no momento em que levantou os olhos, ele a viu.

Na pista de dança, rodopiando radiante, rindo nos braços de um cara, estava Alessandra. Nicolas prendeu a respiração por alguns segundos. Ela estava linda. A blusa frente única caía perfeitamente em seu corpo, procurou não descer os olhos, mas cometeu o deslize de fazê-lo e viu o quanto a amiga estava perfeita. E mais, estava feliz. Ela gargalhou quando o acompanhante a inclinou de costas com a cabeça quase rente ao chão, e foi nesse momento

que ela o viu.

Quando Alessandra conseguiu sair do meio da pista de dança e chegar ao lugar em que pensava ter visto Nicolas, ele não estava mais lá.

— Ei, Alê... Pode voltar já para a pista. — disse o irmão chegando perto dela.

— Eu pensei ter visto alguém.

— Viu quem? Estava de ponta cabeça, sua doida. Não tem como ter visto ninguém direito. Sem contar que você tomou duas caipirinhas de morango e isso é suficiente para que você fique tonta.

Ela pensou por um tempo. Depois chegou à conclusão de que tinha visto alguém parecido com o amigo. Não poderia ser ele. Afinal, ele teria esperado por ela.

— Opa! Beleza? Estava achando que vocês nem viriam mais. — falou Leandro aos amigos que tinham acabado de chegar. — Venha, Alessandra. Quero lhe apresentar aos meus amigos. Estes são Manu, Pietra, Guto e Ricardo. Esta é minha irmã, Alessandra.

Ela sorriu ao cumprimentá-los e todos começaram a conversar. Ocasionalmente ela pensava em Nicolas, mas depois tratou de esquecer o assunto. Definitivamente não era ele quem tinha visto.

Horas mais tarde, deitado em sua cama, Nicolas pensava se era mesmo Alessandra quem havia visto na balada. Se não fosse, era alguém parecidíssima. Quando resolveu que falaria com ela, seu primo passou trombando com ele e caindo no chão, completamente bêbado. Não teve escolha a não ser salvar Téo de mais uma de suas furadas.

Não aguentando a dúvida, pegou o celular, sem saber que ali estava sua resposta:

Nick, boa noite.

Nem me espere hoje. Estou em uma balada com meu irmão.

Amanhã nos falamos, tá?

Na verdade, nem queria sair. Acho que é cedo ainda.

Mas o Lê não desistiu.

Espero que também se divirta no seu final de semana.

Procure não ficar sozinho e isolado.

Isso não faz bem a você.

Beijo.

“Puxa... Então, era mesmo ela.” — ele pensou.

Em seguida começou a digitar a resposta.

Oi, Alê. Boa noite ou bom dia, nem sei. Rsrs

Demorei pra ver sua mensagem.

Fui com meu primo que, aliás, passou mal. Acho que até te vi, mas foi bem quando ele... Ah... Esquece. Não vai querer uma descrição da cena. kkkkk

A gente se fala amanhã. rs

Espero que tenha se divertido mais do que eu.

Beijo.

De volta à cama, Nicolas pensava que talvez o desencontro tivesse sido bom. Tudo tinha acontecido muito rápido e de forma estranha. Ele a viu e o ar misteriosamente faltou. Ela estava linda, diferente da primeira vez em que se viram, porque estava feliz, sorrindo. Estava feliz por ela. Parecia que o término do namoro tinha-lhe feito bem.

Agora, sem conseguir dormir, pensava nela e um sentimento antigo retornou.

Fechando os olhos, tentou afastar de si a dor que sentiu na última vez em que se apaixonou. Queria evitar sentir-se assim e, por isso, seguia com a amizade com ela. Ela lhe fazia bem como nunca ninguém tinha feito. Tudo parecia mais simples com ela por perto.

“O problema é que não gostei do que senti quando a vi na balada...”
— pensou — “Não sei por que, mas mexeu comigo. Ela é muito importante

para mim e não posso misturar tudo. Bom... Isso me serviu para uma coisa, já sei que não devo encontrá-la enquanto estiver vulnerável ou ela também. Preciso ter certeza do que quero quando encontrá-la novamente. Tudo bem. É só começar tudo de novo. Voltar o filme na parte em que fiz a besteira de olhar para ela e sentir o ar faltar e seguir em frente. Ela mexe comigo e é muito importante para que eu a perca se tentar algo e der errado. Depois da última vez nunca mais quero me apaixonar.”.

E, com esse pensamento adormeceu, sonhando, inevitavelmente, com ela.

Capítulo 16

No dia seguinte, Alessandra acordou no meio da tarde, lembrando-se do por que não gostava de baladas. O corpo todo doía. Apesar de ter bebido apenas três doses de caipirinha de morango, parecia que um caminhão tinha passado por cima dela. Levantou-se devagar e constatou que seu irmão não estava melhor que ela. Leandro estava estatelado no meio do tapete da sala, abraçado ao imenso Shrek de pelúcia dela. A cena seria cômica se a cabeça de Alessandra não doesse tanto. Depois de tentativas frustradas de acordá-lo para que dormisse na cama, ela decidiu tomar um banho.

Quando a água quente começou a escorrer por seu corpo, aos poucos ela foi sentindo-se melhor. Adorava água. Quentinha e caindo sobre a pele, então, era uma delícia. No final do banho já se sentia recuperada. Colocou um short e camiseta de alcinha bem leve. Pensou em comer alguma coisa e voltar para cama. Assim que saiu do banheiro sentiu cheiro de café.

— Impossível. Como é que o Lê conseguiu acordar?

Contudo, para ir à cozinha ela precisava passar pela sala e lá estava seu irmão do mesmo jeito que ela o tinha visto. A única diferença era que agora ele praticamente esmagava o pobre Shrek.

Devagar, ela foi até a cozinha, temendo que Luiz tivesse voltado para

querer reatar o namoro, mas o que ela encontrou a surpreendeu ainda mais.

De avental na cintura e sem camisa, fazendo seu café da manhã, estava Ricardo, o amigo de seu irmão. Com os olhos arregalados para a cena, Alessandra lembrou-se de que ele fora o motorista da rodada e que os havia trazido para casa.

— Você dormiu aqui? — foi a única coisa que conseguiu dizer.

— Bom dia para você também. — ele respondeu com um sorriso encantador.

— Ah. Me desculpe. Bom dia. É que... bem...

— Não esperava me ver aqui, não é?

— É.

— Puxa. Você é sincera. — ele riu.

— Desculpe.

— Não se desculpe por dizer o que pensa. Acabei dormindo no sofá.

— Ele colocou o bule de café fresco sobre a mesa. — Acordei há umas duas horas e fui ao mercado comprar algumas coisas para o café da manhã.

— Obrigada. Não precisava. Eu tinha algumas coisas no armário.

Alessandra não sabia bem como reagir a ele.

— Você pode comer se quiser. — ele indicou a mesa posta com as mais variadas frutas, torradas, frios, margarina e geleia.

— Eu não estou com... — ela não pôde concluir a frase porque seu

estômago roncou alto. — É... Parece que estão querendo me desmentir...

Ele riu e sentou-se à mesa como se estivesse em casa, sua própria casa, e começou a conversar com ela:

— Gostou de ontem?

A princípio ela ficou sem saber o que dizer. Olhou para a sala e conseguiu ver os pés de seu irmão. Depois olhando receosa para a mesa, resolveu se sentar. Afinal, ele era amigo de Leandro e, por mais que estivesse invadindo completamente o seu espaço, estava servindo o seu café da manhã que, no momento, parecia muito apetitoso. Rendendo-se, ela se sentou na cadeira em frente à dele e respondeu:

— Sim, foi bom sair um pouco de casa. Acabei me divertindo bastante. Mas não farei isso de novo tão cedo. — pegou uma torrada e passou uma camada de margarina seguida por uma camada de geleia. Ciente de que ele a observava surpreso. — Aprendi com meu avô paterno. Não consigo comer torradas de outro jeito. Nem todos gostam dessa mistura.

— Por que não fará de novo tão cedo? — perguntou, ignorando a geleia com margarina.

— Eu sou uma pessoa caseira. Prefiro um livro, um filme ou, no máximo, um cinema a passar horas numa balada. De vez em quando eu saio, normalmente arrastada pelo meu irmão. Fazia tempo que não saía e por isso cedi ontem à noite. Não me arrependo. Eu me diverti bastante, mas ficarei

cansada o resto da semana. — mordeu a sua torrada.

— Também gostei. E conheci uma garota linda. — olhou nos olhos dela, que ficou totalmente sem graça e mordeu mais um pedaço da torrada para não ter de responder. — Se eu a chamar para sair, você topa? Pode ser cinema mesmo.

Alessandra engoliu o pedaço de torrada com dificuldade. Engasgou e precisou beber um pouco de suco de laranja.

— Olha... Não sei. Acabei de sair de um relacionamento e não quero começar a sair com outras pessoas. Ontem saí porque meu irmão estava comigo e não com a intenção de conhecer alguém. Espero que entenda, acho que não vai dar. — ela falava sem parar ou respirar.

— Eita, cara... O que você fez? — perguntou Leandro coçando a cabeça, sonolento atrás dela. — Chamou-a para sair ou algo assim? Ela só fala sem respirar quando se sente encurralada.

— Lê! — ela deu um pulo — Como você está? Está com uma cara péssima. Deveria tomar um banho ou comer alguma coisa. O Ricardo preparou o café da manhã, o que foi muito gentil da parte dele.

O irmão estava tão cansado que até se perdeu com a mudança de assunto dela, ou fingiu ter-se perdido, e não falou mais nada sobre isso. Minutos depois, ela disse que estava cansada e que precisava dormir mais um pouco, afinal, no dia seguinte teria de trabalhar. E, por mais que isso fosse

uma desculpa, assim que caiu na cama, ela adormeceu, acordando apenas no dia seguinte, xingando-se por ter saído naquela noite e perdido o domingo inteiro por estar dormindo.

Nicolas chegou ao trabalho pensando no sumiço de Alessandra. Ela provavelmente tinha aproveitado bem a balada e deveria estar cansada, afinal não aparecera o dia todo.

Ele tinha passado um domingo tranquilo em casa, enquanto seu primo estava acabado na cama. Demoraria uns dois dias para se recuperar por completo. À noite, sua mãe o convidou para ir ao cinema e ele aceitou, seria bom sair com ela. Sabia que ela sentia falta de conversarem mais e ele estava bastante fechado nos últimos meses. Tiveram momentos tranquilos e conversaram apenas sobre banalidades, apesar de sentir que ela queria saber mais.

— Bom dia, Nicolas. — disse Márcia, passando por ele com uma pilha imensa de arquivos — Preparado para mergulhar numa pilha? Tem uma dessas o esperando.

— Bom dia. Ai. Márcia, ótima maneira de começar o dia. Isso porque nem é a minha função. Sou um ótimo amigo mesmo. — pegou a pilha das

mãos dela e carregou até sua mesa.

— Acho tão lindo esse seu cavalheirismo. — ela brincou — Se eu fosse solteira, você estaria perdido, mocinho.

— Aham... Como se eu não soubesse do seu amor incondicional pelo Pedro.

— É. Você me conhece bem. Sem contar que tenho outros planos para você. O que fez ontem?

— Que planos são esses? — franziu a testa — Não fiz nada demais. Fui com minha mãe ao cinema. Foi uma noite bastante agradável para falar a verdade.

Márcia deu um longo suspiro e começou a analisá-lo. Ele a olhava de canto de olho, ciente de que estava sendo observado.

— Você é um caso raro, garoto.

— Por que acha isso?

— Ora... Simplesmente por você ter apenas 25 anos e estar sempre tão preocupado com o bem-estar de todos. Ir ao cinema com a mãe não é algo que vejo todo garoto fazendo na sua idade.

— Eu acho isso bobeira. Não tem nada de mais. Mas concordo que nem todo mundo da minha idade sai com a mãe. — ele pensou um pouco — A maioria acharia que é coisa de filhinho da mamãe. O que não é o meu caso. Apenas gosto de deixá-la feliz para compensar tudo o que passou.

— É exatamente disso que estou falando. Você é todo perfeitoinho.

Ele ficou sério por alguns segundos antes de responder.

— Agora errou feio. Estou longe de ser perfeito. Já cometi muitos erros em minha vida e não pretendo repeti-los.

— Esses seus momentos sombrios completam o quadro. — ela respondeu com um ligeiro sorriso.

— Não vou nem perguntar... — ele riu ciente de que a conhecia bem para saber que não queria mesmo a resposta.

— Não precisa perguntar. Digo com prazer! — respondeu se aproximando dele, balançando a mão e apontando o dedo em direção a ele — Você é o cara perfeito, o certinho, o bom moço, aquele que está sempre presente, mas quando menos se espera você mostra esse outro lado seu, o lado sombrio, do passado que não quer lembrar e muito menos dizer. Tudo isso completa o quadro do anti-herói que as mulheres adoram.

Ele abriu a boca para responder quando viu que outro colega de trabalho deles se aproximava e resolveu ficar em silêncio. Passou o resto do dia no seu canto, enquanto Márcia mantinha um sorriso balançando em seus lábios como se fosse dona da razão.

Capítulo 17

Ao descer do carro no estacionamento da escola, Alessandra ainda pensava na mensagem de Nicolas. Então, era ele mesmo na balada. Que coincidência! Queria ter conversado com ele.

— Posso falar com você?

Ao se virar rapidamente na direção da voz, derrubou todas as folhas que trazia na mão com os desenhos das crianças. Abaixando-se para recolher, respondeu:

— Claro, Luiz. Mas duvido que essa seja uma hora apropriada. As aulas começarão em trinta minutos.

— Acho que não demorarei mais do que isso. — Ajudou-a a recolher os papéis — Podemos conversar na pracinha do outro lado da rua. O que acha?

— Tudo bem.

Quando todos os desenhos foram resgatados, eles se encaminharam à praça. Ela estava sem graça, não sabia o que dizer, apesar de saber que devido aos anos de namoro mereciam uma conversa mais séria.

— Sabe por que estou aqui, não sabe? — Luiz sentou-se no banco e, vendo que ela não respondeu, continuou — Acho que nos precipitamos na

sexta à noite. Estava nervoso, você estava triste por seu pai, eu não soube entender e, por isso, peço desculpas. Ainda assim, acho que merecemos outra chance. Passei na sua casa no sábado à noite e você não estava.

Ela observava o jeito calmo dele de conversar. Tão diferente dos últimos meses e tão parecido com o do início de namoro.

— Eu senti sua falta... — ela respondeu sem pensar e ele entendeu errado.

— Também senti, meu amor. — Pegou nas mãos dela — Vamos voltar, tá?

Ela tirou as mãos rapidamente fazendo com que ele estranhasse.

— Você não entendeu. Senti muito a sua falta, mas não nesses dias. Senti sua falta em todos os meses que me deixou sozinha, que se distanciou de mim, que me deixou lidar com a doença e com a morte do meu pai. Não, que me deixou sem saber como lidar com isso. Sofri sem você, Luiz. — ela falava sem parar — Você foi meu primeiro amor. Estamos juntos desde adolescentes. A minha primeira vez foi com você, o meu coração foi entregue a você. Nunca imaginei que, quando eu mais precisasse, eu não o encontraria.

Agora era ele quem não sabia o que dizer. Alessandra parecia diferente. Ela olhava dentro dos olhos castanhos dele, queria tanto que entendesse que não tinha mais jeito entre eles.

— Não pense que estou feliz com o término, Luiz. Eu tinha muitos

planos que não deram certo. Mas, sabe... Percebi que não preciso ter minha vida toda programada. Tenho 23 anos e puxa! Tenho que parar de viver como se minha vida estivesse definida. Saí com meu irmão no sábado à noite e me diverti bastante, mas...

— Como é que é? — perguntou um pouco exaltado — Nem tínhamos terminado direito e você já saiu para a farra?

— Olha o Luiz aparecendo aí. — ela suspirou — Não fui para a farra, nem sequer fiquei com ninguém. Apenas saí.

Ele se levantou nervoso e começou a andar na frente dela. No mesmo momento o celular de Alessandra tocou, ela o pegou sem jeito e pensou em não atender para conversar com ele com calma.

— Atenda. — disse ele — Faço questão.

Por uns segundos, ela ainda pensou, mas, por fim, atendeu.

— Alô. Ricardo? Sim... Estou bem, mas como conseguiu meu número? — respondia enquanto via o ex ficar vermelho de raiva — Ah. Certo. Bem... Não é uma boa hora agora. Estou resolvendo um assunto. Tenho que desligar, ok?

Quando ela desligou o telefone, Luiz caminhava para o carro, sem olhar para trás. Observou-o ciente de todos os seus pensamentos em relação a ela. Mais uma vez, ele entendera tudo errado. Paciência. Infelizmente terminariam assim.

O dia passou depressa e, antes que percebesse, Alessandra estava em casa. Seu irmão não havia chegado e teria um tempo sozinha. Seria bom porque ela foi se entristecendo ao longo do dia e não queria que ele percebesse.

Tomou banho, separou algumas coisas para preparar um jantar rápido quando Leandro chegasse. Colocou uma música para tocar e logo o ambiente estava repleto ao som de “You and Me” do Lifehouse.

De repente, o celular vibrou com uma mensagem. Era Nicolas.

Nicolas:

Boa noite, Alê. Tá por aí?

Alessandra:

Oi, Nick. Boa noite.

Estou sim. Tudo bem?

Nicolas:

Tudo bem, sim. Apenas estou cansado. E ainda é segunda-feira. kkkk

Alessandra:

Nem me fale. Estou exausta, mas é minha culpa.

E sei que durará até o fim de semana.

Então... Era você na balada?

Nicolas:

Era...

Alessandra:

Puxa. Que pena. Seria legal ter visto você.

Nicolas:

É. Seria.

Alessandra pensou em convidá-lo para sair outro dia, para assistirem a um filme ou coisa assim, mas não teve coragem. Era tímida ao extremo para esses convites, mesmo que fosse entre amigos.

Nicolas sabia exatamente o que ela pensava e aliviado soube que não teria coragem. Ela esperaria por um convite dele. Um convite que não sabia quando e se faria.

Nicolas:

O Téo encheu a cara mais do que devia e tive que carregá-lo para fora de lá.

rsrs Literalmente. =O

Meu primo é doido. Precisava ver a cena, eu entrando com ele carregado. Se a D. Rosalia acordasse, a casa cairia.

Alessandra:

Nossa... Imagino. kkk

Ela sorriu à menção da mãe dele. Apesar de não a conhecer, simpatizava com ela pela descrição de Nicolas. D. Rosalia os criara com pulso firme e carinho nivelados após a morte dos pais deles, e Nicolas gostava de provocá-la chamando-a de Dona Rosalia, forçando a acentuação silábica no “lia”, ela odiava quando confundiam seu nome com “Rosália”. Ela herdara o nome espanhol de uma tia-avó e isso sempre gerava confusões de pronúncias e correções na escrita.

Nicolas:

Você não tem ideia. Ela odeia quem bebe, por causa do que aconteceu.

É natural.

E o Téo exagera na bebida quando quer.

Não é que faça isso sempre, mas acontece às vezes. Confesso que me preocupa e tenho conversado com ele.

Mas eu não sou um bom exemplo também.

Alessandra:

*É. Isso não é bom. Eu evito beber,
acaba me fazendo bem momentaneamente só.*

Nicolas:

Sei como é.

Alessandra:

Por que não é um bom exemplo?

Você me disse que não gosta de beber.

Nicolas:

E realmente não gosto.

Mas já cometi muitas burradas quando mais novo.

Depois do acidente eu

Ah... Eu passei a beber demais e me envolvi com coisas que não devia.

Alessandra:

Mas você tinha quinze anos.

Nicolas:

Eu sei...

As reticências seguidas de pausa indicavam a Alessandra que ele não queria falar sobre o assunto. Era sempre assim quando se aproximava de mais algum detalhe sobre ele. No final, acabava contando, mas parecia não gostar disso.

Alessandra:

Você passou maus bocados, né, Nick?

De repente seu coração se apertou. Durante todas as suas crises, ele estava com ela, mas quando ele precisou de ajuda, esteve sozinho. Alessandra queria tanto que entendesse que estava ali por ele agora.

Nicolas sabia que ela não sossegaria enquanto não contasse, mas não queria falar disso no momento e evitaria ao máximo. Sabia também que ela o deixaria mudar de assunto, ainda que o retomasse mais tarde.

Nicolas:

Mas, e aí? Me diga. Se divertiu?

Alessandra hesitou antes de responder, queria saber mais e ele não diria por enquanto. Não havia alternativa, senão seguir outro rumo na conversa. Queria mesmo conversar sobre os últimos dias, mas também queria saber sobre ele. Resolveu que, pelo menos por hora, ela o deixaria fugir. Então começou a falar sobre seu final de semana, sabendo que ele a entenderia como ninguém.

Alessandra:

Hum... Não é que eu não tenha me divertido.

Foi legal enquanto durou, mas...

Ciente de que ela não havia desistido, Nicolas se sentiu aliviado por ela o deixar escapar dessa vez.

Nicolas:

Mas agora está se sentindo culpada.

Ela se surpreendeu. Era exatamente o que sentia, culpa.

Alessandra:

Como sabe?

Nicolas:

Porque eu me senti assim nas primeiras vezes q saí depois do acidente... =/

Alessandra:

É estranho... Fui porque o Lê insistiu e depois me esqueci um pouco, ou fingi esquecer, dos problemas, mas, hoje, depois da adrenalina do momento a dor voltou. Não estou me sentindo nada bem.

Nicolas:

Tenta não ficar tão para baixo. É difícil, eu sei, mas tenta.

Alessandra:

Eu vou tentar, mas confesso que está sendo difícil.

Nicolas:

Vc sabe q é isso q seu pai iria querer, q vc saísse com seus amigos, q fosse feliz.

Por mais que pareça impossível em alguns momentos, como esse agora, por exemplo.

Ele hesitou antes de continuar.

Nicolas:

Foi uma boa sensação te ver feliz. Vc estava linda...

Alessandra:

Obrigada. Foi o Lê que escolheu a roupa. rs

Nicolas:

Não me referi à roupa, quis dizer pelo seu sorriso, estava feliz e isso transforma vc.

Alessandra:

Não percebo diferença, mas meu pai dizia isso e o Lê ainda diz.

Nicolas:

Pelo menos não estou sozinho nessa. rs

Alessandra:

O Luiz veio me procurar hoje. Foi à escola, acredita?

Nicolas:

Eu já esperava q ele te procurasse. Pensei q seria antes.

Alessandra:

Segundo ele me disse, veio até aqui no sábado à noite, mas como eu não estava resolveu ir atrás de mim na escola.

Nicolas:

Ele pediu para voltar, certo?

Alessandra:

Sim. Ele veio todo tranquilo e meigo, como era antes. Fiquei triste porque não entendo como alguém pode mudar assim de uma hora para outra.

Nicolas:

Ele sentiu q estava te perdendo e por isso voltou ao q era, ou fingiu voltar, não sei.

Alessandra:

Acho que fingiu voltar porque não durou nem cinco minutos.

Nicolas:

O que aconteceu?

Alessandra:

Meu celular tocou. Era o Ricardo. Um amigo do meu irmão que conheci na balada no sábado. O pior é que não dei meu telefone para ele, foi meu irmão.

Esse Ricardo é meio estranho, ele veio para cá depois da balada.

Quando eu acordei, estava fazendo nosso café da manhã.

Completamente à vontade na minha cozinha, sem camisa e com o avental amarrado na cintura!

Não entendi a dele, não.

Nicolas:

Sério? Pois eu entendi completamente. kkkk

Alessandra:

Como assim?

Nicolas:

Ora... O cara ficou interessado em vc.

Sem camisa e de avental na sua cozinha, fazendo o seu café da manhã.

Parece claro de onde eu vejo.

Alessandra:

Ai. Nicolas, nada a ver.

Acho que ele só estava sendo gentil.

Nicolas:

Olha, acho linda essa sua inocência para certos assuntos, mas estou falando sério, ele está querendo... kkkk

Se Téó pudesse ler essa conversa, ele diria que cada k era uma

lágrima.

Alessandra:

Bem... Ele me perguntou se eu queria sair com ele, mas não levei a sério.

Na verdade, respondi que não e fiquei jeito.

Nicolas:

Tá vendo? Tô falando. O cara está querendo.

Mas, Alê, pensa assim, vc tem q se divertir ao máximo.

Ficou cinco anos num relacionamento sério com seu primeiro namorado.

Conhecer outros caras pode ser legal.

Ele foi sincero quando a aconselhou dessa forma e não entendeu o ligeiro aperto no peito que sentiu.

Alessandra:

Não estou procurando por isso no momento.

Nicolas:

Sei q não, mas não feche portas, fará bem a vc.

Alessandra:

Não sei. Vamos ver como me sinto.

Nesse momento não penso em ninguém dessa forma.

Quero ficar tranquila por um tempo.

Estou muito bem sozinha.

Mal ela terminou de digitar o telefone começou a tocar.

— Alô. — ela atendeu correndo ao pegar o telefone sem fio.

— Oi, Alessandra! — falou sua mãe.

“Ops... Me chamou de Alessandra... Aí tem...” — pensou.

— Um minutinho, mãe.

Alessandra:

Nick, é minha mãe. E acho que é encrenca. Depois nos falamos, tá? Beijo.

Nicolas:

Tá bom. Se cuida aí. Qualquer coisa grita. E tenta ficar bem!

Beijo.

— Oi, mãe. Desculpa. Pode falar. Como estão as coisas por aí? — consultou o relógio e se surpreendeu — Mãe, aí na Inglaterra já é de madrugada. O que faz acordada? Está tudo bem?

— Não, não está, Alessandra.

“O ‘Alessandra’ de novo. O que eu fiz?” — pensou. Mas nesse

momento ela soube.

— O Luiz ligou para a mãe dele, não é? Típico.

A mãe fez uma pausa antes de continuar.

— Filha, eu soube sim.

“Filha? Agora mudou”

— Tenho pensado muito no que aconteceu. Eu soube do seu término com o Luiz pela mãe dele e isso não é fácil. Aí comecei a me questionar. Éramos tão unidas e não entendo como pudemos mudar em tão poucos meses. Eu acho que... bem... Acho que não lidei direito com doença e falecimento do seu pai. — falou com a voz embargada.

Por essa Alessandra não esperava. Realmente seus problemas com a mãe começaram quando seu pai descobriu a doença. Ela se tornou a válvula de escape.

— Acho que também não lidei, mãe. Dói bastante ainda quando penso nisso e, às vezes, vem do nada. E depois que ele se foi, você se distanciou. — falou baixinho.

— Sabe por quê?

— Não.

— Você é a cópia do seu pai. Não sei como isso é possível, mas você tem tudo dele. Opiniões, gênio, ideais. Vocês são... eram tão parecidos que doeu olhar para você depois que ele se foi. Mas só hoje, sabendo de algo tão

importante que está acontecendo na sua vida pela boca de outra pessoa, foi que percebi que não quero perder você também.

Alessandra chorava ouvindo as palavras da mãe. Criara uma barreira em relação a isso e se distanciavam cada vez mais.

— Agora mesmo estou sem saber se terminou com Luiz porque tinha de terminar ou por causa de tudo o que está passando. Ele é um bom rapaz, do jeito dele...

— Terminamos porque era o certo, mãe.

— Tudo bem. Não vou questionar isso. Há tempos você tem a sua vida. Daqui a alguns meses estarei de volta e conversaremos mais.

— Certo.

— Seu pai ficaria triste se fosse diferente, e eu também.

Falar do pai retomou a culpa que estava sentindo por ter saído e se divertido. Quando terminou a conversa com a mãe, estava aliviada por terem se entendido, mas triste por tudo o que sentia em relação ao pai.

Ainda chorando, pegou o celular e viu que Nicolas havia mandado mensagens.

Nicolas:

Preciso sair.

Vou ao mercado com a minha mãe.

Anjo, conhecendo vc como conheço e sabendo o q sei sobre como estava o relacionamento com sua mãe e q está vulnerável, vc deve estar chorando.

Não quero q fique assim.

Para ela ter ligado a essa hora é porque já sabe sobre o Luiz.

Estou aqui torcendo para q a conversa tenha sido boa e q vc não tenha se magoado ainda mais.

De qualquer forma, precisa ficar bem, Alê.

O q quer q esteja sentindo vai passar.

Eu vou te contar o q quiser saber sobre mim, desde q pare de chorar. =P

Estava aqui pensando e começou a tocar uma música. Me lembrou tanto de você.

Vou deixar o link com o vídeo no final da conversa.

Dorme bem. Fica com Deus. E se cuide.

Conte comigo sempre.

Beijo.

Alessandra clicou no link e mais algumas lágrimas foram derramadas quando começou a ouvir a música “Fix You” do Coldplay. Apesar do choro, sentia-se completa, como se não precisasse de mais nada além daquela música. Sabia que nunca estaria sozinha com Nicolas por perto. Ele era o seu melhor amigo. Estava presente. E, no fundo de seu coração, ela sabia que ele

continuaría sempre ao seu lado.

Capítulo 18

No dia seguinte, Alessandra foi trabalhar com os olhos inchados. Acabou adormecendo depois de escutar a música que Nicolas deixou. Acabou respondendo sua mensagem apenas quando despertou.

Alessandra:

Nick, obrigada. Não sei o que eu faria sem você.

Esse seu sexto sentido me assusta, às vezes.

Minha mãe estava mesmo sabendo que terminei com o Luiz, mas foi diferente do que eu imaginava.

Parece que a ficha dela caiu.

Fiquei mal depois porque o momento é tenso e me culpei um pouco por ter ido à balada.

A música é linda. Obrigada.

Mas, sabe, eu também queria poder fazer isso por você.

Assim como você me conserta, queria poder consertar você. Eu vou cobrar o que me prometeu sobre me contar o seu passado. A parte obscura dele.

Você é meu melhor amigo. Deve ser estranho ouvir (ler) isso de mim, né?

Aos 23 anos sem muitos amigos. O Luiz era meio chato com isso e as amizades que eu tinha foram se afastando, depois veio a doença do meu pai e aí quem se afastou fui eu.

O mais engraçado é que você me chama de “Anjo” quando o Anjo da história na verdade é você.

Não há nada que eu não aceite em você.

Pode confiar em mim sempre.

Não sei se você precisa disso, mas eu posso tentar te curar também, tá? Não precisa ser só você o tempo todo achando que tem que me salvar. Podemos nos ajudar mutuamente.

Amizade é isso, certo?

Adoro você.

Beijo.

Horas depois, ao entrar na sala de aula, notou os olhares curiosos de seus alunos.

— Prô? — chamou um deles.

— Diga, Igor. — ela foi amável e se abaixou até estar na altura dele.

— O bicho papão passou por lá essa noite? — perguntou sem jeito, tocando seus olhos inchados.

— Ah... Querido — ela sorriu —, eu tive uma forte dor de cabeça que já passou. Não existem bichos-papões, lembra?

Igor olhava para os pés sem jeito.

— Posso abraçar você? — ele a olhou como se tivesse tido uma grande ideia — Você sempre diz que abraços resolvem qualquer problema.

— Claro, querido. — ela abriu os braços, abraçando e sendo abraçada.

Um pequeno alvoroço se formou na sala e vinte e seis abraços depois, Alessandra conseguiu começar a aula, mas agora trazia um doce sorriso nos lábios. Seus alunos eram preciosos demais para ela.

Antes de terminar aquele dia, ainda foi surpreendida na hora do almoço quando lhe entregaram um buquê de rosas vermelhas. Pensando que pudessem ser de Luiz, abriu o cartão desanimada e, surpresa, leu o seguinte bilhete:

“Não vou desistir.

O que acha de um cinema no sábado?

Topo assistir até ao mais água com açúcar dos filmes.

Te pego às 20h.

Posso até levar seu irmão, se você quiser.

Um beijo.

Ricardo”

“Eu posso tentar te curar também, tá?” — Nicolas releu a mensagem de Alessandra. Se ela soubesse no que estava se metendo. Não havia cura para ele. Tinha sido tão remendado que parecia alguém normal, mas por dentro estava quebrado, destruído. Era realmente uma ironia que pudesse ajudá-la tanto quando ele mesmo não conseguia se ajudar.

De qualquer forma, ainda que ela não soubesse, salvava-o todos os dias. Não era mais tão sombrio, não passava mais o tempo todo querendo se esconder.

Em alguns momentos do dia, pensou em encontrá-la pessoalmente. Talvez fosse bom. Ou talvez não. Para que arriscar? Alessandra lia perfeitamente todas as entrelinhas das frases dele. Estaria perdido se ela tivesse a chance de ler seus olhos. Ela saberia. Mesmo sendo tão inocente como era, havia sentimentos impossíveis de se esconder por muito tempo.

Fechou os olhos por alguns instantes e se lembrou da irmã. Priscila teria a idade de Alessandra agora e às vezes era difícil pensar nisso. Saber que ela poderia estar passando pelas mesmas incertezas da amiga, se ele tivesse morrido em seu lugar.

Um redemoinho de imagens se agitava em sua mente e tudo o que

pensava era em quantas vezes quis ter o poder de trocar de lugar com ela. Nunca pensou duas vezes até hoje. O que seria de Alessandra sem ele por perto? Ela parecia tão frágil. Ele sabia que era só aparência, que no fundo era uma das pessoas mais fortes que conhecia, mas ela não se via assim. Ela precisava dele como ele precisava dela. Suas dores, tão semelhantes e diferentes, completavam-se.

Pensando em Alessandra, Nicolas, não agradeceu pela primeira vez por não ter morrido no acidente. Distraído em seus pensamentos, demorou a perceber que ela havia mandado uma mensagem.

Alessandra:

Oi, Nick. Está aí?

Nicolas diz:

Oi, Alê. Desculpe. Me distraí. Como foi seu dia?

Alessandra:

Foi tranquilo.

As crianças fizeram um mutirão do abraço para me alegrar.

Nicolas:

Bacana. Eles aprendem com você a serem assim. Parabéns.

Alessandra:

Ah... Eles são bonzinhos mesmo.

Nicolas...

Seu nome seguido de reticências. Sabia exatamente o que ela queria.

Alessandra:

Vai me contar?

Nicolas:

Eu tenho escolha? rs

Alessandra:

Se somos amigos, não tem não.

Não há necessidade de se esconder de mim.

Ao mesmo tempo, por sermos amigos, não posso te forçar a nada.

Você decide.

Nicolas:

Certo...

Um momento de silêncio percorria a conversa, ninguém digitava nada. Ela pensou que ele não contaria até que começou a digitar.

Nicolas:

Apesar de ter 15 para 16 anos na época do acidente, eu me revoltei muito.

Quase perdi a perna direita, mas não a dor física que me incomodava.

Eu me sentia morto por dentro.

Aí me voltei justamente para aquilo que deveria fugir. As bebidas.

Foi uma tentativa de autodestruição. Hoje eu sei.

Na época pensava q era apenas uma fuga.

É claro q fazia escondido de minha mãe.

Mas ela soube q havia algo errado quando parei de voltar para casa em algumas noites.

Bebia até cair desmaiado, Alessandra.

Honestamente, não sei como estou aqui.

E, até pouco tempo, decididamente não queria estar aqui.

Entenda, não é q eu fizesse isso todos os dias, não fazia não, pelo menos não no início, mas de vez em quando saía e quando acordava não me lembrava de nada.

Isso é o pior, no meu caso.

Se eu ficar bêbado não me lembrarei de nada no dia seguinte.

É horrível.

Como se tivesse perdido momentos da minha vida.

Mas eu fugia assim e, na época, gostava.

Alessandra não sabia o que dizer. Sabia que ele tinha sofrido muito,

mas não a ponto de fugir dessa maneira. Começou a pensar o que faria se não o tivesse em sua vida e, de repente, entendeu que talvez pudesse ter ido pelo mesmo caminho se tivesse vivido o que ele vivera.

Alessandra:

Quando você mencionou seu primo, a bebida e disse que entendia, cheguei a pensar nisso, mas não que tivesse sido tão grave.

Nicolas:

Mas foi... Infelizmente.

E foi pior.

Alessandra:

Pior?

Nicolas:

Sim.

Drogas...

Nicolas deitou na cama e deixou o celular sobre o peito. Desde que a conheceu temia que ela descobrisse sobre seu passado e se afastasse. Agora contava a ela quem ele realmente era. Um homem destruído, que julgava não pertencer a lugar nenhum.

Sem perceber, ele prendeu a respiração. Estava tenso e com medo do

que viria a seguir.

Alessandra:

Nick, você sabe que pode me dizer qualquer coisa, certo?

Não vou julgar você.

Eu ainda estou aqui.

“Eu ainda estou aqui.”, ele sorriu ao ler. Ela era incrível. Num instante, ele não sentiu mais medo de se abrir.

Nicolas:

Minha mãe tinha q lidar com sua própria dor e uma criança em casa. Téo tinha 12 anos e também não estava lidando bem com tudo. Ele tinha perdido pai e mãe no acidente. Hoje percebo q fui egoísta lidando com a minha dor daquela maneira. Não percebi o quanto destruía a minha mãe.

Nicolas estava estranhando o modo como as palavras fugiam dele. Era como se tivesse esperado por Alessandra a vida inteira para poder contar a ela.

Nicolas:

Quando minha mãe se deu conta do q acontecia, eu estava com 17 anos. Ela fez de tudo para me internar, mas não conseguiu. Mas, aos 18, acabei me

internando sozinho.

Limpar meu organismo do q não prestava foi fácil, mas eles nunca conseguiram me limpar da dor que sentia. Foi difícil...

Alessandra:

Ainda é, certo?

Nicolas:

Sim.

Alessandra:

Eu sinto muito, Nick.

Nicolas:

É a vida, Anjo. Às vezes ela é assim.

Alessandra:

Por que acho que não está me contando toda a história?

Nicolas:

Porque me conhece e sabe q não estou, mas é só isso q terá agora.

Alessandra:

Certo. Terei que aceitar. Por hora.

Você disse que até pouco tempo não queria estar aqui.

Agora quer?

Nicolas:

Sim, agora quero.

Eu sinto que preciso.

Antes eu não sentia nada.

Alessandra:

O que mudou?

Nicolas:

Ô... insistência... rs

O q mudou foi vc, menina.

Eu a conheci e parei de questionar q deveria ter morrido no acidente.

Parei de lutar contra isso.

Eu não morri.

Não queria q tivesse acontecido, mas não estava lá e passou da hora de agir como se estivesse.

A morte é complicada e cada um lida com ela de um jeito. Nunca soube como lidar e acho q foi isso q tentei de todo jeito evitar que acontecesse com vc.

Acho q, inconscientemente, te chamo de “Anjo” porque é assim q vejo vc.

Nicolas não soube precisar o momento exato em que a dor parou de ser tão intensa. Soube somente que essa mudança aconteceu por causa de Alessandra. Sobreviveu querendo que ela sobrevivesse e não se entregasse à dor como ele fizera.

Alessandra:

Então, você se salvou para me salvar.

Poético isso.

Nicolas:

Vc vê poesia de tudo, Alessandra. rsrs

Mas talvez tenha sido isso, vc me salvou para que eu pudesse te salvar.

Nossa... Pareceu uma cantada. kkkk

Nem foi, tá?

É sério. Sei lá. Era para ser sério, mas sem esse tom meloso. rsrs

Alessandra riu da capacidade de Nicolas de fazer graça nos momentos mais tensos.

Alessandra:

Eu entendo o que quer dizer.

Você me ajudou muito no que passei, Nicolas.

Sinto uma vaidade boba por tê-lo ajudado de alguma maneira.

É claro que não é nem a metade do que faz por mim.

Nicolas:

Olha vc querendo confete. kkkk

Sabe muito bem o quanto fez por mim. Sei q sabe.

Vc tem um jeitinho, q eu não compreendo, de me entender bem.

Me incomoda, às vezes, mas em outros momentos é bom.

Confuso, não é? Essa é a minha vida. Aliás, ela não era assim, era triste, mas não confusa.

A confusão foi você que embutiu. rs

Alessandra:

Aaaahhh! Bobo! kkkkk

Alguma chance de você me contar hoje a continuação da sua história?

Nicolas:

Não! ¬¬

Alessandra:

Perguntar não ofende. rsrs

E gostei de saber mais de você. Imagino a barra que tenha passado, sendo tão novo e passando por isso sozinho.

Eu tive mais sorte. Apesar das minhas dores, tenho você.

Nicolas:

É... Mas é o q eu disse, passar pelo q passei me ajudou a te ajudar. É a única coisa boa q eu enxergo em todo aquele sofrimento.

Agora me fala qualquer bobeira aí porque quero sair desse assunto.

Vou ter um ataque de diabetes com o nível de açúcar dessa conversa. rsrs

Alessandra:

Recebi flores hoje...

Nicolas:

Hein?

Alessandra:

Estranho, né? Fiquei surpresa.

Estou até agora.

Nem liguei para agradecer nem nada.

Nicolas:

Esse suspense é para me deixar curioso mesmo, certo?

Alessandra:

Foi o Ricardo.

Aquele amigo do meu irmão.

Nicolas:

Hum... Aham... Sei...

Alessandra:

Ai... Lá vem!

Nicolas:

O q eu tinha falado mesmo? kkkk

Ele tá querendo...

Alessandra:

Tá... Assumo! Acho que está sim.

E ele é insistente, viu?

Quer sair comigo no sábado.

Nicolas:

Cinema, né?

Alessandra:

Como sabe?

Nicolas:

Ah... Fácil.

Ele tá querendo e vai te levar para um lugar mais calmo.

E como tá bem a fim, tá preocupado em fazer algo q vc goste.

Cara esperto. Vai lá, Alê. Aproveita.

Vai curtir a vida um pouco.

Alessandra:

Não sei. Já te expliquei o que penso sobre isso.

Acabei de terminar um relacionamento.

Nicolas:

Alê, não estou dizendo pra vc casar com ele.

É só pra sair e aproveitar a vida.

Se divertir, rir, sei lá...

Aproveita, garota!

Tenho certeza de q ficou balançada com as flores.

Alessandra:

Não é que tenha ficado balançada, mas foi gostosa a sensação de ter alguém querendo me conquistar. rs

Ai... Que vergonha.

Nicolas:

Para de bobeira. Liga para ele depois e deixa rolar.

Alessandra pensou em digitar sua resposta, mas antes disso ele continuou.

Nicolas:

Sei q não vai ligar para ele.

Conheço esse seu eterno jeito de menina q espera o cara ligar. rs

Mas nem se preocupe. Ele vai ligar.

Alessandra:

Não sei, Nick.

Em todo caso não estou pensando nisso.

Nicolas:

Mentiroooooooooooooooooosa...

Mais tarde, quando se deitou na cama para dormir, Alessandra

confessou para si mesma que Nicolas estava certo. É claro que estava pensando nas flores e no modo como Ricardo insistia em querer chamar sua atenção. Adormeceu com isso em mente.

Capítulo 19

Os dias foram se passando e Nicolas e Alessandra seguiam nessa rotina, aproximando-se cada vez mais. Ela, pela primeira vez em muito tempo, começou a emitir sinais de felicidade e ele estava mais alegre também. Em alguns momentos, ambos se deixavam envolver pela dor do perda e ficavam mais cabisbaixo, mas, quando isso acontecia, um estava sempre pronto para estender a mão para o outro e puxá-lo para a luz.

O sábado chegou sem que Alessandra percebesse, ela tomava banho quando ouviu seu irmão gritando do lado de fora do banheiro.

— Alessandra, estou em casa! E tem mais gente!

— Peraí! Hoje é sábado! — ela lembrou-se de repente, dando um tapa na testa. — Será que o amigo do Lê é o Ricardo? Acho que não. Ele sumiu depois das flores.

A tarde estava fria e Alessandra tinha trazido para o banheiro justamente seu pijama de flanela, o mais quentinho e confortável de todos. Afinal, não pensava em sair.

Vestiu-se, hesitou mais alguns momentos e, por fim, saiu dando de cara com seu irmão e Ricardo que estavam conversando no corredor, bem na

porta do quarto dela.

— Ah. Oi... — ela disse, tímida.

— Oi! — respondeu Ricardo dando-lhe um beijo no rosto, fazendo com que ela sentisse seu perfume levemente amadeirado.

— Seu primeiro encontro será uma festa do pijama? — Leandro perguntou, sério, para depois começar a rir.

Ela ficou vermelha e quase deu meia volta e foi para o banheiro outra vez.

— Para, cara. — intercedeu Ricardo — Vai deixar sua irmã sem graça. Eu espero você se trocar, sem problemas.

Ela virou-se disposta a dizer que não sairia com ele, mas ao olhar em seus olhos tão carinhosos e convidativos apenas respondeu:

— Certo. Vou me trocar. — Fechou a porta do quarto e ouviu o bater de mãos dos dois comemorando atrás dela.

Nicolas se distraiu enquanto instalava alguns programas no computador, e quando se deu conta eram 22h. Não havia falado com Alessandra ainda. Ele sabia que o tal cara a tinha convidado para sair e foi um dos maiores incentivadores de que ela fosse, mas ela foi taxativa quanto a não

ir.

Ele levantou-se da cadeira e alongou-se um pouco. Era incrível como sua vida mudara nos últimos meses. Estava mais caseiro do que nunca. Pelo menos não estava fazendo nada de errado. Foi até a sala e observou sua mãe lendo um livro da Agatha Christie. Ela adorava qualquer tipo de livro e estava numa fase de mistérios e suspense ultimamente.

— Está tudo bem, filho? — levantou os olhos do livro e ajeitou seus óculos de leitura.

— Está. Só vou até a cozinha beber um pouco de água. O Téo saiu e de repente me senti entediado. O que está passando na TV?

Como sempre, enquanto lia, Rosalia deixava a televisão ligada. Ela dizia que a casa parecia mais movimentada assim.

— Não prestei atenção, mas se quiser, posso descobrir, e quem sabe não assistimos a algum filme juntos?

— Pode ser. Já volto.

Na cozinha, ele descobriu que não era sede o seu problema e começou a procurar alguma besteira para comer. Achou um pacote de salgadinhos e foi em direção à sala.

Sua mãe estava acomodada em sua poltrona, mas não lia mais o livro.

— Olha, filho. Achei um filme que começará agora: “O Casamento do meu Melhor Amigo”, já assistiu? Com aquela atriz que adoro.

— Não assisti ainda. É comédia, certo? — vendo-a assentir continuou — Será esse, então.

Ele ajeitou uma almofada embaixo da cabeça, abriu o pacote de salgadinhos e começou a assistir.

Nicolas imaginou, por conhecer a sinopse do filme, que se lembraria de Alessandra conforme assistisse, mas não poderia dizer isso à mãe. E, afinal, não havia problema nenhum em se lembrar dela. A não ser pelo fato de que ele pensava nela acompanhada de alguém, e isso o incomodava mais do que queria admitir.

Os pensamentos se amontoavam em meio às imagens do filme da cabeça dele. “Talvez seja melhor assim. Ela saiu com o cara. Ele está super a fim dela e vai rolar alguma coisa, se a tratar bem. Alessandra está precisando de carinho. Se ele chegar com jeitinho, ela vai aceitar. A Jules acaba de se estrepar. Só agora percebeu que está a fim do amigo. Agora é tarde, Jules. A Alessandra merece um cara legal. Tá... Não sei se esse cara é legal, mas, poxa... É amigo do irmão dela, se não for legal, estará morto. O Leandro não permitiria que ninguém a magoasse. Vixi... Como o Michael não percebe que essa amizade não é mais amizade faz tempo? Hum... Esse barco, essa música, se não rolar o beijo agora, não rola mais. É... Não rola mais. Mas de repente é melhor assim, né? Melhores amigos são melhores amigos, se misturar as coisas, pode estragar. É só observar, eles mantinham uma amizade havia anos

e agora ela vai demonstrar os sentimentos e vai lascar tudo. Essa hora a Alessandra deve estar saindo da sessão do cinema. Será que está tudo bem? Será que ele está sendo legal? Bom... Deve estar, e ela não é boba, se ele a tratar mal, ela vai dispensá-lo. Caraca, Jules, não beija, não beija, não beija. Puuutz! Beijou! Eita que a noiva estava olhando. Tá vendo? É disso que eu falo, olha a porcaria agora. Eu estou certo. Manter distância é o mais prudente a se fazer. Puxa... Coitada da Jules. É ruim se sentir dessa maneira. Ainda teve que assumir todas as maluquices que fez. Bem... Isso eu não faria porque sempre priorizaria Alessandra. Preferia me machucar primeiro. Ah... Mas não queria que o filme acabasse assim, não. Olha lá ela tamborilando os dedos na mesa. Tadinha... Aeee... O amigo apareceu. Não o noivo, mas o outro amigo. Esse cara me tirou boas risadas hoje. É... Eles não ficaram juntos, mas ambos acabaram bem. É a vida. Hum... Vou lá pegar meu celular para ver se a Alessandra mandou mensagem.”

Ele se despediu da mãe e seguiu rumo ao quarto. Alessandra não tinha aparecido. Já era meia-noite e ele resolveu que dormir era o melhor a fazer.

Quando Alessandra saiu de casa para ir ao cinema com Ricardo, não imaginou que pudesse se divertir tanto. Ele tinha um jeito galante de ser e

dizer tudo na hora certa. No caminho e na fila para o cinema conversaram muito e, na última hora, o papo estava tão agradável que ele sugeriu que não assistissem ao filme e ficassem conversando enquanto tomavam um café.

A princípio ela ficou desconfiada, mas acabou cedendo e, por incrível que pareça, não se arrependeu.

— Como é morar com seu irmão? — perguntou ele num determinado momento, depois dela comentar que a mãe estava viajando há alguns meses.

— Agitado e agradável ao mesmo tempo. O Lê é aquele tipo de pessoa que é ótimo ter por perto. Ele é sempre alto astral. Eu já sou mais quietinha.

O papo continuou dessa forma. Ele fora um perfeito cavalheiro. Em nenhum momento tentou nada. Soube fazê-la rir nos momentos certos e insinuou que queria algo a mais em outros, mas sem pressão.

— Quando vamos sair de novo? — ele perguntou.

— Ainda nem nos despedimos e está pensando em me ver de novo? — ela devolveu a pergunta rindo com certa timidez.

— Eu quero garantir que terei outra chance. — segurou sua mão — Essa foi uma noite muito agradável. Compensou cada esforço que fiz para trazê-la aqui.

— Essa noite foi agradável mesmo. — tirou a mão discretamente para colocar o cabelo atrás da orelha. Sinal de que estava tensa — Eu só não quero

acelerar as coisas.

— Tudo bem. Vamos com calma. Mas saiba que estou interessado. — ele sorriu sedutoramente — Adoro isso em você. Essa sua timidez forte ao ponto de deixá-la vermelha.

E ela estava realmente muito vermelha. Ele a deixava sem jeito. Era galante e atencioso.

— Deixa eu lhe contar o que o Leandro aprontou outro dia...

E com isso Ricardo mudou de assunto. Durante toda a noite ele agiu assim, ora se insinuando, ora sendo um perfeito cavalheiro e não a deixando constrangida.

Ao deixá-la à porta de casa, deu-lhe um breve beijo no rosto e partiu.

Alessandra encontrou a casa escura e silenciosa. Leandro deveria estar na balada. Navegou um pouco pela internet no celular. Não tinha mensagens do Nicolas. Pensou se ele estava bem, se tinha aproveitado o sábado à noite.

Mal entrou no quarto e o celular vibrou. Pensando que fosse o amigo, ela correu para ver e se surpreendeu com a mensagem de Ricardo.

Foi uma noite incrível!

Ansioso pela próxima.

Um beijo, menina linda.

Um sorriso escapou de seus lábios. Ela agradeceu, sem saber bom o que dizer. Havia gostado da noite, mas não sabia dizer do que exatamente sentira falta.

Por fim, trocou de roupa, desligou o computador e colocou o celular para tocar músicas. Adormeceu ao som do Coldplay.

Capítulo 20

Alessandra:

Bom dia, Nick.

Ela mandou a mensagem, assim que acordou.

Nicolas:

Bom dia, Alê.

Tudo bem?

Alessandra:

Tudo bem sim.

E você?

Nicolas:

Estou bem também.

Alessandra:

Acabei saindo com o Ricardo ontem.

Nicolas:

Ah... Desconfiei. rsrs

Eu disse q isso aconteceria. E aí?

Alessandra:

Foi bom. Melhor do que esperava, na verdade.

Ele é simpático, galante, diz a coisa certa...

Nicolas:

Na hora certa.

Alessandra:

É... Ele quer sair de novo, mas ainda não sei.

Nicolas:

Se quer sair é porque gostou. kkk

O que rolou, hein?

Ele estava curioso, mas o incomodou fazer essa pergunta.

Alessandra:

Nada de mais.

Nicolas:

Sei.

Alessandra:

Sério, Nicolas.

Só conversamos.

Alívio.

Culpa.

Queria que ela se divertisse e fosse feliz, mas não sabia como se sentir.

Alessandra:

Na verdade, Nicolas, fiquei pensando quando cheguei aqui que seria legal se você e eu fôssemos ao cinema algum dia.

O que acha?

Ela realmente o considerava apenas um amigo, caso contrário jamais o convidaria para o cinema. Era o que ele pensava enquanto digitava a resposta.

Nicolas:

Ah... Pode ser.

Uma hora pode dar certo, mas não sei o dia ainda.

A gente vê mais para frente.

Alessandra:

Ih... Se não quer ir é só dizer, tá?

Nicolas:

Não é isso.

Não tem nada a ver.

Mas tinha, ele não estava preparado para vê-la de novo. Se a visse, cederia. Se a visse, ela saberia.

Alessandra:

Pareceu.

Nicolas:

Ah... Relaxa.

Vc vai sair bastante agora porque esse cara não vai largar do teu pé.

Depois a gente vê de sair para um cinema.

Não se preocupe.

Agora me conta como foi ontem.

Ela não estava satisfeita com essa resposta, mas sabia que não adiantava insistir e respondeu o que ele queria saber.

Alessandra:

Ele tem um bom papo.

Conversamos bastante.

Nicolas:

Ele não tentou nada?

Alessandra:

Não.

Insinuou várias vezes e disse claramente em outras que quer algo comigo, mas não incentivei.

Nicolas:

Putz... Agora já era.

Alessandra:

Hein?

Nicolas:

Ele quis e vc recuou.

Ele se insinuou e vc não deu bola.

Pronto. O cara tá amarrado.

Por mais imbecil que seja homem nenhum resiste a uma mulher q não quer nada com ele. kkkk

Alessandra:

Ah... Nada a ver. Você mesmo já me disse que gostava de uma menina que não quis nada com você e nem por isso foi atrás dela.

Nicolas:

Não me considere como exemplo, Alê.

Não sirvo pra isso. rs

As circunstâncias eram outras. Acredite.

É questão de honra para ele te conquistar agora.

Mas tudo bem... Desde q te dê bons momentos tá valendo.

Alessandra:

Não sei.

Nicolas:

Acho q já está provado q vc é inocente.

Seu passado te condena.

Acredite em mim.

O q eu tinha falado sobre ontem?

Acertei, não foi?

Alessandra:

Sim... rsrs

Não baterei mais na tecla de que acho que é cedo porque já sei o que ouvirei de você.

Vamos deixar rolar e ver no que dá.

Nicolas:

Isso.

Boa menina, não teime com seu amigo.

Vc precisa ser feliz e ter bons momentos.

É só o q importa.

Ele foi sincero. Naquele momento, tudo o que pensava era na felicidade dela. Queria vê-la bem. Não importava se era com esse cara ou com outro. Sabia o que estava em jogo quando não aceitou ir ao cinema com ela. Sabia também que não seria fácil esconder o que sentia pessoalmente, e não se encontrando era o modo mais simples. Só queria vê-la bem.

O que fazer com o aperto no peito que tinha a cada vez que dizia para ela aproveitar as oportunidades e sair com outro? Bom... Isso já era outra história.

Capítulo 21

Assim como Nicolas previu, aconteceu. Ricardo era um perfeito cavalheiro, parecia ser o príncipe encantado que todas as mulheres buscavam. Nas conversas, ele passou a ser assunto recorrente. Alessandra estava cada vez mais envolvida. Próximo ao Dia dos Pais, ela se abateu novamente e Nicolas ficou mais presente durante o dia. Ao mesmo tempo, eles não se falavam tanto durante as noites como antes, afinal ela estava saindo bastante.

Foi numa manhã de domingo, três meses depois de ter conhecido Ricardo, que tiveram uma conversa que intensificaria mais os limites entre eles.

Alessandra:

Estou apaixonada, Nick!

“Certo, não é nada que você já não esperasse, Nicolas. Parte disso é culpa sua. Então, não tem como reclamar agora.” — ele pensou.

Nicolas:

Puxa... Alê, estou feliz por você!

Apesar de ser contraditório, estava feliz por ela. Estava se sentindo péssimo por ele, mas aprendera a viver através da sua felicidade de Alessandra. Era tudo o que importava a ele.

Alessandra:

Eu sabia que ficaria!

Não sei bem o que dizer, disse tantas vezes que não queria me envolver com ele.

Mas sei lá...

Foi inevitável.

Ele me conquistou.

Nicolas:

Eu sei...

Ela estava tão empolgada que não percebeu as reticências.

Alessandra:

Puxa. Nossa.

Olha, Nick, tenho sentido sua falta, sabe...

Nós não nos falamos mais como antes.

E a distância aumentaria agora.

Alessandra:

Eu não quero que nos afastemos por estar namorando.

Silêncio.

Pausa.

Surpresa.

Nicolas:

Puxa... Já evoluiu para namoro?

Q legal, Alessandra.

Vc merece ser feliz.

A dualidade dos sentimentos de Nicolas apertava seu peito.

Alessandra:

Não sei do futuro.

Programei tanto da última vez que vou deixar rolar dessa.

Nicolas:

Faz bem.

Alessandra:

E o que falei é sério, viu?

Não quero me distanciar de você.

Quero você para sempre em minha vida.

Talvez você não saiba o quanto é importante para mim.

Ainda me deve aquele cinema. Eu não esqueci.

Nicolas:

Vc também é importante para mim, Anjo. Muito.

E sabe disso.

A gente não precisa se distanciar porque está namorando.

Somos amigos e isso é nunca vai mudar.

Pelo menos é o q penso.

Alessandra:

Você é o meu melhor amigo, Nicolas. Já te falei.

Adoro você. Muuuuuuuuuuuuuuuuuito!

Agora preciso ir. Se cuida, tá?

E nunca se esqueça de que adoro você demais.

Nicolas:

Eu também adoro vc.

Capítulo 22

Mais tarde, como era domingo sua mãe tinha ido visitar uma amiga e Nicolas perambulava pela casa. Tinha saído para dar uma volta e caminhar um pouco. Colocar os pensamentos no lugar e tentar lidar com certos sentimentos.

Quando voltou da rua, encontrou seu primo estirado na cama.

— E aí, Téo!

— Oi, primo. Chega aí.

Nicolas deitou-se na outra cama e ficou olhando para o teto. Eles dividiam o quarto desde o acidente dos pais. Eram como irmãos e se conheciam muito bem.

— Que que tá pegando, cara? — perguntou Téo na lata.

— Nada não, primo. Final de domingo. Sabe como é... Só fica pior quando começa a musiquinha do Fantástico, aí sabemos que o domingo morreu mesmo.

Téo riu do seu canto do quarto, mas não acreditou.

— Isso é muito mais do que uma crise pré-segunda-feira. Vai me contar ou vou ter que começar a chutar?

Nicolas sabia que podia confiar no primo. É claro que faria suas

brincadeiras e pareceria não levar o caso a sério, mas levaria.

— Cara, é o seguinte, já passamos por muitas coisas. Você me conhece bem. E, mais, estava comigo durante todo o trajeto. Sabe do meu comportamento após o acidente e sabe bem no que isso deu, com quem me envolvi e como acabou errado.

Téo sentou-se na cama, percebeu que tinha algo errado e sentiu o tom de tristeza na voz do primo. Ficou calado, enquanto ele continuava.

— Depois da Paula, não me envolvi com mais ninguém. E já se passou um tempo.

Paula era a ex-namorada de Nicolas. O assunto proibido em sua vida. O final do relacionamento ainda o assombrava.

— Cara, eu imaginava que você não tivesse saído com mais ninguém mesmo, afinal você praticamente só sai de casa pra trabalhar. Tirando aquela balada que foi comigo e as suas caminhadas diárias, não te vejo mais saindo como antes. Sabe que me preocupo com isso. Já conversamos tantas vezes.

— Téo mantinha um tom mais sério do que o normal — Confesso que conversei com a tia Rosa sobre isso. É... Eu sei, falei com sua mãe, não precisa olhar com essa cara, estávamos preocupados com você.

Nicolas também se sentou na cama.

— Eu entendo. Não se preocupe. Só não queria deixar minha mãe tão preocupada como antes.

— Então, cara, ela não está, quer dizer, sempre vai se preocupar com você, mas não como naqueles dias. Você está bem agora. Está diferente. Tornou-se um ermitão, mas agora tem motivo, né? A gatinha do Whatsapp.

— ele comentou sorrindo, mas percebeu pelo olhar de Nicolas que o problema estava justamente ali — Ih... O que houve?

E pela primeira vez Nicolas falou sobre Alessandra com alguém. Contou sobre como se conheceram, sobre a morte do pai dela e como passou a lidar melhor com o acidente por conversarem. Ele sabia que faziam bem um ao outro. Talvez pela proximidade que a escrita lhes dava, conheciam-se muito bem.

— Ela parece ser uma menina legal. — disse o primo, quando ele terminou de falar — Parece ser fácil se apaixonar por ela.

— Pois é...

— Está apaixonado por ela?

— Honestamente, não sei. Acho que não, talvez, não sei.

— Eita... Está sim! — ele riu.

— Não tenta me analisar, Téo. Estamos conversando, contei a você sobre ela, mas para com a graça.

— Não tem nada para ser analisado. Era óbvio que mais cedo ou mais tarde você se apaixonaria por alguém além da Paula. Não vai ficar remoendo isso para sempre, não é? Tá bom que ela foi uma desgraçada sem tamanho,

mas a fila anda, Nicolas. E a vida te apresentou uma garota linda, meiga, passando por uma série de problemas que não teria aguentado se não fosse por você. E ajudá-la te ajudou, pelo que você falou.

— Você se lembra do que perdi no final do meu relacionamento com a Paula?

— Lembro. Perdeu sua namorada, sua amiga, seu apoio, tudo. Eu me lembro. Estava presente. Mas não pode viver em função disso.

— Eu sei, mas ainda assim é ruim. Você sabe o que aconteceu depois. Por isso me fechei. Depois disso só tive colegas, uma ou outra ficada por ficar, sem me apegar a ninguém. Passei a sair menos. — falou enquanto o primo levantava a sobrancelha — Tá... Passei a sair muito pouco. — Téó balançou a cabeça. — Certo, quase nada. Mas numa dessas saídas, de tanto a Márcia me atormentar, conheci a Alessandra, e em outra dessas saídas coincidentemente a vi.

— Como é que é? — perguntou surpreso.

— É. Não contei, mas a vi naquela balada. Não conversamos porque você apareceu daquele jeito, e no fim foi melhor. Parece que o irmão dela é amigo do dono do lugar.

— Nossa. — ele assobiou — Ela é alto nível...

— Sim, é. A família é dona de uma agência de publicidade. É dinheiro que não acaba mais.

— Bom, cara, o conselho que eu te dou é deixar de lado o que aconteceu no seu último relacionamento e tentar viver.

— São vários fatores, primo. Eu me sinto melhor com ela por perto, ainda que virtualmente, é verdade. Poderia arriscar e poderia não dar certo. Eu a perderia. Acho que não sei mais como viver sem ela em minha vida. Também tem o fato de ela ter passado por tantas coisas que a deixam carente, então sempre soube que ela se apaixonaria pelo primeiro que fizesse o certo e a tratasse bem.

— Seja o primeiro, ué. — nessa hora, Téó foi se sentar ao lado de Nicolas em sua cama.

— Não é tão simples. E apareceu um carinha aí. Ele é amigo do irmão dela, ele a deixou feliz. Você precisa ver. Dá até pra ver o brilho nos olhos dela nas fotos que posta.

— Não, você a deixou feliz e o cara pegou o trabalho pronto. Desculpa, primo, mas que burrinho você foi, viu...

— Não adianta. O fato é que ela me disse hoje que está namorando com ele.

— E aí, cara, vai entregá-la assim de mão beijada?

— Como eu disse, não tenho certeza do que sinto e pode muito bem ser carência da minha parte também, Téó.

— Meu sensor de mentiras está apitando.

— Não tem nada a ver. Ela já está com outro cara. Não vou me aproveitar de um momento de fragilidade dela.

— Agora sim. Não é que você não pense nela desse jeito, ou que não saiba o que sente, você pensa e sabe, mas não quer que ela fique com você por carência. Parabéns, primo. Você acaba de ganhar o prêmio “eu sou o cara certinho da história”. Ah... Mas esse prêmio implica perder a mocinha, tá? Sinto muito. São as regras na sua situação.

Nicolas pensou bastante antes de responder, como se analisasse todos os seus sentimentos.

— Mas é o que eu disse, provavelmente no meu caso seja apenas carência também. Não saio com ninguém há bastante tempo, a Alessandra é uma garota meiga e sensível, é fácil se apaixonar por ela. É isso mesmo. Estou confuso porque estou vulnerável devido às circunstâncias.

— Vamos mudar as circunstâncias, ué. — falou sem pensar vendo a expressão de Nicolas mudar, como se tivesse entendido o que ele tinha falado quando ele mesmo não entendia.

— Certo. Vamos sair.

— Hoje? Domingo? Nicolas, é você quem está aí mesmo? — perguntou sem entender.

— Sim, vamos mudar as circunstâncias. Se o meu problema for carência, é hoje que isso passa. — respirou fundo.

— Olha... Não sei se vai funcionar, mas é bom vê-lo reagindo. Estava sentindo falta de fazer isso com você. Vamos matar essa carência aí.

Capítulo 23

Nicolas voltou a sair muito com o primo. Continuava evitando bebidas ou encrencas maiores, mas sempre terminava com uma garota diferente. Aos poucos, ele foi se convencendo de que o que sentia por Alessandra era uma enorme amizade que se confundia às vezes. Pelo menos é o que ele repetia para si mesmo.

Por outro lado, Alessandra também passou a sair mais. Ricardo parecia perfeito.

Ela sentia falta de Nicolas com quem trocava mensagens. Se ele sumisse por alguns dias, como vinha acontecendo, ela o procurava para ver como estava. Às vezes, sentia falta das longas conversas que tinham antes, mas pensava que ele tinha o direito de sair e conhecer outras pessoas e, talvez, encontrar alguém que o fizesse feliz. Ela nunca soube o que tinha acontecido no passado dele em relação a isso. Se antes ele já não falava, ainda mais agora que se falavam menos.

Ricardo perdia o ar de bom moço apenas quando estava com Alessandra e Nicolas mandava uma mensagem. Isso o incomodava demais, e foi o que motivou tiveram a primeira briga. Ela não soube o que fazer, apesar de estar apaixonada, jamais abriria mão do amigo. Nessas horas, Leandro

interferia e conversava com ele. Não achava justo que se envolvesse dessa forma nas amizades da irmã, ainda mais sendo alguém que sempre lhe fizera bem.

Nicolas e Alessandra continuavam se importando um com o outro, mas seguiam em vidas separadas. O sentimento que ele tinha por ela entrou num estado de latência a ponto de pensar que tudo o que havia era apenas amizade. Ele se sentia aliviado porque algo entre eles causaria problemas ou poderia distanciá-los ainda mais.

O tempo foi passando. Ela completou dez meses de namoro, e tudo continuaria no mesmo ritmo se sua amiga Camila não tivesse voltado da Inglaterra.

Ela era o oposto de Alessandra em diversos sentidos, a começar por ser completamente extrovertida. Conheciam-se desde que nasceram, através de suas famílias. Estudaram juntas, cresceram juntas e tinham uma ligação muito forte. Camila sofreu muito por não poder vir para o Brasil quando o pai de Alessandra faleceu, mas, devido a um contrato de trabalho, não pudera. Assim que a amiga colocou os olhos em Alessandra disse:

— Você está diferente!

— Estou nada.

— Está, sim. Até esse sorriso aí eu não conhecia. Quer dizer, eu conhecia, mas há muito tempo eu não via. É por que terminou com o

chatérrimo do Luiz ou é o novo cara? — olhou-a de cima até embaixo.

— Ah... Não sei.

— Seja lá qual foi o motivo, lhe fez um bem enorme. Você está linda demais. Olhos brilhantes, pele bonita. Adorei!

À noite, elas saíram com um grupo de amigos, e Camila pôde conhecer Ricardo. Observou-o com Alessandra e constatou que, apesar de fazê-la sorrir e deixá-la feliz, não era o motivo do brilho. Ela o reconhecia de algum lugar, mas ele disse que não, afirmava que nunca a tinha visto antes. Seus olhos passaram a procurar por qualquer sinal diferente que encontrasse. Gostava muito de Alessandra e queria mantê-la feliz. Sendo muito mais experiente que a amiga, conhecia melhor os homens e passou a procurar falhas no modelo de perfeição de Ricardo. Não sabia dizer o que estava errado, mas sabia que era questão de tempo. Ninguém pode ser tão perfeito. Infelizmente, não precisou muito. No final daquela noite já sabia de onde se lembrava dele e sentia-se muito mal por ser quem ajudaria a partir o coração de Alessandra mais uma vez.

— Há quanto tempo você o conhece? — perguntou a Leandro.

— O Ricardo? Eu o conheci algumas semanas antes de começar a sair com a Alessandra. — ele tomou um gole de sua bebida antes de perguntar — Por quê?

— Eu o conheço.

Ele parou de beber no segundo que percebeu o tom de Camila.

— Como assim?

— Eu o conheci numa balada um pouco antes de ir para Londres. Não me lembrei na hora porque estava meio altinha, sabe como é.

— Se estava bêbada, pode ter-se enganado. E se não, qual é o problema de conhecê-lo?

— Nenhum. Tirando o fato de o senhor modelo de perfeição ter traído a namorada de dois anos comigo naquele dia. Não me olha com essa cara, porque só soube depois quando a bendita voou em cima de mim.

Leandro olhou para Ricardo por um instante. Estava na pista de dança com a irmã.

— Camila, não vá procurar encrenca. Minha irmã passou por muita coisa enquanto você esteve fora. Sofreu muito. Não é porque ele traiu a namorada uma vez que fará isso de novo. Ele não é louco. Ela é minha irmã. Meu Deus. Não posso nem pensar nisso. Está se aproximando o aniversário da morte do meu pai e só agora ela parece estar melhor em relação a isso. Tomara que seja coisa da sua cabeça. — falou, sério. — Será que você não está se sentindo assim por culpa?

— Você continua direto, né?

— Claro.

— Olha, Leandro, eu me sinto culpada, sim, por ter deixado sua irmã

se isolar ainda mais no tempo que passei na Inglaterra. Sei que errei. Não soube lidar com ela não respondendo minhas mensagens e acabei largando mão. Mas agora eu voltei e ficarei de olho nele. E você me conhece. Se o cara estiver enganando a sua irmã, eu pegarei em dois tempos.

— Certo, mas espero que você esteja errada, porque nesse caso você pega e eu mato.

Nos dias que se seguiram, Camila tinha uma missão: descobrir se Ricardo traía a amiga. Sua intuição a perturbava, somada a culpa, que ela realmente sentia. Alessandra foi uma boa amiga quando ela precisava e, no fim, Camila havia falhado com ela. Por não saber lidar com a tristeza da amiga, ela ficou em silêncio e depois a vida corrida se enfiou no meio daquela amizade. Sabia que não havia muito o que justificar, podia apenas tentar descobrir se estava certa, antes que fosse tarde demais.

Primeiro ela fez uma lista dos lugares que Ricardo costumava frequentar com Leandro, apesar da contrariedade dele. Ele se sentia mal porque não tinham provas e Camila tinha tendência a fazer as maiores loucuras, mas, por via das dúvidas, resolveu confiar nela.

O que ela fez nos próximos dias foi digno de um romance chick-lit.

Aparecia em todos os lugares, mas sem chamar a atenção. Bastou apenas uma semana para descobrir. Infelizmente, ela não ficou feliz com sua descoberta. É como dizem, ninguém é perfeito demais.

Nesse mesmo dia, Camila foi até a casa de Alessandra. Ao chegar lá, encontrou-a ouvindo Dishwalla.

— Alê, você e suas músicas melosas. — ela sorriu — Como você está?

— Que bom ver você. Estou bem. E você?

— Bem também, mas eu... — ela foi interrompida pelo celular da amiga que anunciava mensagem.

Assim que Alessandra leu, Camila soube. Ela reconheceu o autor do brilho que tanto procurava. Seja lá quem tivesse enviado era o motivo da mudança de comportamento de Alessandra.

— É do Nicolas, um amigo meu.

— Você já falou com ele se olhando no espelho? — perguntou como quem não quer nada.

— Não. Por quê?

— Você veria seus olhinhos brilhando. Foi tão meigo. — respondeu rindo e foi atingida por uma almofada.

— Boba. — ela ria — Ele é meu amigo. O melhor amigo que alguém pode ter.

— Eu deveria ficar com ciúmes dessa frase, mas acabei deixando você na mão no momento em que mais precisou. Então, ficarei feliz por ele estar por perto. — de repente ela se lembrou — Alessandra, queria que fosse comigo a um lugar.

Camila se remoía por dentro, mas conhecia a inocência da amiga. Se contasse o que sabia, ela procuraria justificativa e acreditaria em qualquer coisa que Ricardo dissesse.

— Agora?

— Sim, tem problema? Eu já liguei para o Lê e ele vai nos encontrar lá.

— Vou ligar para o Ricardo e ele pode nos encontrar lá também.

— Não! — Camila gritou e soube que agora estava perdida.

— O que está acontecendo? — perguntou tensa — O que está me escondendo?

— Alessandra, eu...

— Está me assustando, Camila.

— Você se lembra de que eu disse que conhecia o Ricardo? — ao ver a amiga assentir continuou — Era verdade.

— Mas ele não se lembrou de você.

— Não sei se é esse o caso, nem sei como lhe dizer isso e acho que não existe modo fácil, mas — ela sentiu as lágrimas virem aos olhos antes de

responder — Ricardo está traindo você.

— O quê? — Alessandra murmurou enquanto sentia seu mundo ruir mais uma vez. — Você tem certeza, Cá? Aonde você ia me levar?

Camila viu o brilho de reconhecimento em seus olhos e soube que ela sabia.

— Onde ele está? — perguntou firme.

— Não sei se devo. Era o que pretendia fazer, mas agora acho que vai te deixar pior.

Ela estranhou principalmente a ausência de lágrimas. Alessandra estava em choque, triste, mas não externava nada.

— Eu preciso ver. Me leve até ele.

— Sinto muito. — foi tudo o que ela conseguiu dizer antes de

pegar as chaves do carro.

Capítulo 24

Nicolas andava de um lado para o outro agitado. Fazia dois dias que Alessandra não entrava no Whatsapp, não respondia as suas mensagens, as suas ligações. Nada. O desespero começava a se intensificar. Ele ouvia mais uma vez o último áudio que ela lhe enviara.

Nicolas,

Você não vai acreditar, porque eu mesma não estou acreditando. Descobri há algumas horas que o Ricardo me traía. Não sei por que cometi a besteira de querer ver isso pessoalmente. A imagem não sai da minha cabeça.

Eu devo ter sido muito idiota. Ele faz isso há tempos.

Nossa. Está doendo tanto.

Estou me sentindo tão envergonhada. Não sei mais com quem falar. Eu me entreguei completamente a ele. Estava apaixonada. Acreditei em cada palavra mentirosa e agora vejo que nada existiu. Juro para você que quero morrer.

Me apeguei a ele como uma coisa boa que me acontecia depois de tantas

ruins, mas não, foi apenas mais uma dor em minha vida.

Não quero ver ninguém, nem meu irmão, nem ninguém.

Só quero afundar mais e ficar lá.

E acabava ali. Uma fúria que nunca havia sentido antes se apossou dele. Se pudesse mataria Ricardo. Como conseguiu magoá-la dessa forma? Como ela não lhe respondia, não sabia o que fazer. Ela simplesmente se trancara em casa com a proximidade do aniversário da morte do pai, sabia que ela desmoronaria.

Respirando fundo, tomou a única decisão que poderia tomar.

Havia dois dias que Alessandra não saía de casa. Não importava quantas vezes Leandro ameaçava arrastá-la para fora ou o quanto Camila implorasse. Ela não conseguia mais pensar em viver. Nem conversar com a mãe, que finalmente retornou, ajudou-a. Queria ficar ali, deitada em sua cama e queria que um buraco se abrisse e pudesse sugá-la.

Lembrava-se da imagem de Ricardo beijando outra garota e da briga que acontecera entre ele e seu irmão, que foi impedido pelos seguranças de bater nele.

O mais triste era a expressão do ex-namorado, como se ele não fizesse nada demais em traí-la. Não derrubara uma lágrima na frente dele, mas agora elas inundavam o travesseiro. O quarto estava fechado e o sol tentava entrar pelas frestas da janela. Sentia raiva de si mesma por se abalar tanto, mas tudo o que conseguia desejar era que o tempo passasse rápido.

“Apesar de o tempo não curar isso, aliás, o tempo não cura nada, mas a dor é levada para longe. O tempo é capaz de desfocar as nossas dores e nos distrair com a vida que segue, mas a dor nunca some por completo.” — foram as palavras de Nicolas quando estava mal pela morte de seu pai. Agora a dor voltava e se somava a muitas outras.

Olhou para o celular e pensou nele. Não conseguia nem responder às suas mensagens. Nada poderia salvá-la agora. Nada.

O telefone da casa tomou. Ela olhou para o aparelho no criado-mudo. Um toque, dois, três, quatro... Chamou até cair. Não atenderia por não querer falar com ninguém. De repente, seu celular começou a tocar. Ela programava os toques de acordo com as pessoas, e seu coração quase parou quando escutou a música do Coldplay, Fix You. Sem conseguir evitar atendeu.

— Nicolas?

— Oi, Anjo. Acho que chegou a hora de nos vermos.

Durante os próximos cinco minutos, tudo o que ele ouviu foi choro e soluços. Apesar da relutância em sair de casa, marcaram de se encontrar no

próximo dia. Nicolas não desistiria dela.

Eram 14h, quando ele a viu em pé em frente ao lago no Ibirapuera. O sol, batendo diretamente em seu rosto, acentuou ainda mais a palidez e os olhos fundos de tanta tristeza. Demorou poucos segundos para que ela o visse e seus olhos se enchessem de lágrimas. Naquele momento, ele não pensou em mais nada além de abraçá-la. O abraço foi aconchegante. Eles se encaixavam perfeitamente. Ela sabia que tudo ficaria bem porque Nicolas estava ali. Ele sentiu suas lágrimas molhando sua camisa e prometeu a si mesmo que a faria feliz. Encontraria uma forma, encontraria alguém capaz de compartilhar todo o amor que havia nela. Uma voz em sua consciência insistia em dizer: “Por que não eu?” Imediatamente ele condenou esse pensamento. “Eu não sou bom o suficiente para ela. Ela é especial, doce, meiga. Precisa de um príncipe e eu sou apenas um sapo em forma de melhor amigo.”

— Que vergonha. Nós não nos vemos há quase um ano e eu fico me debulhando em lágrimas. — ela enxugou os olhos. — Fico parecendo uma garotinha frágil prestes a se quebrar. A quem quero enganar? É como me sinto.

Ele a ajudou a secar o rosto. Depois, segurou em seu queixo fazendo com que olhasse em seus olhos antes de começar a falar.

— Me prometa que não vai se entregar a essa dor.

Estava tão sério e Alessandra não o queria decepcionar, mas hesitava.

Não era uma sobrevivente, sempre se entregava. Ele parecia perceber cada pensamento dela.

— Olha, se não fizer por você, faça por mim, ok? Você sabe da minha história, mas não sabe de tudo. Estava mal quando a conheci, estava afundando, você, de alguma forma que não entendo, me salvou. Alessandra, é verdade. Você se lembra de todas as vezes em que queria saber o que eu tanto evitava falar sobre o meu passado? Eu te contei sobre meu pai e sobre as minhas atitudes depois, mas isso não foi tudo. Não tem ideia do que passei, não imagina o quanto me senti fraco como se sente agora. Precisa entender uma coisa, existem pessoas que são fracas e existem outras que pensam que são fracas e se abatem por não acreditarem em si mesmas. Você é o segundo caso. Poxa. Confia em mim. Você é minha força também. Se está mal, fico mal. Não tem meio-termo. Sei que não lhe falei tudo, sou esse tipo de cara fechadão que mais escuta do que fala. Os problemas dos outros são bem mais fáceis de lidar do que os meus. Não gosto nem de lembrar o quanto estava sofrendo, o quanto parecia que nada mais no mundo importava. Sei o que está sentindo porque estive, exatamente, nesse mesmo lugar. É claro que dói, mas precisa sobreviver. Por favor, se não for por você, sobreviva por mim. Parece egoísmo, não é? Pensei nisso vindo para cá. Querer você bem para que eu fique bem. Não sei. Sei apenas como estava antes de você e como fiquei depois. Como explicar o que nos aproxima desse jeito? Não sei. Você é a

minha melhor amiga. Como posso estar feliz sabendo que não está? Comece lutando por mim e no final verá que ficará em pé por você mesma.

Os olhos dele estavam marejados. Alessandra soube o que tinha que fazer. Não tinha sequer ideia do que seria sobreviver, afinal estava mais para desistente do que para lutadora. Teria que descobrir agora. Precisava ficar bem para que ele ficasse bem. Era seu melhor amigo, era o mínimo que merecia. Estava ali por ela. Talvez assim ela pudesse descobrir sua verdadeira força.

— Eu não sei como fazer, não sei como ficar melhor, mas tentarei. Vou parar de chorar e ficar embaixo do edredom, tá? — tentou sorrir fazendo com que sua única covinha aparecesse. Era um dos detalhes que ele não conseguia esquecer sobre ela. — Talvez eu tenha depressão e, não sei... Posso buscar ajuda, não é?

— Claro. Reconhecer que precisa de ajuda é o primeiro passo para a cura. E não esqueça, passei por isso, então conheço o caminho. Inclusive a parte de buscar ajuda.

— Sabe que terá que me contar essa história direito, não sabe? Sempre evitou esse assunto.

— Sei que não vai me deixar em paz até que eu conte tudo. Mas agora temos outros assuntos. Primeira coisa: tenho um presente! — os olhos dele brilhavam como quem estivesse aprontando, puxou-a pela mão enquanto se

dirigiam para o seu carro.

Por mais que Alessandra perguntasse, ele não dizia qual era o presente e disse que ela saberia quando visse. O carro parou uns trinta minutos depois. Desceram em frente a uma casa amarela. Ela apertava as mãos como fazia toda a vez em que estava ansiosa, ele apenas sorria ao descobrir mais uma de suas particularidades. Tinha tanto que eles não conheciam um do outro. Uma senhora, a quem ele chamou de tia Lena, abriu a porta, cumprimentou-os e levou-os ao quintal dos fundos em que corriam alguns filhotinhos de labrador. Naquele momento, tudo fez sentido e ela olhou espantada, antes que pronunciasse qualquer som, ouviu:

— Um deles é seu. Sei que prefere macho porque será como o cachorro que teve quando criança.

Alessandra não pensou mais em nada e correu até os filhotes. Já tinha um preferido. Pegou-o no colo e perguntou rindo:

— Um labrador, né?

— Sim, e espero mesmo que ele seja tão bagunceiro quanto o Marley para que você possa ocupar seu tempo. — Ele riu. — Podemos assistir ao filme qualquer dia desses.

Ela ouviu o som de sua risada e ficou feliz. Nunca o tinha ouvido rir assim. Parecia realmente empenhado em vê-la feliz e satisfeito com isso. Também percebeu a promessa de assistir ao filme com ela. Algo dentro de si

dizia que eles ficariam mais próximos do que nunca.

— Escolho esse pequeno aqui. Ele se chamará Apolo. — respondeu sorrindo.

Capítulo 25

Quando Alessandra entrou em casa com Apolo no colo e seguida por Nicolas, encontrou Leandro andando de um lado para o outro com sua agenda na mão com Camila tentando acalmá-lo.

— Você está bem?! — perguntou ele ao lhe dar um abraço que a levantou do chão e quase esmagou o cachorro.

Só naquele momento, quando ela viu seu celular na mão da amiga, foi que se lembrou de que não o levava consigo.

— Eu me esqueci completamente do celular.

— Nem sei o que pensei — ele disse sério, interrompendo-se quando, finalmente, pareceu se dar conta do cara parado sem jeito na porta e do cachorro nos braços dela — Esse negócio peludo é um cachorro?

Alessandra olhou da face surpresa do irmão para o rosto sem graça do amigo até a expressão de curiosidade de Camila.

— Ele é o Nicolas. — apontou.

Como se isso respondesse a todas as perguntas, Leandro estendeu a mão cumprimentando-o.

— Prazer, Leandro. Sou o irmão da desligada aqui. Então, você

conseguiu tirá-la de casa. Parabéns.

Agora era ela que ficava surpresa, era a segunda vez que o irmão agia assim em relação a ele. Sem perguntas ou as brincadeiras bobas de sempre.

— Oi, sou a Camila. Amiga da Alessandra. Fico feliz de finalmente conhecê-lo. — apresentou-se sob o olhar espantado de Alessandra.

Nicolas estava um pouco perdido em meio às apresentações, sem contar que acabara de descobrir que o cara com quem ela dançava havia quase um ano na balada era o irmão dela. Teria sido bem mais simples saber disso na época. Abriu a boca para dizer algo quando Apolo latiu e tornou-se o foco das atenções.

— E o vira-lata? De quem é? — Leandro fingiu indiferença quando já demonstrava estar encantado com o filhote.

— É meu. — Ela o acariciou o bichinho. — Ganhei do Nicolas.

Leandro ergueu as sobrancelhas pensando na situação por alguns segundos, depois disse:

— Então, você a tirou de casa quando ninguém mais conseguiu e deu um cachorro a ela?

— Foi mais ou menos por aí. — respondeu o outro, afagando a cabeça de Apolo.

— Cara — sorriu, colocando a mão nas costas dele e o direcionando até a cozinha —, vamos ter uma conversinha na cozinha. Seu amigo ficará

para a pizza, certo, Alessandra? É. Vou pedir uma pizza sim, uma não, duas. Hum... Quanto você come? — ela o ouviu perguntar a Nicolas ao se se dirigir à cozinha.

Ela olhava para o irmão sem entender, mas, como ele sempre tinha um jeito maluco quando queria e estava tão distraída com seu filhote, não deu muita atenção.

Leandro não era bobo. Sabia que havia algo especial naquela amizade. Sabia como ela estava antes de sair com Nicolas e a via agora depois dele e do filhote que ela não largava. É claro que ela ainda estava triste. Era fácil ver a falta de brilho em seus olhos. Mas o cachorro tinha um propósito, percebia pelo sorriso de Nicolas que seu objetivo era dar uma distração a ela. Um ser vivo que não permitiria que Alessandra se mantivesse tão quieta no seu canto. É... Ou Nicolas era um safado que queria pegar sua irmã ou ele realmente se preocupava com ela. Pela cumplicidade que via entre os dois, Leandro torcia para que fosse o segundo.

Algumas horas depois que Nicolas foi embora, Alessandra havia comprado uma caminha de cachorro e colocado ao lado da sua. Contudo, Apolo dormia sobre sua cama, com a cabeça calmamente aconchegada em

seu travesseiro. Tirou uma foto dele dormindo e enviou pelo celular.

Alessandra:

Oi, Nicolas. Chegou bem em casa?

Nicolas:

Oi, Anjo.

Está melhor?

Cheguei bem.

Minha mãe já estava dormindo e o Téo sabe lá Deus onde está. rsrs

Alessandra:

Estou melhor sim.

Olha essa foto do Apolo.

Ele é muito fofo!

Muito obrigada, Nick.

Nicolas:

De nada.

Quero só ver a hora q ele começar a comer tudo por aí. kkkkk

Não me culpe, tá?

O q vale é a intenção. =P

Alessandra:

Pode deixar.

Nicolas...

Nicolas:

Podemos deixar pra falar disso outro dia?

Alessandra:

Como sabia?

Nicolas:

Meu nome seguido de reticências.

Isso sempre me prepara. rsrs

Alessandra:

Entendi... rs

Então, eu me entrego.

Nicolas:

Eu vou te contar, Alê.

Prometi, não foi?

Só não será hoje.

Ela ficou sem digitar nada e ele continuou.

Nicolas:

Minha tia passou o endereço do veterinário que cuida dos pais do Apolo.

Se quiser podemos ir até lá no sábado.

Ele precisa tomar outra dose da vacina.

Alessandra:

Pode ser, sim.

Não vai te atrapalhar ir comigo?

Posso ir sozinha.

Nicolas:

Não.

Eu quero ir.

Alessandra ligou para a escola no dia seguinte. Ela havia pedido uma dispensa por uns dias em virtude da depressão, que seria descontada das próximas férias. Conversou com a diretora Ana e disse que estava bem, mas que continuaria em casa durante essa semana. Ana concordou e pediu que ela se recuperasse bem. Conhecia Alessandra desde criança e sabia que ela não precisava trabalhar se quisesse. A agência do avô e do pai ia tão bem que a manteria sem trabalhar. A princípio sua família foi contra seu trabalho no magistério, mas ao perceberem o amor que tinha desistiram de argumentar.

Olhando para Apolo adormecido, ela pensava no quanto tinha fugido dos problemas. Prometeu para si mesma que nunca mais se abateria dessa forma por homem nenhum. Ninguém merecia tanto sofrimento e humilhação. A traição ainda doía e continuaria doendo por muito tempo, mas se negaria a

continuar afundando. Havia decidido procurar uma psicóloga. Ana já havia lhe indicado uma, mas Alessandra sempre hesitara. Enfim, era a hora.

Pensava também na sorte que tinha em ter Nicolas por perto e na nova fase do relacionamento deles. Seria ótimo poder ver o amigo mais vezes.

Apolo se mexeu e se revirou na cama, ela começou a acariciar sua barriga. Sabia que tinha de colocá-lo na caminha ao lado, mas quem disse que tinha coragem? Cobriu-o com uma manta, cobriu-se com um edredom e adormeceu ouvindo a respiração tranquila dele.

Capítulo 26

O sábado chegou rápido. Eles caminhavam em direção ao consultório veterinário.

— E então, ele deu muito trabalho para dormir nessa semana? Os primeiros dias são os piores em relação ao sono. — ele perguntou.

Alessandra carregava Apolo no colo porque não havia tomado todas as vacinas ainda e não podia andar no chão.

— Não deu trabalho nenhum. Ele capota todas as noites e só acorda pela manhã.

— Sério? Que estranho. Segundo minha tia, todos os outros filhotes dão bastante trabalho quando são separados da mãe.

— Meu garotão não me deu trabalho nenhum. Dorme como um anjinho. — ela afagou a cabeça de Apolo, que estava satisfeito por receber carinho.

— É bem estranho. Afinal, imagine a situação deles, de repente são afastados da mãe e têm que dormir sozinhos. — Pensou um pouco. — A menos que ele esteja dormindo com você.

Ela riu e depois falou:

— Ah... tadinho. Pensa bem. É tão pequenininho para dormir sozinho

naquela lavanderia fria.

— Você é doida. — respondeu rindo — Ele nunca mais vai querer dormir em outro lugar. Ele dorme ao lado da cama, certo?

— Dorme na minha cama. Foi uma semana fria e ele parecia tão aconchegado que tive pena de tirá-lo de lá. — fez cafuné na cabeça dele que estava adorando a situação e parecia olhar triunfante para Nicolas.

— Mas, Alessandra, agora ele é fofinho e pequeno, mas quando estiver enorme e pesado não vai querer sair da cama.

Ela pensou por um tempo e respondeu:

— Bom... Não pretendo dividir a cama com ninguém.

— Você diz isso agora. Mas o tempo passa e passa bem rápido. — respondeu gargalhando — Comecei a pensar na hora que você levar um cara para o quarto e ele pegar o Apolo enorme esparramado na sua cama. Vai ser engraçado ver a cara dele! É claro que não verei porque não estarei no quarto, mas enfim... Você entendeu.

— Vou tentar acostumar o Apolo a dormir ao lado da cama, mas ele ficará no quarto.

— Só você mesmo.

Eles esperavam para atravessar a rua. Ela estava distraída e seguiu em frente. Se Nicolas não a tivesse puxado a tempo, teria sido atropelada.

— Alessandra! Que susto, menina! — exclamou quando o carro

passou correndo por eles, ainda segurando em seus ombros, e estranhou por ela não parecer assustada.

— Desculpa, Nicolas. Estava distraída. Às vezes eu realmente esqueço de olhar. Me perco nos pensamentos e... já viu. Até comentei sobre isso na minha primeira sessão de terapia na quarta.

— Deve ter sido interessante. — ele sorriu depois que o susto passou.
— Vamos. A clínica é do outro lado da rua. Peço, por gentileza, que olhe para os dois lados agora.

A jovem sorriu, sentindo o peito aquecer. Apesar do momento assustador, estava feliz.

Nicolas chegou em casa e encontrou Téo mexendo na geladeira. Estava praticamente dentro dela.

— Cuidado para não ser engolido aí, Téo. — Nicolas colocou as chaves na mesa, enquanto o outro dava um pulo de susto.

— Obrigado, primo, pela tentativa de me matar do coração. A tia foi ao aniversário de uma das vizinhas. Disse que tinha comida pronta na geladeira e é isso que estou caçando. — ele falou sem tirar os olhos do eletrodoméstico — Já comeu?

— Sim. Comi. O que você faz em casa num sábado à noite?

— Na verdade — ele virou-se para Nicolas —, estava esperando você chegar. Queria te perguntar uma coisa que está me deixando encafifado. E sabe como sou curioso. Meu defeito.

Ele sabia mesmo. Quando Téó queria saber de alguma coisa, não havia nada que o detivesse. Dera muitas provas disso no passado.

— Eu sei. Qual é a curiosidade da vez?

— Para onde você está sumindo?

Nicolas puxou uma cadeira para se sentar, enquanto o primo aquecia a comida no micro-ondas.

— E você ri? É sério. Na última vez em que conversamos, você me disse que o namorado da sua amiga a tinha traído e que ela tinha sumido do mapa. Me lembro bem de você andando de um lado para o outro aqui em casa, como se quisesse fazer um buraco no chão. Aí de uma hora para outra você muda. Fica calminho... Não fica mais em casa... Sei lá. Fiquei preocupado ao ponto de não ir para a balada. Sabe o que é isso?

Por alguns segundos, ele não respondeu. Apenas refletiu sobre o que Téó deveria estar pensando sobre ele para agir daquela forma. Parece que o passado nunca ficava onde deveria ficar.

— Estou bem, Téó. Pode ficar tranquilo. Estou saindo com a Alessandra nesses últimos dias. — ele observou o primo se engasgar com a

comida e olhá-lo surpreso — Jura que não está sabendo? Eu até passei na casa da tia Lena para dar um dos filhotes para Alessandra. Tinha certeza de que a essa hora você e minha mãe já estariam sabendo faz tempo.

— Acho que sua mãe sabe. — ele falou como se compreendesse a situação — Porque eu estava começando a ficar preocupado e ela me disse para ficar calmo que estava tudo bem. Sabe aquele “tudo bem” dela? Tuuuuuuuuudo bem. Ela faz isso quando tem certeza.

— Verdade. Ela tinha certeza de que eu estava bem. O que é engraçado, se pensarmos direito porque ela não conhece a Alessandra. Mas minha mãe tem dessas coisas.

— É. Tem. — agora o olhar de Téó era completamente diferente. Nunca se acostumaria com a falta dos pais. — Então... Vocês estão saindo?

— Não é esse tipo de saindo. Resolvi que era bobeira não nos encontrarmos. Ela precisava de mim e então eu fui.

— Aham. E não parou de ir. — serviu refrigerante a Nicolas.

— Não vi razão para parar de ir. Temos nos divertido bastante, conversado muito. Está tranquilo. — bebeu um gole da bebida.

— E sobre o que conversam? E aqueles sentimentos lá? Como é quando estão juntos? Já contou para ela?

— É um interrogatório, é? Posso respirar antes de responder?

— Cara, sou curioso — ele riu — e me preocupo também. Por trás

desse cara bonitão há um coração sensível.

Nicolas gargalhou antes de continuar.

— Você se daria muito bem com o irmão dela. Ele tem esse seu jeito pouco modesto ser, mas é um cara bacana.

— Beleza, mas quero saber dela. Me conta. Vocês saem, conversam, riem, observam o amanhecer/anoitecer/crepúsculo, veem muitos passarinhos verdes, e aí? Como fica?

— Não. Acho que você é pior que o irmão dela. — ele continuava rindo.

— Ih... Passarinho verde é fato que vocês viram. Faz tempo que não te vejo rindo assim. Você está diferente. Acho que, na verdade, nunca te vi assim.

— Nada a ver. Tirando a parte do amanhecer/anoitecer/crepúsculo e passarinhos verdes é mais ou menos isso que fazemos. Conheci o irmão dela e uma amiga. A mãe não estava na casa quando passei lá. Ela é meio ausente, sabe? Completamente diferente da D. Rosalia.

— Sei. Mas essa amiga aí, é solteira? — ele fez cara de interessado — Quando posso ir?

— Não pode! — ele continuava sorrindo — Não sei quando a Camila, a amiga, estará lá de novo. Mas te chamo quando souber, pode ser assim? Se bem que pensei numa coisa. Posso trazê-las para o seu aniversário daqui a

quinze dias. O que acha?

— Você já vai trazê-la aqui? — empantou-se — E fomos de amor platônico para casório em trinta segundos. Puxa. Vocês são intensos.

— Cala a boca, besta. Ela é uma amiga. Vou trazer uma, não, duas amigas no seu aniversário. Tem problema?

— Não. Pode trazer quem quiser. O que vai dizer para a tia?

— Direi a verdade, que são minhas amigas. Mesmo porque acho que minha mãe deve saber cada detalhe da Alessandra por causa da tia Lena.

— É provável.

Téo tinha um sorriso bobo nos lábios enquanto lavava a louça que tinha sujado. Nicolas se levantou e o observou do batente da porta. Ele o conhecia bem demais para saber as besteiras que pensava. Sabia que a qualquer momento a pergunta viria. E, de fato, veio.

— E você contou a ela?

— Uma parte do meu passado sim, mas contei sobre o que você provavelmente se refere. Questão de tempo. — ele respondeu sério.

— Sabe que talvez seja melhor contar logo. Você é todo cismado com isso e ela parece gostar mesmo de você. Duvido que tenha importância para ela.

— Importa para mim. — baixou a cabeça — Ela é especial, sabe, e, ao mesmo tempo, é tudo aquilo com que jurei não me envolver.

— Eu sei. Sua melhor amiga e é rica. — foi em direção ao primo e colocou a mão em seu ombro — Mas isso é bom também. Não pode culpar uma classe inteira de pessoas porque alguns deles não prestam. Acho que a conhecer fez bem a você nesse ponto. Parte da sua revolta não tem fundamento, cara. Viver de passado não é viver.

— Eu sei.

Téo esperou que o olhasse nos olhos antes de perguntar:

— Então, e aquilo que estava sentindo por ela?

Nicolas passou a mão pelos cabelos e encarou o primo. Ele mesmo tinha-se feito essa pergunta durante toda a semana. E estava preparado para respondê-la.

— Passou. — viu o primo levantar uma sobrancelha — É como disse a você há alguns meses, eu estava confuso. Se não tivesse certeza do que estava sentindo não teria chegado a esse ponto de nos encontrarmos sempre. Nós somos amigos. Há um sentimento enorme entre a gente. Não é normal, sei disso, mas não é paixão.

Téo pensou em muitas coisas para dizer, mas pensando em averiguar melhor os fatos, apenas disse:

— Se você diz...

Capítulo 27

Na semana seguinte, quando Nicolas chegou à casa dela, Apolo tentava arrancar a cabeça de um dos brinquedos que Alessandra comprara para ele. Os dois estavam sentados no sofá conversando sobre nada em especial, quando um pequeno silêncio surgiu.

— Nicolas...

— Não pude ver as reticências, mas pude senti-las. Foi engraçado. — ele sorriu, seguido por ela — Contarei sobre meu passado se me disser como é que você está em relação ao Ricardo.

Ele percebeu um vislumbre de tristeza passar por seus olhos antes que respondesse.

— Dói bastante. Não tenho porque mentir. A terapia tem ajudado, apesar de que é cedo para uma evolução grande, né? O que ele fez ainda machuca bem, mas não fez com que o amor que eu sentia sumisse.

Nicolas aproximou-se mais dela. Tocou em seu queixo e fez com que olhasse para ele.

— Eu sei como se sente. Sei exatamente como se sente.

— Sabe? — ela perguntou.

— Da mesma forma que sabia sobre como se sentia sobre seu pai. É

muita ironia termos nos conhecidos. Temos histórias parecidas, mas com finais diferentes — colocou uma mecha de cabelos dela atrás da orelha —, porque eu jamais deixaria você passar pelo que passei.

Ela mordeu os lábios ao olhar em seus olhos e ver tanta tristeza perdida ali.

— Me conta.

Após segundos de hesitação, ele continuou:

— Eu te disse o que houve quando perdi parte da minha família no acidente. Fiquei perdido, revoltado. Minha mãe, coitada, não conseguia lidar com a própria dor. Passava o tempo resolvendo meus problemas e do Téo. Como acontece com toda criança que tem problemas, as más companhias vieram. Olha... Não foi falta de tentarem me ajudar, meus professores, amigos, pais de amigos, muitos tentaram interceder por mim, mas eu estava perdido e queria continuar assim. — ele falava baixo, enquanto ela se aproximava mais dele no sofá — A dor era menor daquele jeito ou, pelo menos, parecia ser. Eu estava me enganando, mas quem disse que sabia disso naquela época? Passava dias longe de casa. Saía na sexta e voltava na segunda, sem que minha mãe soubesse onde eu estava. Ela fez de tudo. Passou a me levar e buscar na escola, mas eu escapava, matava aulas, arrumava encrenca. Aos dezesseis descobri que o cara que causara o acidente era um filhinho de papai. Mais um desses riquinhos, meninos mimados que

não se importam em destruir as coisas. Ele estava apostando racha. Não aconteceu nada com ele. Não passou uma noite sequer na cadeia. Descobri também que minha irmã não morreu na hora e que se o garoto não tivesse fugido e chamado socorro imediato, talvez ela pudesse ter sobrevivido. Foi quando desandei de vez, comecei a usar a bebida para esquecer. — fez uma pausa, sem saber como continuar, estava visivelmente envergonhado — Quando te contei sobre as drogas, não quis falar muito. Talvez tenha te deixado pensar que foi algo simples, mais leva, mas não foi.

De alguma forma, sem saber explicar o porquê, ela já sabia. Parecia que era o rumo mais esperado da história. Aproximou-se mais dele e segurou sua mão, olhando-o diretamente nos olhos. Nicolas soube que ela confiava nele independente do seu passado. Ela sabia como se sentiria se tivesse perdido seu pai mais cedo, ou mesmo agora, talvez sem ele tivesse tomado o mesmo caminho. Então, ele continuou:

— Enquanto o efeito durava era bom, mas quando passava a dor ficava pior. Resolvi, então, que não deixaria o efeito passar e comecei a beber mais. Assim que completei dezoito anos, saí de casa. Soube depois que minha mãe ficou desesperada e passava dias me procurando, mas sumi. — seus olhos expressavam tristeza como ela nunca havia visto — Estava na casa de um amigo, quer dizer, um colega, companheiro de coisas erradas. Foi quando uma garota me deixou completamente apaixonado. Fazia anos que eu não a

via. É afilhada da minha mãe — ele observou Alessandra arregalar os olhos ao prever o rumo da conversa e sorriu tristemente — Isso foi o mais complicado. Quando ela veio de outra cidade me envolvi. Ela soube como se aproximar de mim e por um tempo a dor diminuiu. Parei com a bebida e me internei para melhorar do resto. Voltei para casa. Minha mãe me recebeu de braços abertos. Mãe é mãe. E, é claro, passou a venerá-la, afinal, a Paula sem querer ajudou a me livrar de tudo o que não prestava. Eu só queria ficar bem. O problema é que não se deve mudar apenas por outra pessoa, você tem que procurar o motivo da dor dentro de você e se resolver com isso. Por isso me preocupo tanto, você se derrubou depois do Ricardo porque esperava que ele fosse a solução dos seus problemas e nenhuma pessoa é. Nem mesmo eu, Anjo. Estarei sempre com você. Sempre. Mas não baseie a sua felicidade apenas em mim. Precisa querer ficar bem, precisa lutar por isso e precisa saber que mesmo que eu não esteja por perto, você é muito mais forte do que imagina. Quero ficar sempre ao seu lado, mas não sabemos o dia de amanhã.

— Entendo o que quer dizer. Eu sei que essa força está em algum lugar em mim. Estou melhorando. Estou tentando muito, Nick.

— Você vai conseguir. Tenho certeza.

Ela deu um sorriso fraco e ele continuou.

— E fui pelo caminho errado. Coloquei todas as minhas expectativas nela. E o tombo foi grande. Ficamos juntos durante quatro anos até que o Téo

descobriu que ela ficava com outro cara. Não sei bem por quanto tempo. O carinho com quem ela ficava sabia de mim. — vendo mais uma vez o olhar surpreso de Alessandra ele continuou — É... Era outro filhinho de papai. Carinha rico. Parece que sempre tem que aparecer um na minha vida. Ela estava com ele por isso e eu achei que ele a estava usando. Eu não acreditei no Téo. Brigamos. Fiquei sem falar com ele. Demorou mais algumas semanas para que visse com meus olhos.

— Não acredito. — ela colocou a mão sobre os lábios, observando os olhos dele cheios de lágrimas.

— Bom... Não me sinto nada bem em lhe dizer o que fiz depois, mas preciso continuar e falar tudo de uma vez. Na mesma noite, voltei a beber e arrebentei o cara. Como eu disse, o pai dele era rico e passei algumas dias na cadeia. Mas errei também. Saí porque, apesar de todos os meus problemas, nunca tinha sido preso antes. Aí era tarde, passei a beber dobrado, a usar drogas mais fortes e, umas três noites depois, arrebentei o carro da minha mãe num muro. Fiquei meses no hospital. Eu estava todo quebrado. Minha perna ficou presa nas ferragens. Aí veio tudo aquilo que você deve imaginar, pinos, cirurgias, reabilitação. A única coisa boa foi que, quando vi o rosto da minha mãe ao acordar, soube que nunca mais me envolveria com aquelas coisas. E fiz de tudo para me recuperar. Depois disso passei um ano praticamente sem sair de casa até que a Márcia me arrastou para a festa na

casa dela e a conheci. E o resto, você já sabe.

Alessandra não disse nada quando ele terminou de falar. Não sabia o que dizer perante aquela história. Sem pensar em mais nada, abraçou-o bem forte e sentiu a retribuição da parte dele. Queria muito poder tirar toda a dor que ele passou nem que fosse para transferir para ela. Desejava poder ter estado com ele durante todo esse processo. Entendia tantas coisas agora. Tudo o que ele passou. Tudo o que ele quis evitar que passasse. Nesse momento, se é que era possível, ele se tornou ainda mais especial.

— Sinto muito por estar sozinho. Sinto muito por ter te conhecido depois. — ela falou baixinho.

Alessandra se afastou o suficiente para observar seu rosto e perceber lágrimas rolando. Enxugou-as com as mãos, deu-lhe um beijo no rosto e o abraçou novamente. Sabia que faria tudo para deixá-lo feliz, que faria o possível para que ele deixasse o passado para trás.

Capítulo 28

Eram 11h quando Alessandra estacionou o carro em frente à casa de Nicolas. Com ela estavam Camila e Leandro. A única que estava apreensiva era Alessandra. Não tinham se visto depois do dia em que ele contara sobre seu passado. E, agora conheceria sua família no churrasco de aniversário de Téó. Quando disse a Nicolas que estava sem jeito de ir porque não conhecia o primo, foi surpreendida uma mensagem de número desconhecido no Whatsapp.

E aí, gata?

Sou o Téó, primo do Nicolas.

Ele sempre fala de você e sobre sua amiga.

Será que rola vocês virem para o meu churras?

Ele está me xingando aqui e dizendo para chamar seu irmão também.

Fez alguma piadinha sobre dupla sertaneja que eu não entendi.

Posso contar com vocês na minha festa?

Confesso que estou ansioso.

Se você não vier, serei obrigado a seguir o Nicolas na próxima vez que for a sua casa. =P

[illegible]

Não havia como negar depois desse convite, sem contar que também estava curiosa. Decidiu que faria Nicolas feliz e conhecer sua família poderia ajudá-la a realizar seu objetivo.

Ela sorriu quando o viu abrir o portão para que pudessem entrar. Abaixou-se para pegar o presente de Téo no banco detrás do carro e quando se levantou, surpreendeu-se com Nicolas atrás dela.

— Preparada? — ele sorriu ao beijá-la no rosto e ser inundado pelo seu perfume — Preciso avisar você que o Téo é parecido com seu irmão, mas...

Antes que completasse a frase, Téo surgiu falando alto:

— E onde é que estão as gatas?

— ...pior! — falou Nicolas rindo.

Alessandra foi abraçada e beijada no momento em que Téo a viu. Ela riu da intensidade dele. Após todas as apresentações, entraram na casa. Leandro imediatamente engatou um papo com Téo e os outros três ficaram para trás.

— Devo ficar com medo dessa amizade? — perguntou Nicolas.

— Sim! — responderam rindo Camila e Alessandra ao mesmo tempo.

Quando chegaram à cozinha, Leandro já tinha passado por lá, chamado a mãe de Nicolas de “tia” e estava bem à vontade ajudando Téo com o churrasco, e Camila tinha corrido para perto deles.

— Mãe — disse Nicolas —, quero lhe apresentar a Alessandra. Alessandra, essa é minha mãe, D. Rosalia, que, aliás, odeia ser chamada de Dona.

D. Rosalia era uma mulher muito afetuosa e abraçou-a com muito carinho.

— Quero que você se sinta em sua casa. — disse sorrindo — Fiquei muito feliz ao saber que Nicolas a traria aqui. Quando minha irmã Lena contou que passou por lá antes de que eu a conhecesse, quis matar esse menino.

— Chega, mãe. — ele falava entre risos e um pouco sem jeito.

Alessandra sorriu tímida, agradeceu tanto carinho e foi apresentada a um batalhão de familiares. A família dele era diferente de tudo o que imaginava. Parecia que todos queriam falar ao mesmo tempo e estavam sempre rindo. Eram tios, avós, primos, crianças, bebês passando por ela e sempre sorrindo. Bem diferente da sua família pequena, com apenas uma tia sem filhos. Era divertido.

Alessandra conversava animadamente com Camila e a Lena, a tia de Nicolas que era dona dos pais de Apolo. Contava as peripécias de seu filhote, com suas bagunças, artes e destruição de meias, sapatos e celulares.

Nicolas olhou ao redor, observou sua extensa família que já passara por tantos eventos ruins e parecia não se abater. Alessandra estava sorrindo enquanto conversava com sua tia. Ele não se sentia bem assim havia muito tempo.

Percebendo que ele a encarava, Alessandra olhou para ele e sorriu, ele piscou e retribuiu o sorriso. Era uma sensação quase irreconhecível para ele, mas estava muito feliz.

Capítulo 29

— O que vai ser? Série ou filme? — perguntou ela semanas depois enquanto decidiam a que assistir.

Sem que percebessem, haviam criado uma rotina e assistiam a filmes ou séries nos finais de tarde de sábado.

— O que tem de novo na Netflix? Pode ser o que tiver. Terminamos Grey's Anatomy na semana passada, né? — pegou um boneco e jogou para Apolo, que estava gigante ao completar seis meses. — O Apolo cresce mais a cada dia. Conseguiu mesmo fazer com que ele dormisse no chão?

— Sim. É claro que deu muito trabalho e, por fim, ele resolveu que dormiria se ficasse com meu edredom, mas está no chão pelo menos, e como eu disse nenhum cara passou por lá.

— Uma hora isso muda, segundo seu irmão e meu primo, precisamos sair mais. Eu até saio de vez em quando com o Téo e eventualmente conheço alguma garota, mas sei lá. É coisa de momento. — falou enquanto Apolo pulava sobre ele — Estou bem assim, apesar de ninguém acreditar.

— Ninguém acredita mesmo. No meu caso, até que sim, mas no seu... — pegou o controle remoto da televisão no meio do sofá. — Esses dias minha mãe disse que era impossível que existisse alguém como você. Falou

que você era irreal.

Nicolas lembrou-se de quando conheceu a mãe dela e foi bombardeado de perguntas. Aliás, era sempre assim quando se viam. Ela parecia gostar dele, mas não entendia como eles podiam ser tão amigos e não estar acontecendo nada mais.

— As pessoas criam muitas expectativas sobre nós. — ele ajeitou a almofada para que ela se sentasse a seu lado e Apolo pulou em seu colo, derrubando-o no sofá. — E é por isso que morro de medo de não corresponder às suas expectativas. — ele tirou Apolo de cima de si e jogando a almofada longe. — Olha só o que você faz comigo. Viro o inseguro da história.

— Também tenho medo de não corresponder às suas expectativas.

— Não se preocupe. Você as supera. — piscou para ela.

— Essa piscada deve fazer um estrago com a mulherada. E esses cabelos, então... — ela arrumou os cabelos bagunçados dele pela brincadeira com o cachorro — Essa barba cerrada e é perfumado ainda.

— Fazer a barba uma vez por semana tem suas vantagens. Faço no começo da semana, assim no final estou sempre com essa carinha. — ele riu — Nossa! Pareci uma cópia mal feita do Leandro e o Téo agora.

— Certamente! Olha, saiu a temporada nova de La Casa de Papel. Quer ver?

— Lógico!

Ela olhou para Nicolas que estava embaixo das patas de Apolo novamente e mesmo assim parecia tão relaxado para quem o visse. Ele tinha esse dom de esconder seus problemas das outras pessoas, tentava a qualquer custo, como se não fosse digno de preocupação. Em seu coração, Alessandra esperava mudar esse pensamento.

Ele saiu debaixo do cachorro e se endireitou no sofá, sorriu para ela, observando-a. Quatro meses tinham se passado do dia em que eles se reencontraram e seu rosto estava completamente diferente de antes, estava corado devido aos passeios diários com Apolo. Gostava de ver o novo brilho que surgia em seus olhos. Sua aparência tranquila. A terapia a ajudava mais a cada dia. Sentia-se feliz, pensando que tinha feito bem a Alessandra, que ela estava melhorando. Viam-se todos os finais de semana. Ela sofria ainda e um determinado “cara” era assunto proibido, mas a melhora era nítida. Estavam no rumo certo. De uma forma ou de outra ela ficaria bem, e isso bastava a ele. Sentia-se mais leve, como se aquela dor não apertasse tanto, aceitava o momento como era, estava bem com ela e ao mesmo tempo sozinho. A solidão era suportável quando Alessandra estava perto.

Ela fez pipoca, ele pegou o refrigerante na geladeira e ambos voltaram para o sofá. Quando estavam no segundo episódio, o irmão chegou.

— Olá, pessoas! O que estão vendo? Estava pensando em ir ao

cinema. Trombei com a Mila na academia e ela se convidou também. Vou levar a Juliana, aquela garota com quem estou ficando e apresentei a vocês dois na semana passada. Até pensei em chamar o Téo. Saímos outro dia e foi bem legal.

— Por mim, tudo bem. — Alessandra concordou.

Nicolas pensou um pouco antes de responder. Realmente seria um passeio agradável. A amizade de Alessandra fazia muito bem a ele e quanto mais conhecia Leandro, mais o considerava um amigo.

— Eu topo. — respondeu.

Capítulo 30

A noite estava quente quando os seis se encontraram no shopping. Assim que decidiram a que filme assistiriam, resolveram aproveitar o tempo na praça de alimentação enquanto a sessão não começava.

Juliana era a novata no grupo e estava aprendendo a conhecer cada um. Estava saindo com Leandro havia uns dois meses, mas se considerava apaixonada por ele. Ele tinha um jeito brincalhão e encantador de ser, que a derretia. Ela nunca o tinha visto triste ou cabisbaixo. Para ele, a vida deveria ser vivida e aproveitada.

— E foi o que eu fiz quando o cara me fechou. — ele contava. — Imagina se eu caio com a moto, o estrago que não faria?

— Você poderia ter se arrebitado, Lê. Que perigo. — disse a irmã, preocupada.

— Mas eu tomo cuidado.

— O problema são as outras pessoas, cara. — falou Nicolas — Pode até ser cuidadoso, mas os outros motoristas não serão. É nessa que acidentes acontecem.

— Nicolas, não dá corda para a minha irmã. Pelo amor de Deus! — falou rindo, não levando a sério.

— Aham. Tá bom, hein. Agora o Nicolas vai ficar do seu lado contra a Alessandra. Vai sonhando. — Téo enfiou uma batata-frita na boca.

Eles riram e ela continuaria falando sobre a moto se não tivessem sido interrompidos.

— Alessandra?

— Mas que merda. — falou Leandro em voz baixa, quando viu Ricardo caminhando para a mesa deles.

— Mas que cara de pau. — Camila ficou irritada.

Nicolas não reconheceu de imediato o rapaz alto e atlético que se aproximava deles, mas assim que olhou para Alessandra percebeu que tinha algo errado e se lembrou das fotos que vira do ex-namorado da amiga.

— Não acredito que é você! Há quanto tempo? — Ricardo agiu como se reencontrasse uma velha amiga, também cumprimentando os outros com normalidade.

— Oi, Ricardo. — foi apenas o que ela respondeu.

Dois segundos. Apenas dois segundos foram necessários para que Nicolas soubesse o que fazer. Ele estava sentado na cadeira ao lado dela, inclinou a cabeça para perto de Alessandra, segurou sua mão como se fosse a coisa mais natural do mundo e sussurrou em seu ouvido:

— Anjo, é hora de mostrar a ele. — depois aumentando o tom de voz para que todos ouvissem continuou. — Amor, acho que seu brinco está se

soltando.

A mão dele demorou um pouco atrás de sua orelha e depois roçou carinhosamente pelo pescoço até parar em sua nuca. Alessandra não sabia mais se estava chocada por ver Ricardo ou pelo arrepio que sentiu ao toque de Nicolas.

— Desculpe, você é? — perguntou a Ricardo enquanto todos à mesa oscilavam entre o choque e a vontade de rir.

— É... Eu... — ele gaguejou sem saber o que dizer diante do que pensava ser um casal.

— Ele é um conhecido do meu irmão. — Alessandra o encarou quando conseguiu se recuperar. — E acho que já está de saída, não é?

— Se ele quiser ficar, tudo bem por mim, Anjo. — Nicolas não tirou os olhos dos dela. — A não ser que ele se sinta deslocado por estarmos todos em casais.

Ela não soube o que responder. Não conhecia esse Nicolas e por mais que estivesse fazendo isso para ajudá-la, era estranho. Estranho de um jeito que a incomodou.

— Tudo bem. Estou só de passagem mesmo. Se quiser conversar depois, Alê, meu número ainda é o mesmo.

— Não quero. — Ela entrelaçou seus dedos ao do amigo, sentindo o calor do seu toque. Sentia-se forte e pronta para superar o ex-namorado. Era

hora de parar de viver no passado. — Não temos mais nada para conversar.

— Bem, estou esperando uma galera. Sabem como é. Até mais. —
Ricardo se afastou o mais rápido que pôde.

Ele se afastou rápido da mesa e Nicolas não soltou a mão de Alessandra.

— Nick. Obrigada. — foi o que ela conseguiu dizer.

— Eu não fiz nada. Tenho certeza de que você daria conta dele sozinha. Só quis provoca-lo um pouquinho. — ele a fitou com a mesma intensidade dos momentos anteriores e, vendo-a assentir com um esboço de sorriso, voltou a sua atitude habitual. — E, aí, já está na hora de irmos para a fila?

De repente, lá estava ele, o bom e velho Nicolas de sempre. Todos riam da situação e da expressão de Ricardo ao pensar que Alessandra estava com ele.

Apesar de saber que o amigo agiu daquela forma para protegê-la, Alessandra não pôde evitar sentir a nuca queimar durante o filme todo, bem no lugar em que ele tinha deixado a mão. Era uma sensação diferente, mas ela tinha de deixar para lá, então se forçou a esquecer, afinal eram apenas amigos. Ainda bem que todos tinham se sentado entre eles e Nicolas estava no outro extremo ao lado de seu irmão, assim ela teria tempo para se recuperar das sensações desconhecidas que a perturbavam.

Longe do alcance dos ouvidos de Alessandra, Leandro começou a conversar com ele.

— Cara, ou você é um ator muito bom ou você está perdido.

— Não começa. Não tem nada a ver. Ajudei uma amiga.

— Eu vi. Mas aquilo tudo era fingimento? Porque de onde eu via parecia que você estava realmente apaixonado pela minha irmã.

Nicolas suspirou.

— Não é questão de estar. É questão de ser. Eu não estou apaixonado pela sua irmã, eu \sou apaixonado por ela, mas de uma forma que você não entende.

— Desculpa, mas só tem uma forma.

— Não penso assim.

— Acho que vocês estão perdendo tempo. Têm tudo a ver juntos.

— Temos, mas não colocaria tudo a perder por uma tentativa que pode dar errado. Estamos bem assim.

— Conheço a minha irmã e ela está tão abalada quanto você.

— Nós não estamos abalados. Somos amigos demais para rolar esse tipo de coisa. Ela pode ficar meio assim hoje, mas amanhã estará bem.

De repente uma senhora que estava atrás dele pediu que os dois ficassem quietos.

Em silêncio, Nicolas foi atormentado por seus pensamentos. Não

sabia exatamente o que o levara a agir daquela forma. Sabia que Alessandra daria conta sozinha, então por que a tocara? Sua consciência gritou a resposta: “Porque você sentiu medo de perdê-la.”

E era isso. Puro medo. Medo de que ela visse o ex e o sentimento por ele voltasse. Medo de que ela se machucasse outra vez. Medo de se machucar ao vê-la partir. Medo de ter reprimido os sentimentos por tanto tempo e, no fim, ter seu coração partido outra vez.

Deitada na cama, Alessandra acariciava Apolo. Horas depois de voltar do shopping, refletia sobre a noite. Admirava-se por não ter se impactado tanto com o encontro com o ex quanto ficou com a atitude de Nicolas.

Seu celular vibrou. Era ele.

Nicolas:

E aí, Alê?

Tudo bem?

Alessandra:

Oi, Nick.

Estava pensando em você.

Tudo sim. E você?

Nicolas:

Eu tô bem.

Pensando em mim, é?

No quê?

Alessandra:

Nada de mais.

Nicolas:

Sei

Deixa eu te perguntar

Você ficou constrangida por eu ter agido daquele jeito?

Alessandra:

Não. Fiquei surpresa.

Constrangida não.

Nicolas:

Foi meio doido, né?

Nem pensei direito.

Só reagi.

Alessandra:

Entendo.

Eu faria o mesmo por você.

Nicolas:

Claro.

É o que os amigos fazem, né?

Alessandra:

Sim sim

Amigos se protegem.

Ambos ficaram em silêncio por alguns minutos. Eram amigos. Apenas isso. Não tinha por que confundirem a amizade e tentarem algo mais. Por fim, Nicolas mandou mais uma mensagem:

Nicolas:

Sabe que te adoro, né?

Alessandra:

Eu te adoro mais. rs

Nicolas:

Isso é impossível.

Um de cada lado, mas juntos. Isso era algo que não mudaria. Não importa quanto tempo passasse eles se manteriam na vida um do outro.

O tempo, diferente deles, não conseguia reprimir seu instinto. E

inevitavelmente passou.

Capítulo 31

Nicolas olhou para o relógio pela terceira vez em dois minutos, estava agitado como em todas as vezes que tinha um jantar com a mãe de Alessandra. Nunca era uma tarefa calma e simples. Observou-a fechar o portão da casa dele e se dirigir ao carro olhando para ele com a mesma carinha travessa reservada a essa ocasião.

— Sei que você não gosta de ir lá quando minha mãe resolve fazer esses jantares de família. — ela foi dizendo.

— Não é que eu não goste. Sua família é ótima comigo. Excelente.

— Mas sempre querem saber da gente. — Alessandra concluiu um pouco sem jeito. — Eles nos veem sempre juntos há um ano, sabem que nos conhecemos há dois. Minha mãe não está acostumada com isso. Toda a menina que meu irmão leva em casa ou ficou ou namorou.

— O Leandro não conta. Ele é o único que não consegue ter uma amiga e não ficar com ela. Alê, relaxa. Está tudo bem. Não adianta ficarmos tentando entender o porquê de isso acontecer. Sei que seu irmão quis que eu fosse só porque vai apresentar a Ju a sua mãe, não quer que ela se foque na garota e apelou para mim. Se ele pensa que não percebi, está muito enganado.

Alessandra sorriu. Estava tão feliz nos últimos meses. A cumplicidade

entre eles era enorme, parecia que um sempre estivera na vida do outro. Um pensamento passou rápido por sua mente para alertar que sua família não estava tão enganada assim sobre o que eles sentiam, mas tratou logo de se esquecer disso.

Ao chegar, Nicolas fez uma careta cômica e fingiu que estava morrendo. Quando seu irmão abriu a porta os dois estavam gargalhando do lado de fora.

— Posso rir também?

— Lê! — ela disse antes de dar um enorme abraço no irmão — Cadê a Ju?

— Está lá na cozinha sendo entrevistada pela mãe.

Alessandra trocou um olhar com ele que refletia divertimento e preocupação, antes de ir atrás delas e deixá-los a sós.

Nicolas teria estranhado a “entrevista” se não conhecesse bem aquela família. Com a morte do pai de Alessandra, sua mãe, que sempre fora superprotetora com o irmão, tornou-se mais, apesar de Leandro ter vinte e três anos. Sem poder resistir perguntou, segurando o riso:

— Não está preocupado com sua mãe entrevistando a sua namorada?

— Nas primeiras duas vezes fiquei bravo, agora nem ligo mais. Preparei a Ju. Pelo menos não finjo que ela é só minha amiga para fugir da entrevista.

— Você não conseguiu esperar nem cinco minutos dessa vez, não é?

— Nicolas se arrependeu de ter tocado no assunto.

Leandro balançou a cabeça antes de responder. Desde o dia do shopping, meses atrás, ele não parava de falar nisso.

— É que não entendo. Qual o problema de vocês? Todo mundo sabe que são um casal, menos vocês.

— Não somos um casal. — respondeu resolutivo.

— Certo. Desculpe. Devo ter me enganado. — Quando Nicolas achou que desistiria continuou — Vocês se falam todos os dias, certo? Se veem todos os fins de semana, certo? TODOS. E, muitas vezes, no meio da semana. Se ela está feliz recorre a você. Se ela tem problemas recorre a você. Se o carro dela quebra é para você que ela liga, mesmo eu dizendo para ela ligar para mim. Você dorme aqui. Não entendo como conseguem. Vocês visivelmente se amam. É. Tô errado, não são um casal. Acho melhor terminar com a Ju, porque nós não temos nem a metade do que vocês têm. — pensou com a mão no queixo.

— É bem mais complicado do que isso. É muito especial para arriscar perder. — foi tudo o que ele falou.

— Não falarei mais. Não quero deixá-lo para baixo. Mas depois do “eu sou apaixonado pela sua irmã”, está difícil entender. Nem me olha com essa cara de que não foi isso o que quis dizer porque foi. Eu me preocupo

com ela e não a via tão feliz desde que meu pai era vivo. Eu te conheço, ficamos amigos nesse tempo. Te considero demais. Sei que SE importa com ela, sei que a ama. Como posso não ficar frustrado? Mas isso é entre vocês e deixarei assim.

— Por hoje apenas, né? Te conheço. — Nicolas riu.

— Cara, tá vendo? Como não te amar? Sério! Vou deixar a Ju por você.

Quando Alessandra voltou à sala acompanhada da mãe e da nova namorada do irmão, os dois gargalhavam no sofá. Ela sorriu. Pela primeira vez, em muitos anos, sentia-se completamente feliz.

Depois do jantar, observando o retrato do pai no mural da mãe, Alessandra estava tão imersa em suas lembranças que não percebeu a aproximação de Nicolas até que ele pegasse sua mão e a segurasse firme, passando-lhe conforto.

— Você está bem? — ele se preocupou. — Está quente. É febre?

— É um daqueles momentos. Recordações. — continuou olhando o retrato do pai — Não estou com febre, pelo menos acho que não, apesar de o meu corpo estar bem dolorido. Deve ser a gripe vindo, mas não estou triste.

Estou feliz. Pensei que nunca mais ficaria, mas estou.

— Apenas saudade. Sei como é. — colocou a outra mão livre em seu ombro. — É um alívio quando chegamos nessa fase.

Ela assentiu. A lembrança do pai não a partia mais por dentro. É claro que gostaria de tê-lo por perto se pudesse, mas estava conformada.

— Precisou passar dois anos para que eu pudesse pensar nisso sem doer tanto. Quantos foram para você?

— Mais de dez. — ele disse baixinho sem olhar para ela.

— Isso é recente. — ela olhou para ele que balançou a cabeça. — Você é parte disso, do meu processo de cura.

— Digo o mesmo.

— Queria tê-lo conhecido antes e impedido que passasse por muita coisa ruim.

— Você está aqui agora. Isso é mais importante.

Ela poderia passar horas olhando dentro dos olhos escuros dele. Ele adorava os olhos verdes e curiosos dela. Sempre querendo saber mais sobre tudo. Sempre o desvendando com um olhar. Um entendimento secreto permeava entre os dois. Como se eles soubessem exatamente o que sentiam, mas resolvessem, de comum acordo, manter em segredo. Era mais fácil, mais seguro.

— Ô, Ju, vem aqui que vamos terminar agora! O mundo está do avesso.

Só pode! — foi o que Leandro falou quando trombou com os dois no meio do corredor.

Mais tarde, Leandro tinha saído com a namorada e a mãe deles fora para o quarto dormir, deixando Nicolas e Alessandra na sala. Ele percebeu que ela estava indisposta. Seu rosto estava começando a ficar vermelho de tão quente.

— Anjo, acho que você não está bem. — Colocou a mão em sua testa.
— Está com febre. Bastante, eu acho. Vou levá-la para um hospital.

— Não, Nicolas. É só um resfriado. Eu me abato rápido quando eles chegam, mas depois volto ao normal. Vou tomar um banho, colocar um pijama quentinho e dormir. Amanhã amanhecerei zerada.

— Tem certeza? — perguntou preocupado.

— Sim. — respondeu saindo do carro, depois de beijá-lo no rosto.

Quando Alessandra se levantou notou o quanto seu corpo estava dolorido.

— Nossa. Um caminhão me atropelou. Ai... — gemeu.

Antes que ela desse mais um passo, Nicolas se decidiu.

— Vou ficar e cuidar de você.

— Nicolas, não precisa. Qualquer coisa eu acordo a minha mãe. — ela começou a dizer quando teve uma vertigem e ele a amparou — É. Acho que precisa. Ai.

— Calma. Vem cá. Senta aqui no sofá. — ajudou-a a se sentar — Me diz onde tem antitérmico porque está com febre.

Nos próximos minutos, Apolo apareceu e esperou ao lado de Nicolas, enquanto ela tomava um banho. Depois lhe preparou uma xícara de chá, mediu a temperatura, constatou que estava mesmo com febre, deu-lhe o remédio e fez com que se deitasse na cama.

— Tem certeza de que não quer que a leve ao hospital? Não custa nada prevenir. — ele perguntou enquanto mexia nos cabelos dela.

— Não, Nick. Já disse. Me abato rápido, mas amanhã estarei melhor. — ela respondeu fraca, com os olhos pesados de cansaço — Se eu não estiver, deixo me levar ao hospital.

— Certo. Mas estou preocupado.

— Acho que não é o único. — apontou para Apolo que estava todo encolhido ao lado da cama, olhando para ela.

— Você também, né, garotão? — ele afagou-o. — Sei bem como se sente.

Ela gemeu baixinho e fechou os olhos. Nicolas apagou a luz do quarto, deixando acesa a luminária que ela usava para ler. Cobriu-a com um

edredom. Estava esfriando. A garoa que começara mais cedo, agora era uma chuva forte que batia na janela. Pegou o primeiro livro que encontrou, sentou-se na parte vazia da cama de casal e começou a ler. Enquanto a febre não baixasse, não dormiria.

Alessandra, ao contrário, ressonava baixinho, provavelmente, consequência do medicamento e do chá. Nicolas deixou o livro de lado e a observou por um tempo. Já a vira cochilar algumas vezes quando adormecia no sofá nas sessões de filmes e séries, mas sempre acordava assustada, quando percebia que adormecera. Nesse caso, estava relaxada num sono profundo. Os seus cabelos castanhos estavam jogados sobre o rosto e ele os tirou com cuidado, fazendo com que seu perfume suave chegasse até ele. Era incrível como era bonita naturalmente, ainda que dormindo.

Ele sentia como se ela sempre a tivesse estado com ele. Era como se uma parte dele tivesse esperado muitos anos para conhecê-la, ciente de que algo faltava. Leandro tinha razão pelo menos em relação ao fato de que eles ficavam sempre juntos. Ainda mais agora que Camila voltara para Londres e não estava mais com eles.

Observando sua respiração pesada, Nicolas não pôde evitar pensar na dualidade que era Alessandra. Ela tinha uma vulnerabilidade de aço. Se é que esse termo existia, mas era assim que a via. Conseguia ir a extremos, ora doce e prestes a desmoronar, ora uma fortaleza de aço pronta a proteger quem

amava. Ele tentava, como em muitos outros momentos, definir o que ela significava, mas não conseguia.

Sem perceber, começou a cantar baixinho trechos da música “The Reason” do Hoobastank.

— *That I just want you to know. I've found out a reason for me. To change who I used to be a reason to start over new and the reason is you...*[\[1\]](#)

É... Parece que quando você está dormindo fica mais fácil admitir. — ele sorriu ao tocar sua testa para verificar a temperatura.

Ela murmurou seu nome e segurou forte sua mão, mas Nicolas atribuiu a reação à febre.

— É, Anjo, quem diria que seu irmão teria razão. Eu te amo.

Alessandra abriu os olhos devagar. Tinha amanhecido, mas ela não tinha vontade de sair debaixo do edredom. Sua cama estava diferente, um calor emanava dela. Olhou para o chão ao lado da cama e lá estava Apolo dormindo. O que estava havendo?

Tentou se virar e sentiu um peso sobre sua cintura. Foi se movendo como dave e deu de cara com Nicolas dormindo ao seu lado. Seu braço estava apoiado sobre o corpo dela. Ele dormia. Ela sorriu ao se lembrar da

noite anterior e do carinho que tivera com ela. Estava bem melhor, como disse que estaria e ele, se o conhecia bem, deveria estar esgotado por ter tentado ficar o máximo de tempo acordado. Provavelmente nem tinha percebido que adormecera ao seu lado. Ela não conseguiu resistir ao impulso de mexer em seus cabelos bagunçados e sorrir. Estava tão relaxado que nem se mexeu. Ela observou atentamente seu rosto, reconhecendo cada detalhe. Passou o dedo sobre a pequena cicatriz de um centímetro que ele tinha na testa por ter batido a cabeça na quina da mesa quando era pequeno.

Nicolas era uma das pessoas mais tranquilas que conhecia, mas dormindo se superava. Era gostoso ficar ouvindo sua respiração pesada pelo sono. Teria continuado assim por muito tempo, mas Apolo, de repente, latiu assustando aos dois. Nicolas deu um pulo, Alessandra se inclinou para trás e só percebeu que não havia mais cama quando caiu no chão.

— Nossa! Desculpe, Anjo. — disse ele ao estender a mão a ela.

Apolo olhava de um para o outro e, se eles não tivessem certeza de que ele era apenas um cachorro comum, poderiam jurar que seu olhar dizia “por que é que ele dorme na cama enquanto eu durmo no chão?”. Os dois acabaram rindo da situação estranha.

— Não foi nada, Nicolas. — ela ainda ria enquanto massageava as costas — Vou tomar um banho, tá?

— Você está melhor? — ele se espreguiçou, ao mesmo tempo em que

ela espirrava três vezes — Não se machucou?

— Estou bem. Era o que eu pensava, um resfriado. Agora começaram os espirros, mas o corpo e a cabeça já não doem tanto. Você está bem? Dormiu direito? Se quiser dormir mais, coloco o Apolo no quintal. Acho que ele não gostou de o ver dormindo na cama.

Apolo, como se confirmasse, latiu.

— Não sei que horas peguei no sono, mas estou bem. Não se preocupe. Vou preparar um café da manhã para a gente enquanto você toma banho.

— Não precisa fazer isso. Posso preparar depois. Minha mãe já deve ter saído para o almoço com as amigas.

— Vai lá. Eu faço sem problemas.

Ela sorriu e, de repente, lembrou-se de que sua aparência não deveria estar nada bem.

— Caramba! Devo estar horrível, né? — ela riu sem graça, enquanto tentava arrumar os cabelos.

— Bobagem. Está linda.

— Ah. Duvido. — e correu para o banheiro.

Nicolas coava o café quando a campainha tocou e, no momento em que

abriu a porta, foi surpreendido por sua D. Rosalia.

— Mãe?! O que faz aqui?

— Ora... Você não me ligou ontem à noite dizendo que não dormiria em casa porque a Alessandra não estava bem? Pois eu vim ajudá-lo a cuidar dela. — entrou na casa. — E o que está fazendo descalço nesse chão frio, mocinho?

— A senhora é doida. Já disse isso? — ele balançou a cabeça — Ela está melhorando. Acho que o pior passou.

— Melhorará de vez com a minha sopa. — mostrou as sacolas cheias que trazia e tentou lhe lançar um olhar severo em meio a um sorriso. — E não deveria me chamar de doida.

— Em relação ao “doida”, poderia usar um argumento ou dois, mas não tenho nada contra a sua sopa. Provavelmente fará bem a ela.

Rosalia sorriu vitoriosa e saiu em busca da cozinha.

— A propósito, essa sacola é para você. Tem roupas limpas e chinelos. Pode calçar.

— Sim, senhora. — ele bateu continência.

Sua mãe era única, com um incomparável coração gigante, em contrapartida era uma mulher pequena e magra. Perto dele isso ficava ainda mais evidente.

— Nicolas, se você quiser tomar banho, pode... — Alessandra começou

a dizer e parou ao ver a mãe dele — D. Rosalia, como vai?

— A doida veio ver se você tinha melhorado. — ele abriu a sacola e pegou os chinelos.

— Querida, já pedi para não me chamar de Dona. Pode me chamar de Rosalia ou Rosa, como minhas amigas me chamam. — Aproximou-se dela e beijou-lhe o rosto — E o senhor pode parar de me chamar de doida. Com ou sem argumentos! — fingiu estar brava. — Você está melhor, querida? É bom secar esses cabelos com secador. Está bem frio e soube que você passou muito mal.

— Vou secar.

Ela foi correndo para o quarto e Nicolas a seguiu.

— Desculpe. Sou culpado por ela estar aqui. Falei que você estava mal.

— Não tem problema, Nicolas. Adoro sua mãe. A minha mandou mensagem dizendo que volta à noite. É uma pena que elas se desencontraram. Agora trate de tomar um banho e descansar um pouco. Sei que ficou acordado velando meu sono como se eu fosse um bebê.

O dia passou tranquilo. A chuvinha caía lá fora e a sopa preparada estava deliciosa e os aqueceu. Não demorou muito tempo para Nicolas acabar

cochilando no sofá, com Apolo ao lado, aparentemente o cão liberava a sala para o amigo dormir.

— Ele está muito cansado. Não precisava ter se preocupado daquele jeito comigo. — Alessandra falou enquanto se sentava em uma das cadeiras da cozinha.

— É normal se preocupar com quem se ama, querida. — ela guardou o último prato como se não tivesse dito nada importante.

— Mas, Rosa, Nicolas não me ama. — disse confusa.

— Minha doce menina, seria tão mais fácil se eu pudesse mostrar a vocês o que não enxergam. — vendo que a outra apenas a olhava calada, continuou — É uma pena, mas isso terá de ser com vocês mesmos. Será que não entendem que encontraram algo especial?

— Eu não tenho dúvidas de que ele seja especial e que tenho muita sorte por tê-lo em minha vida, mas...

Ela não soube como continuar. Desde o dia do shopping ela se confundia sobre o que sentia por ele, mas não pensava estar apaixonada. Isso seria complicado e talvez perdessem tudo o que havia entre eles.

— Há pessoas que são únicas em nossa vida. Elas estão ligadas a nós a ponto de nos conhecer através de um gesto ou de um olhar. São conexões inexplicáveis e raras. Não é que essas pessoas sejam perfeitas. Elas têm defeitos, mas há uma conexão tão grande e tão intensa que eles são

insignificantes diante de tanto sentimento. O pai de Nicolas foi essa pessoa para mim. Entendo e conheço o medo de perder esse alguém especial porque eu temia, perdi e nunca mais encontrei, mas nada pode me tirar o que vivi.

Rosalia apenas sorriu. Sabia que eles não poderiam mais fingir por muito tempo. Cedo ou tarde os sentimentos aflorariam. E, ela pressentia que estava próximo.

Capítulo 32

Alessandra entrou em casa após o passeio com Apolo e se jogou no sofá, com o cachorro deitando-se aos seus pés. Precisava preparar algumas aulas, mas deixaria para amanhã. Queria relaxar um pouco, tomar um banho, ler um livro e dormir. Estava precisando. Olhou distraída para o celular ao seu lado e fechou um pouco os olhos.

Nicolas deixou-se cair na cama. O trabalho tinha sido cansativo demais. Felizmente era sexta. Pegou o celular para enviar uma mensagem para Alessandra. Era estranho como esse se tornara o melhor momento do seu dia. Algumas trocas de mensagens durante o dia, uma conversa por áudio à noite. Ambos faziam parte da vida um do outro de um jeito único.

Nicolas:

E aí, cinema e pizza, amanhã?

Alessandra:

Perfeito. É a minha vez de escolher o filme, né?

Nicolas:

Lá vem outra comédia romântica. =P

Alessandra:

Não, bobo. rsrs Pensei em assistir Vingadores: O Ultimato de novo pra te deixar feliz. Sei q sua semana foi difícil.

Nicolas:

Ah. Ganhei o dia agora.

Nada como super-heróis para deixar um homem adulto feliz. haha

Alessandra leu a última mensagem rindo. Sabia que viria algo do tipo.
Respondeu:

Alessandra:

Fechado. Te vejo amanhã, às 20h.

Deixou o celular na mesinha e percebeu que Apolo assistia televisão.
Começou a fazer carinho em sua barriga.

— Vou sair com o Nicolas amanhã. Legal, né?

O cachorro fez um barulho em resposta, provavelmente porque estava gostando do carinho, mas ela interpretou como um incentivo para continuar.

— Sabe... Fico pensando o que seria de mim sem você, nessa casa sozinha. Nunca sei se meu irmão estará aqui e minha mãe passa menos tempo ainda por aqui. O Nicolas sabe o que faz. Nem sei como consegue ficar

sozinho o dia todo enquanto trabalho.

Os pensamentos começaram a encher sua cabeça sem que percebesse. Lembrou-se do pai e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ele gostaria de você, Apolo.

Alguns minutos depois, ela bocejava e resolveu dormir. O cão, prestando atenção a todos os seus passos, a acompanhou até o quarto, subiu na cama e deitou-se aos seus pés. Ela riu ao observar a cena que ele repetia todos os dias.

— Não. Não, Apolo. Pode ir para a sua caminha. — o cachorro desceu da cama cabisbaixo e gemeu baixinho fazendo com que ela não resistisse. — Tudo bem, pilantra. Pode subir, mas só hoje. — ela riu quando ele pulou sobre a cama com rapidez.

Estava com mais de um ano e, por incrível que pareça, era muito fácil lidar com ele. Não era hiperativo como o Marley, apesar de ter suas manias, como querer dormir na cama, tentar comer qualquer tênis de Nicolas e assistir televisão.

No dia seguinte, Alessandra escutou a campainha tocando, enquanto terminava de passar rímel. Abriu a porta e lá estava ele. Seu corpo inteiro encheu-se de calor. O abraço de sempre, o beijo no rosto, o perfume dele e Apolo correndo, derrubando tudo o que via pela frente para pular em seu amigo. Por uma fração de segundo, ela percebeu um brilho de preocupação

em seus olhos, julgou que pudesse ser pelo cachorro que na certa pularia nele e ignorou o pensamento.

— Apolo. — ela começou a dizer vendo Nicolas se ajoelhar para acariciar o cão.

— E aí, amigo? Vou levar sua mãe para um cineminha hoje. O que acha?

Apolo latia de felicidade, adorava-o.

Alessandra pegou a bolsa, soltou o cão no quintal e caminhou para o carro de Nicolas. No caminho conversaram sobre a semana, os problemas no emprego dele, algumas novidades no dela. Aliás, sempre tinha. Sendo professora todos os dias tinha uma história de uma criança para contar e o fazia encantada. Ele era um bom ouvinte. Sabia que ela, por passar a maioria das noites sozinha, tinha uma necessidade enorme de falar, e como falava. Empolgava-se, mexia as mãos, ria, seus olhos brilhavam quando falava dos seus alunos.

Na pizzeria, ela ainda contava sobre um garotinho que ficou com o dedo gorducho preso dentro do apontador. Nicolas gostava de ver o carinho com que falava dessas crianças, fazia parecer como se todas fossem dela. O modo como se importava com cada detalhe do que acontecia com eles era tocante.

Foram ao cinema. O filme cheio de efeitos e ação os manteve

entretidos. A bela Scarlet Johansson foi o assunto quando a sessão terminou. Nicolas tinha adoração pela atriz. Por mais de uma vez, Alessandra enviou papéis de parede de computador com a bela moça estampada para o amigo, sempre com o mesmo recado: “Não deve ter outra amiga que o adore mais para mandar foto de mulher supersexy. Beijo, Alessandra.”. Ela não podia reclamar, já que ele a enchia de fotos novas do Chris Evans.

Novamente no carro e perto do momento de se despedirem voltou a perceber que ele parecia preocupado e agora Apolo não estava ali para pular nele. Quando ela estava prestes a falar, ele começou:

— Alê, sabe que semana que vem é o meu aniversário. — vendo-a assentir ele continuou — Minha mãe está querendo fazer um churrasco lá em casa e adoraria que você fosse.

— Vou, sim. — respondeu apenas, ciente de que não era só isso. Afinal, ela havia ido inúmeras vezes a casa dele — O que quer me contar, Nick?

Ele estava tenso.

— Puxa. É por você me conhecer tanto que prefiro que saiba por mim e não por ver.

— Ver o quê?

Ela percebeu que ele estava diferente e ficava mais à medida que falava do assunto. Estavam estacionados em frente a casa dela.

— Uma garota vai estar lá e...

Alessandra não entendia o porquê do drama. Sabia que ele saía com outras garotas, apesar de passar a maior parte do tempo com ela. Ele falava disso, às vezes, e ela mantinha sempre o pensamento de que não tinha o direito de se importar. Seja lá o que sentia ultimamente era colocado embaixo do tapete.

— Você está interessado nela? É isso que quer me contar?

Nicolas sabia que não tinha outro jeito de falar. Assim que Alessandra colocasse os olhos nela saberia.

— Não é por aí. Tenho um passado com ela.

De repente, ela soube apenas por olhar para ele. Teve a certeza de que empalidecera e não gostou nada disso.

— Sim, é a Paula. — ele respondeu a pergunta velada.

— Sua ex. Hum... — foi apenas o que ela disse.

— Ela é afilhada da minha mãe, lembra? E virá com a mãe dela. — ele estava sério.

— E como você está se sentindo em relação a isso? — seu coração disparava. Sabia muito bem o quanto essa mulher havia sido importante para ele e o quanto o magoara.

— Eu não sei. — ele foi sincero e ela pôde ver toda a confusão em seus olhos. — Nunca conversei com ela depois do que aconteceu. Eu... Não

quero falar disso agora.

Alessandra não sabia mais o que poderia dizer. Na verdade, surpreendeu-se com o que sentiu. Abriu a porta do carro e olhou para ele para responder:

— Já entendi. Não se preocupe. É seu passado. Você está confuso. Tudo bem. — ela falava super-rápido, jogando as palavras para ele — Boa noite, Nicolas. Nós nos falamos depois. O Apolo sabe que estamos aqui e está latindo. Daqui a pouco, acordará todos os vizinhos.

Ela estava quase com o corpo para fora quando ele segurou sua mão.

— Anjo, espera. Você está entendendo tudo errado.

Ela olhou para ele. Colocou o corpo dentro do carro novamente, abraçou-o e disse antes de soltá-lo:

— Não há nada para entender. Ela é sua ex e nós somos amigos, só isso.

Ao sair do carro e fechar a porta, os pensamentos de Alessandra vinham em turbilhões. Não queria se importar e, acima de tudo, não queria demonstrar que se importava. Caminhou até a porta da casa. Ouviu-o chamar seu nome. Não olharia para trás. Ele não poderia ver o que no fundo já sabia, ela se magoara.

Ela não entendeu por que doía tanto. Queria saber por que os olhos ardiam como se fosse chorar a qualquer momento. Começou a sentir raiva de

si mesma por se abalar assim. Após entrar, encostou-se na porta da sala tentando se acalmar. Eles conversavam sobre outras pessoas, eram amigos e seria natural. Por que ele não contou que Paula estava de volta? Era o que mais a intrigava. Se não falou nada é porque poderia ser sério. O que isso implicaria? Sabia que eles não tinham nada além de amizade, mas não era simples assim. Não se comportavam apenas como amigos, apesar de nunca nenhum dos dois transpor qualquer barreira. Ele a avisara hoje porque sabia que o conhecia demais para estar no mesmo lugar que Paula e não perceber. Será? Talvez nem percebesse. Ah... A quem queria enganar? Percebia cada detalhe sobre outras garotas, eles brincavam sobre isso o tempo todo. Ele quis evitar que descobrisse sozinha. Ela sabia muito desse relacionamento e sabia o quanto tinha sofrido com o término. Agora a outra estava de volta. Será que mudaria algo entre os dois? Não sabia o que estava acontecendo e como ele estava reagindo com a volta dela. Não sabia porque ele não falara. Por quê? Tantos pensamentos confusos. Isso a fez pensar que, independente da mulher, uma hora ele namoraria, era só questão de tempo. Ela teria que entender. Estava tentando ser compreensiva e madura. Por que doía tanto?

Nicolas a observou entrar em casa com as duas mãos fixas no volante. Não adiantaria ir até ela. Alessandra precisava de um tempo para lidar com a situação. No fundo, esse sempre fora o seu maior medo: magoá-la. O que estava havendo? Por que ela reagira assim? Será que sentia alguma coisa

diferente por ele? Não, não por ele. Era só ciúme de amigo, era por saber o quanto Paula significara para ele e o quanto o magoara. Fora o final de relacionamento mais conturbado que tivera. Agarrara-se a ela como se fosse tudo. Aceitando qualquer coisa, qualquer migalha pensando que a tinha completamente. Num momento, ela estava apaixonada por ele, em outro não o queria mais. Tinha outro. Isso acabou com ele. E, ao mesmo tempo, deixou sua situação mal resolvida.

Ainda encostada na porta, Alessandra sentiu as lágrimas quentes descendo por seu rosto e bateu com as duas mãos nas coxas de tanta frustração. Sabia que Nicolas ainda estava no carro e sabia que ele estava pensando se deveria ou não ir atrás dela. Não queria que a visse assim, chorando por um cara, principalmente, porque ele era o cara em questão. Começou a pensar e procurar por detalhes de quando o sentimento tinha mudado. Por que apenas a possibilidade de o ver com outra mulher a fazia chorar? E o que ele pensaria se soubesse que ela o amava muito além do que demonstrava? Ele certamente fugiria dela. O que faria agora?

Num impulso, Nicolas saiu do carro e caminhou até a casa dela, queria acertar as coisas. Não suportava a ideia de que ela pudesse estar chorando e, pior, que tivesse sido o culpado. A um passo do portão, parou, passou a mão nos cabelos. O que estava fazendo? O que diria? Não queria falar nada agora. Nem ele mesmo sabia como lidar com a volta da ex. Os

últimos dias tinham sido difíceis por não poder compartilhar com Alessandra, não sabia o que dizer porque não sabia o que estava sentindo. Palavras não ajudariam, queria ficar com ela até que dormisse, queria se certificar de que ficaria bem. Queria ampará-la. Queria ser amparado por ela. Explicar tudo calmamente de modo que se confortasse. Precisava mostrar mais uma vez que não estava sozinha e que seja lá o que enfrentavam agora iria passar. Levantou a mão para tocar a campainha quando viu que as luzes da casa se apagaram. Hesitou. Talvez fosse melhor deixá-la só. Virou as costas e seguiu para o carro, não sem antes olhar para trás por uma última vez.

Na sala escura, Alessandra o observava da janela. Sabia que facilitara as coisas para os dois ao apagar a luz. Do que adiantaria falar sobre o assunto? Estava completamente apavorada assumindo para si o que sentia por ele. O medo de perdê-lo a sufocava. Amanhã seria um novo dia. Estaria bem. Ela se esqueceria disso, ou tentaria. Poderia fingir, esconder como vinha fazendo. Essa era a verdade, vinha escondendo o que sentia e continuaria assim. Seguiriam em frente. Ela sabia que entre os dois sempre haveria alguém. Era inevitável. Eram apenas amigos. Não queria que fosse Paula, não queria que fosse nenhuma outra, mas não sabia como dizer a ele. Ele sofrera tanto. Queria para ele alguém que o amasse verdadeiramente, que cuidasse dele, respeitasse-o, fizesse com que se sentisse bem nos piores momentos. Queria poder ser essa pessoa, mas ele nunca a veria dessa forma. Alessandra

o conhecia demais e sabia que o fato de não ter mencionado Paula durante a noite toda era porque estava confuso.

Se ele mesmo não sabia como lidar com seus sentimentos, como poderia passar segurança a ela? Estava hesitando, sem saber lidar com a volta da ex e como reagir a isso. Um único pensamento passava pela cabeça de Alessandra agora: precisava mudar um pouco a rotina dos dois. Estavam muito próximos desde a crise pós-término de namoro dela. Ele se manteve por perto para ajudá-la a se recuperar. Agora, dificultava tudo com esses sentimentos. Precisava dar espaço a ele. Onde já se viu ele preocupado com o que fosse pensar das mulheres da sua vida? Ela não tinha esse direito. Nicolas não a via como ela o via. Assumia pela primeira vez o que sabia havia meses, estava apaixonada por ele. Mais cedo ou mais tarde, ele arrumaria uma namorada que não gostaria nada do relacionamento dos dois. Parecia que estavam apenas adiando o sofrimento.

Lá fora, dentro do carro, Nicolas tinha a certeza de que no dia seguinte conversaria com ela e tudo ficaria bem. Não precisava de outras garotas. Sim, de vez em quando, ele saía e ficava com outras, mas nada durava. Não pretendia ter nada sério com ninguém. Talvez nunca. Ele não bom nisso.

Não sabia o que a ex queria e por que insistira tanto para ir ao seu aniversário. Chegou a se desentender com sua mãe por não a querer lá e

depois se sentiu culpado porque sabia que ela não poderia fazer nada. O problema é que ele nem sequer sabia o que sentiria e tinha um problema maior no momento, precisava se entender com Alessandra. Mais do que nunca a queria ao seu lado.

No carro, ele pensava: “Amanhã conversaremos e ficará tudo bem.”

Em casa, ela dizia para si mesma:

— A partir de amanhã tentarei me afastar um pouco dele. Ele nunca olhará para mim como olho para ele agora.

Alessandra ouviu o carro se afastando e deixou-se cair sentada no sofá. Seus pensamentos foram levados a uma de várias conversas que tivera com Nicolas no tempo em que se conheciam.

Ele sempre era taxativo: não queria se envolver com ninguém. Nem sequer sabia se mudaria de opinião. Ela estranhava essa postura, mas não tinha jeito, por tudo o que ele tinha sofrido, trancara-se e não pretendia se abrir. Numa dessas conversas, ela perguntou o que faria se aparecesse alguém que mexesse com ele. A resposta foi simples:

— Não vai acontecer. — falou sério para depois completar rindo com suas típicas brincadeiras — E para que mais, se tenho a mulher da minha vida, que é você?!

Alessandra ainda tinha respondido rindo que ela não contava. De volta para o presente, pensava no que tinha mudado para que se sentisse

assim em relação a ele? Não soube responder. Apenas tinha certeza de que chegara a um dilema. Conhecia Nicolas o suficiente para saber quando falava sério e o assunto “não quero me envolver com ninguém agora” era sério. Sem contar que tinha o caso “Paula” e como ele lidaria com isso. Definitivamente, não era o momento de se abrir. Causaria mais problemas. Ele se assustaria, poderia se fechar e não queria arriscar perdê-lo. Não se arriscaria. Ponto. Precisava colocar para fora. Se fizesse isso, poderia se sentir melhor.

Foi para o quarto, ligou o computador, abriu um novo documento e começou a digitar:

A declaração de amor que você nunca lerá:

Nicolas,

Quando o conheci meu mundo estava ruindo. Meu pai tinha acabado de falecer e eu mantinha um relacionamento falido. Parecia que não me encaixava em lugar nenhum. Sempre me senti incompleta, sempre senti um vazio que me apertava o peito até conhecer você. No dia em que nos conhecemos, você soube chegar a mim e parece que em poucos minutos sabia tudo o que tinha para saber. Ninguém nunca me olhou ou me ouviu como você. Em pouco tempo, tornou-se o melhor amigo que alguém poderia ter. Você estava ao alcance do meu chamado. Vinha sem eu precisar falar. Entendia até mesmo o meu silêncio. Você me confortava mesmo sem nos

vermos pessoalmente. Tinha uma força e intensidade em você que nunca mais encontrei.

Aí me apaixonei pelo Ricardo e deu no que deu. Sofri feito uma condenada e, na ânsia de me encontrar, me perdi mais ainda. Na primeira vez que achei que amava de verdade fui partida em várias, quis morrer e acho que uma parte minha morreu, de fato. Foi quando você resolveu que era hora de nos vermos. Você, melhor do que ninguém, sabia o quanto eu estava desestruturada e perdida. Veio a mim, me encontrou, me deu a mão e ajudou na minha restauração, até mesmo me mostrando que eu precisava fazer terapia, parte fundamental do meu processo em me tornar quem sou hoje.

Depois desses anos que o conheço descobri com um choque avassalador que o amo mais do que amaria a um amigo. Estou apaixonada por você. Por conhecê-lo tanto sei o quanto saber disso nos afastaria. Você congelaria e, talvez, sumisse por uns tempos. Não posso arriscar. Não sei se aguentaria seguir em frente sem você. Não morreria, porque você me ensinou a não morrer por mais ninguém, a não permitir que nada me destruísse, mas sofreria cada dia sem você aqui. Sou forte para ser alguém inteira, mas perder você certamente tiraria uma boa parte de cor da minha vida.

Por isso, escrevo essas palavras, ciente de que nunca lhe mostrarei.

Penso, ingenuamente, que se elas saírem não doerá tanto.

Vi em seus olhos o vislumbre do medo ao perceber que eu poderia estar apaixonada. Isso doeu um pouco. Procuro não pensar que sou eu o problema, não quero pensar que haja algo em mim que não o atraia de alguma forma. É difícil, às vezes bate essa insegurança. Ah... Sempre bate essa insegurança.

Hoje, confesso o meu amor por esses breves minutos para depois trancá-lo dentro de uma caixinha bem escondida em meu coração. Sei que esse amor ficará lá, procurando ansiosamente por uma distração para sair e bradar por você. Precisarei ficar atenta, mas valerá a pena se continuarmos juntos.

Sei também que isso envolverá algumas mudanças. Estou pensando em como vou disfarçar. Talvez, pelo menos por um tempo devêssemos nos afastar. Não quero confundi-lo, nem me confundir ainda mais.

Aqui, nessas palavras, fica guardado e protegido o quanto te amo. Apenas aqui. Seguras. Protegidas. Cientes do risco que eu correria se elas fossem reveladas.

O meu amor é o meu melhor amigo e saber disso terá que bastar.

Você me explicou mais de uma vez que não está pronto para o amor. Pensando nisso, hoje, dói bastante porque sinto que estou pronta para amá-lo.

Ainda assim prefiro ter você como amigo a não ter você.

Alessandra parou de escrever, enxugou as lágrimas que teimavam em escapar de seus olhos, respirou fundo, hesitou entre salvar ou não, acabou salvando e desligou o computador.

Capítulo 33

Alessandra o evitou o máximo que pôde durante a semana. Como ele também não queria tocar no assunto, acabaram se falando pouco. Ela sabia que não poderia fugir por muito mais tempo, afinal, chegara o dia do aniversário dele e ela nunca o magoaria. Então, ligou.

Nicolas estava deitado em sua cama. Escutava os familiares chegando e não tinha a menor vontade de sair do quarto. Sabia que esse dia tinha reservado muitas lembranças ruins que não queria enfrentar. Não tinha conversado direito com Alessandra e precisava lidar com isso. “Uma coisa de cada vez. Vou resolver a situação com a Paula, ou melhor, o não sei o que com ela e, depois, esclarecerei tudo com a Alessandra.” — ele pensou.

De repente o celular tocou. Atendeu no primeiro toque ao reconhecer o número.

— Anjo?

Ela hesitou ao ouvir o apelido que apenas ele usava, mas continuou.

— Oi, Nick! Feliz aniversário! — disse com carinho, apesar do sentimento turbulento que permeava entre eles.

— Obrigada, Alê. — ele parecia mesmo feliz em ouvir sua voz. — Você vem? — perguntou inseguro.

— Claro. Você não vai escapar do meu abraço de aniversário. Vou tomar banho e mais tarde vou para aí, tá? O Lê vai comigo.

— Bacana. Faz tempo que não vejo aquele cabeçudo. — ele riu, ainda inseguro com a situação.

— Então, tá. Beijo.

— Alê. — ele disse antes que ela desligasse e ouviu quando ela respirou fundo — Depois precisamos conversar, tá?

— Não há nada demais para conversarmos, Nick. Não se preocupe.

— Anjo.

— Oi.

— Te adoro, viu?

— Eu te adoro mais. Beijo. — e desligou.

Quando Leandro entrou no quarto da irmã, não imaginava que a encontraria andando de um lado para o outro, completamente agitada.

— O que é que está havendo aqui? Um furacão, talvez?

— É aniversário do Nicolas e não sei o que vestir. — sentou-se frustrada na cama.

— Hein?

— O que eu disse, ué.

— Eu ouvi, só não entendi. E desde quando você faz esse estardalhaço por ver o Nicolas? — era impossível estar mais confuso.

Ele chegou perto dela e a encarou, fitando seus olhos. O que ele perdera neste relacionamento para que ela estivesse agindo assim? Sua irmã descabelada evitava o seu olhar. De repente, a ficha caiu.

— Eu não estou acreditando! Finalmente aconteceu! O que mudou? Caramba. Então, ele é o mais molenga mesmo. — sentou-se ao lado dela.

— Não brinca nessa hora, Lê.

— Tá. Não brinco. Mas é isso, né? Você percebeu que está apaixonada pelo cara com quem brinca de casinha. — ele falava enquanto ela o encarava irritada — Desculpa. É que... Entenda o meu lado também. É estranho. Mesmo estando certo o tempo todo e já sabendo disso, é uma surpresa ver você assim. O que houve? Qual foi o gatilho?

A princípio, ela não respondeu nada. Pensou em negar, mas conhecia o irmão, agora era tarde. Então, disse simplesmente:

— Paula voltou.

— A ex?

Leandro não sabia os detalhes da história de Nicolas, mas conhecia o suficiente para se preocupar com a volta dessa mulher.

— É.

— Bom... Vamos por partes. Se conheço bem vocês dois, para você estar assim é porque ele se mostrou abalado com a volta dela, certo?

— Você nos conhece bem.

— Putz! — agora ele estava mesmo preocupado — Bom, minha irmã, sabia que um de vocês se daria conta de que não são amigos coisa nenhuma, mais cedo ou mais tarde. Só não esperava a volta dessa garota. E, muito menos que ele se abalaria. Preciso pensar. — ele andava de um lado para o outro no quarto observando cada peça de roupa espalhada — Uma coisa é fato, irmãzinha, vamos montar esse look aí. Você tem que chegar lá destruidora.

— Você bebeu? — perguntou boquiaberta.

— Situações desesperadas pedem medidas desesperadas. — ele falou sério, mas ela percebeu um brilho engraçadinho em seus olhos verdes.

Quando Alessandra desceu do carro com Leandro, seu primeiro pensamento foi correr e talvez tivesse feito isso se ele não segurasse seu braço.

— Irmãzinha, relaxa. Você está linda. Não dou cinco minutos para o Téo dar em cima de você. — ele sorriu.

Ciente de que era um churrasco e não uma festa formal, Alessandra se vestiu de acordo, e com a ajuda de Leandro que analisava o ponto de vista masculino e fazia comentários engraçadinhos o tempo todo em que escolheu a roupa. Usava um vestido amarelo, uns cinco dedos acima do joelho, justo da cintura para cima e soltinho abaixo. O motivo: Nicolas adorava mulheres de amarelo, detalhe interessante fornecido por Leandro, ou seja, pareceria casual. O decote em v insinuava sem mostrar demais, a saia caía delicadamente e partes de suas pernas apareciam conforme andava. Ao lavar os cabelos ela os deixou secar naturalmente e alguns cachos tinham se formado, algo que ele já tinha confessado adorar. A quantidade de maquiagem ideal fora utilizada, seu rosto tinha destaque sem parecer carregado. Brincos combinando com o colar delicado repousava sobre o colo. Sandálias brancas de salto alto completavam o visual.

Téo abriu a porta e de imediato arregalou os olhos ao vê-la.

— Uau! Nunca perguntei, mas se o Nicolas não acordar, você quer ficar comigo? — fazendo cara de pedinte — Ô, mulher linda! Meu Deus!

— Parte um, ok. — Leandro piscou para Alessandra — Agora tira os olhos, Téo! Eu não aprovei você não.

Os três riram e foi nesse momento que Nicolas a viu. Ele segurou a respiração por um momento ao vê-la ali e tão linda. Ela se esforçou ao máximo para não deixar transparecer a tensão em sua face.

— Aeee! Parabéns, cara! A Ju está viajando com os pais, mas mandou um beijo. — seu irmão praticamente esmagou-o em seu abraço — Meu presente está na sacola da Alê. Agora vou lá tascar um beijo na sua mãe.

E saiu correndo levando Téo com ele.

Os dois ficaram apenas se olhando, por alguns segundos, até que ela esboçou um sorriso e o abraçou. O abraço longo e apertado significava muito mais do que a ocasião pedia.

— Feliz aniversário, Nick. — beijou-lhe o rosto — Aqui estão nossos presentes. Espero que goste.

— Você sabe que não precisava disso, não sabe? — apontou para a sacola.

— Sei, sim. Mas fiz do mesmo jeito.

Outras pessoas começaram a chegar para cumprimentar o aniversariante pelo seu vigésimo oitavo aniversário. E ela saiu à procura da mãe dele.

Rosalia sorriu apreensiva ao vê-la. Sabia que esse dia era estava sendo difícil na vida dos dois, mas o que poderia fazer? Ainda disse a sua comadre que não ficava bem a vinda de Paula, mas ela insistira, disse que viria e que ficaria muito triste se a filha fosse maltratada. A verdade é que ninguém pretendia tratá-la mal, mas ao mesmo tempo não sabiam como lidar com a situação.

O churrasco prosseguiu e Alessandra estava do outro lado do quintal quando Nicolas começou a observá-la. Ela sorria abaixada perto de seus primos pequenos como se lhes contasse uma história. Ao perceber que ele a olhava, retribuiu o olhar. Ele sorriu e deu sua costumeira piscada em direção a ela. Alessandra pensou em ir à direção dele, mas nesse minuto percebeu que sua expressão mudou e que ele olhava em direção à porta atrás dela. Não foi preciso olhar para trás para saber quem estava ali. Contudo, não resistiu ao impulso de se levantar e se virar.

Paula era uma mulher muito bonita. Atravessou o quintal como se não houvesse mais ninguém nele além de Nicolas. Da porta da cozinha, Leandro e Téó estavam cientes da situação e não podiam fazer nada para ajudá-los. O primeiro pensamento de Alessandra foi o de sair dali, mas, em seguida, olhou para Nicolas e o viu completamente perdido em suas lembranças. A dor reaparecia em seus olhos com uma intensidade que ela nunca vira. Não pensou duas vezes, antes de seguir até ele bem a tempo de ouvi-la dizer.

— Nicolas, desculpa aparecer assim de repente no seu aniversário, mas queria muito ver você e conversar. Aliás, Parabéns! — Paula abraçou-o em seguida.

O sangue de Alessandra ferveu. Nunca sentira tanta raiva na vida. Seus instintos diziam para que ela voasse para cima de Paula, mas sua razão a controlava. A garota se comportava como se estivesse em sua casa, como se

não tivesse feito nada a ele.

— Oi, Paula. Obrigado. — respondeu seco — Você me dá só uma licencinha que preciso resolver algumas coisas com uma pessoa.

Ele passou por ela, pegou Alessandra pela mão e não parou até que chegassem aos tropeços ao seu quarto, fechando a porta atrás de si.

Nicolas sentou-se na cama com a respiração acelerada.

— Devo ser um idiota, não é? Vinte e oito anos e correndo de mulher.

— Claro que não. — sentou-se ao seu lado e acariciando seus cabelos, esquecendo-se completamente do clima estranho entre eles. — É difícil estar nessa situação. Vocês não tiveram a chance de conversar. Ficou mal resolvido. O que você está sentindo é normal.

— Me desculpa, Anjo. — ele murmurou com as mãos na cabeça.

— Pelo quê?

— Nossa situação. Nós dois... Não está nada resolvido e fui egoísta. A primeira coisa que pensei foi que queria sair de lá e queria você comigo. — ele jamais confessaria que seu primeiro pensamento foi que deveria beijá-la e deixar se levar, mas felizmente conseguiu ter controle sobre si mesmo. — Me desculpa. Não lhe dei nem tempo de pensar.

— Fico feliz que a primeira coisa que passou pela sua cabeça foi isso em vez de tascar um beijo na boca dela. — ela falou sem pensar e depois ficou roxa de vergonha, mas ele riu.

“Imagina se ela soubesse que a mulher que eu queria beijar não é nenhuma além dela.”, ele pensou, antes de falar:

— Eu não sinto nada por ela, Alê. Nada. Só as lembranças doeram.

— Eu sei como é. Não é fácil ser traído por quem amamos.

— Não a amo mais.

— Talvez. Não sei. Posso estar errada, mas deveria falar com ela. Descobrir por que veio. É claro que nada justifica o que ela fez, mas isso poderia deixar você aliviado. — ela odiava dizer isso, mas pensava que poderia ser bom para ele.

— Acha mesmo?

— Aham.

— Talvez faça isso, mas no final da festa. Assim, se der errado minha família não se sentirá mal. Também preciso conversar com você. — segurou uma de suas mãos e olhando-a nos olhos.

— Estamos conversando agora. — ela sorriu.

— Sabe que não é esse o tema da conversa.

Ela evitou seus olhos antes de responder.

— Eu não queria falar sobre isso, Nicolas.

— Mas aí, como faremos? Não falar sobre o problema não o faz deixar de existir.

— Eu sei, mas prorrogaria qualquer decisão. Por favor. — seus olhos

estavam suplicantes.

Tirando uma mexa dos cabelos dela do rosto, ele respondeu:

— Farei como você quer até o limite da razão. Aí teremos que conversar.

— Certo.

Nicolas tinha acabado de levar um de seus tios até o portão para se despedir e quando se virou trombou com Paula. Não sabia se ela ainda usava o mesmo perfume de quando namoravam ou se o colocara especialmente para aquela ocasião, mas isso o incomodou.

Da janela da cozinha, Alessandra viu quando eles caminharam até os fundos da casa para conversar. Sua vontade era correr para perto de Nicolas e ficar lá esperando Paula ir embora para sempre, mas não podia fazer isso. Ele precisava se entender com seu passado sozinho.

— Ele vai ficar bem. — ouviu a voz de Rosa atrás de si.

— É o que espero.

— Ele aprendeu a ocultar com a dor, agora precisa aprender a enfrentá-la. Nem sempre é fácil, mas é o melhor a fazer.

Sem pensar em mais nada, Alessandra a abraçou forte. Tinha um

carinho enorme por Rosa. Considerava-a tanto quanto sua mãe.

Lá fora, Nicolas sentou-se numa cadeira e Paula sentou-se em outra próxima a ele.

— Por que voltou? — ele foi direto.

— Nossa. Assim, na lata? — ela tentou brincar.

— Sim.

— Você está tão sério. Tão mudado. Não é mais o mesmo Nicolas que conheci.

— Graças a Deus. Sou outra pessoa agora.

— Minha mãe me disse isso e eu fiquei curiosa, quis ver com meus olhos. — ela sorriu — Você está mais bonito. Mais maduro.

— Não foi muito maduro correr para o quarto quando a vi. — olhou para baixo.

— Mas você tinha um motivo. A garota do vestido amarelo. Quem é ela? É por ela que você mudou? — não conseguiu evitar.

— Ela é parte essencial disso, sim, mas mudei por mim.

Não entendia por que respondia tão facilmente as perguntas de Paula. Talvez por estar acostumado à grande amizade que tinham antes. Conheciam-se desde crianças e ela o ajudara muito a se recuperar. É claro que depois o fizera afundar mais uma vez, mas Nicolas culpava a si mesmo.

— Há quanto tempo estão juntos? — perguntou curiosa.

— Basicamente uns três anos, mas não do jeito que pensa. — ele não sabia por que falava de Alessandra, mas era mais fácil do que outros assuntos, simplesmente fluía.

— Como assim, vocês apenas ficam?

— Também não é isso. É complicado.

— Sei.

— Você veio então para ver se era verdade que eu estava mudado ou para saber da minha vida pessoal? — olhou para ela.

— Não vou mentir para você, Nicolas. Eu era criança quando namorávamos e na época queria curtir. Hoje, sei que errei. Devo a você um pedido de desculpas pelos velhos tempos, antes dos ruins. — disse sincera.

— Puxa. Taí algo que não esperava ouvir. — ele deu um sorriso triste, passando a mão pelos cabelos — Doeu bastante quando aconteceu, fiz besteiras, você deve saber. Voltei a beber, bati o carro, me arrebentei inteiro e tudo por causa de um coração partido. E sei que não é por causa dessa conversa que mudarei meu modo de ver as coisas. Me fechei em alguns aspectos e não sei se tem jeito.

— No que, por exemplo?

— Amor. Não acho que seja tão simples. Corre tudo bem quando as pessoas são amigas, mas tudo se complica quando se envolve o coração. Basta ver nós dois, nos conhecemos desde sempre, nos dávamos bem, éramos

muito amigos, mas ficarmos juntos destruiu a gente.

— Não foi bem assim. Não deve generalizar. Sei que nunca mais seremos os mesmos, mas queria ver você feliz.

— Eu sei disso. O duro é fazer. Sem contar que a vida tem a tendência de afastar as pessoas que amo. Para que abusar?

De longe, ele ouviu a risada seguida por um gritinho de Alessandra e viu através da janela que Téo a levantava do chão e a girava em alguma de suas brincadeiras bobas.

— Nunca vi você olhar para ninguém como olha para ela. — Paula falou um pouco constrangida.

— Eu sei. — foi sincero e ficou com um sorriso bobo no rosto.

— E mesmo assim não vai arriscar?

— Não. O que eu sinto é bom demais para arriscar. Enquanto puder evitar, tudo permanecerá da mesma forma.

Capítulo 34

Nicolas e Alessandra voltaram ao mesmo ritmo, e ela tentava ao máximo não deixar seus sentimentos muito perto da superfície. Ele não contou os detalhes da conversa com Paula, disse apenas que a outra queria se desculpar em nome da amizade que tiveram durante anos e que a perdoou, embora isso em nada mudasse os seus sentimentos e pensamentos sobre a vida.

— E aí, você e o Téo vão querer viajar para a praia no próximo feriado? — ela perguntou ao telefone. — Meu irmão não para de me perguntar.

Era mais fácil voltar aos assuntos corriqueiros e deixar prováveis polêmicas de lado.

— Por mim está tudo certo e nem preciso responder pelo Téo. Você sabe bem que onde tem bagunça lá ele está.

— E como sei. Outros amigos dele irão, mas a casa é grande. Ele só pensa em curtir agora que terminou com a Ju.

— Eu gostava dela.

— Eu também. Nunca vi meu irmão ficar mais de seis meses com ninguém antes dela. Nem sei por que ele as apresenta para minha mãe. — falou enquanto jogava a bolinha para Apolo buscar.

— Acho que fazem pressão e ele cede.

Ela responderia que concordava bem na hora em que a porta se abriu e Leandro entrou.

— O Lê acabou de chegar, Nick. Depois nos falamos, tá? Beijo.

Seu irmão lhe deu um beijo no rosto e sentou-se no sofá com seu

habitual sorriso.

— Acabei de falar com o Téo e ele topou o feriado. Também chamei alguns amigos e, é claro, amigas, mas não as mais próximas porque isso de não ter regras quanto a quem fico está me deixando sem amigas mulheres. — ligou a televisão e recebendo as boas vindas de Apolo — Começo a entender certas pessoas.

Ela fingiu não compreender a última frase e disse:

— O Nicolas confirmou também.

— Não quer chamar mais ninguém. Nenhuma amiga? — fez carinha de inocente.

— Não vou levar nenhuma amiga minha para depois ter que as consolar por sua causa, Dom Juan. — bagunçou seus cabelos negros — Cabelos escuros contrastando com olhos verdes e sedutores deveriam ser proibidos por lei. Você é encrenca.

— Pois é, eu sou, mas não tenho culpa. Culpe a genética.

Ela sabia que seu irmão queria curtir a vida, mas esperava que, mais cedo ou mais tarde, encontrasse seu caminho. Passar o tempo bagunçando e vivendo do dinheiro deixado pelo pai não era o que esperava para ele.

O sol estava escaldante, a areia da praia quentinha e a água do mar convidativa. Alessandra não pensou em mais nada além de cair na água. Nadou sozinha por mais de meia hora e depois foi se sentar ao lado de Téo na areia.

— Não vai entrar na água? — ela perguntou.

— Já já. E você e o Nicolas, como estão? — ele resolveu tocar no assunto que tanto queria, aproveitando um raro momento em que ficavam

sozinhos.

— Já perguntou para ele? — levantando a sobrancelha.

— Sim. E ele mandou que eu fosse me catar. Aí resolvi perguntar a você. Por favor, não faça o mesmo. — pediu com as duas mãos juntas como se implorasse e com olhos suplicantes.

Ela pensou um pouco antes de responder e, ao longe, viu Nicolas conversando com uma garota perto do quiosque.

— Na verdade, estamos bem.

— “Bem” de estar bem mesmo ou “bem” de não tocamos no assunto e assim vamos seguindo? — encostou seu ombro no dela.

— “Bem” de não adianta tocar nesse assunto porque só vai dar besteira. — ela se conformou.

— Acha mesmo?

— Sim. — respondeu no momento em que viu a garota se insinuava para Nicolas sem que ele se opusesse.

Téo percebeu o lampejo de tristeza que passou nos olhos dela e virou a cabeça naquela direção a ponto de ver seu primo sair com a garota.

— Isso deve doer.

— Depende da hora. — fez desenhos com um palito de sorvete na areia. — Não posso esperar que ele fique sozinho para sempre. E quem não quis conversar sobre isso fui eu. — deu de ombros.

— Mas talvez se tivesse falado, ele evitaria o assunto. Vocês dois são difíceis. Eu tenho um plano, mas pode ser que não acabe bem. — o comentário chamou sua atenção.

— Como assim?

— Preciso da sua permissão para dar em cima de você. — apesar de ele tentar ficar sério, começou a rir.

— E você já não faz isso? — ela devolveu.

— *Touché!* Essa doeu. — colocou a mão no peito como se ela o tivesse atingido. — Até faço, mas você não me leva a sério, então não conta. Poderia começar a levar.

— E para que seria isso, Téo? Ceninhas de ciúmes como essa só servem enquanto somos adolescente.

— Tenho uma teoria e quero testar, mas não posso arriscar a sua integridade pedindo para algum amigo meu — ele piscou um olho — e também estou sem grana para contratar um cara ideal. Então, na falta de tu, vai tu mesmo. E não subestime o famoso “só percebi o quanto te queria quando te perdi”. Acredite, ele faz milagres em qualquer idade. — ele observou as ondas se quebrando e depois viu Nicolas reaparecendo com a tal garota. — O que acha de um mergulho?

— Por que eu acho que você está aprontando alguma? — aceitou a mão que ele lhe estendia. Não acreditava que nada do que ele fizesse poderia mudar a situação dela e do primo dele, mas queria muito se divertir e parar de questionar seus dilemas durante o feriado.

— Porque estou — novamente piscou para ela —, mas não se preocupe, o máximo que pode acontecer é não funcionar e nós passarmos alguns bons momentos juntos. — de repente ele pareceu se lembrar de algo — Talvez fosse melhor contarmos ao seu irmão. Não quero ser pego de surpresa por um chinelo voando na minha direção.

E, sem que Alessandra esperasse, ele a pegou no colo e correu para a água, enquanto ela dava um gritinho de susto e gargalhava chamando, sem querer, a atenção de Nicolas. Exatamente o que Téo queria.

Encostado numa pedra, Nicolas observava Téo e Alessandra

dançando. Eles passaram os dois últimos dias grudados. Nunca os vira assim. Ela parecia feliz e passava a maior parte do tempo rindo de cada piada boba que o primo contava.

Téo a ergueu do chão e a girou. Ela pousou no chão rindo sem parar, e deu um tapa brincando no braço dele.

Era noite e todos estavam na praia curtindo um luau.

— E aí, cara? — Leandro apareceu atrás dele com uma garota a tiracolo. — Estou começando a ficar preocupado com aquilo ali. — apontou com o queixo para os outros dois que riam sem parar.

Vendo que ele não respondia, disse:

— Gata, me espera lá perto do quiosque que preciso trocar uma ideia com este senhor. — enquanto ela se afastava, continuou — Eu sei que vocês estão nessa de não falar sobre nada e continuar a vida, mas é seu primo, cara. Tem certeza? Seu primo? Não que eu tenha nada contra o Téo, muito pelo contrário, eu brinco, mas adoro o cara, é um dos meus melhores amigos. Só não sei como vocês vão lidar com isso depois se ele concretizar o que parece que está tentando.

— Sempre disse que a Alessandra tinha que se divertir e ser feliz, acho que é isso que ela está fazendo. Então, está tudo bem por mim. Não vejo o menor problema se ela ficar com meu primo. — declarou antes de começar a andar para o outro lado da praia. — Estou sendo sincero. — afirmou antes que o outro falasse.

— O pior é que eu sei que está. Bom, cara, a escolha é sua. Posso dizer que vocês dois me irritam? — perguntou enquanto o outro se afastava e lhe dava um sorriso — Pois é... Já disse, mas é verdade, me irritam pra caramba!

Capítulo 35

A lua brilhava no céu estrelado, quando Alessandra começou a andar pela praia. Precisava ficar um pouco sozinha. O feriado que terminaria amanhã estava sendo muito agradável, graças a Téo, mas, por mais que ela se divertisse, ainda se sentia um pouco irritada. Resolveu caminhar um pouco porque percebeu que procurava em Téo alguns traços que a fizessem lembrar de Nicolas, apesar de os primos serem realmente parecidos, não gostou do que sentiu. Não queria um substituto e gostava muito de Téo para tratá-lo assim, por mais que o danado dissesse que não ligava. Andou bastante até que as vozes de todos ficassem para trás. Avistou algumas pedras altas e, escalando-as, sentou-se sobre elas.

Seus pensamentos correram, inevitavelmente, para Nicolas. Ela sabia que não estava conseguindo mais esconder seus sentimentos e começava a se afastar dele. Tal constatação doía porque percebia que ele permitia que ela se fosse.

— Vem pra cá! — uma voz feminina fez com que Alessandra se sobressaltasse.

A voz não era direcionada a ela, foi o que percebeu quando ouviu a voz de Nicolas respondendo à mesma garota do outro dia.

— Acho que você bebeu demais. Por que não está com os outros?

Eles passavam bem abaixo dela, ao lado das pedras altas sobre as quais ela estava. A garota o puxava pelo braço.

— Qual é o seu problema, hein, gatinho? Parece que quer fugir. — e sem mais nenhum aviso beijou-o nos lábios envolvendo-o pelos ombros.

Alessandra não ficou para ver mais nada, tentou descer pelo outro lado das pedras, mas seu pé se enganchou numa delas e acabou estatelada no

chão.

— Droga! Que bela hora para encarnar a mocinha destrambelhada dos livros de romance. — percebeu que ralara suas mãos e tentou se levantar antes que ele a visse.

Era tarde demais. Nicolas estava em sua frente, olhando-a surpreso.

— Ótimo! — ironizou olhando para o céu — E o que é isso? Uma comédia romântica por acaso? Poderia, por favor, me dar uma trégua?!

— Anjo, você está bem? — ele estendeu-lhe a mão e ela negou, levantando-se sozinha.

— Acho que seu anjo está ali ao lado. — apontou para a garota que girava de braços abertos, visivelmente bêbada.

— Eu não vou dizer que não é o que você está pensando porque acho que foi bem o que pensou mesmo. — ele passou as mãos pelos cabelos. — Mas acho que talvez não tenha a importância que você está dando.

“Só percebi o quanto te queria quando te perdi.” — ela pensava na frase de Téo — “É... Parece que ciúme não é só coisa de adolescente.”

— E o que você sabe da importância que dei a isso? — perguntou irritada, tentando tirar a areia do corpo — Ah... Para com isso, Nicolas! Para de querer achar que sabe tudo o que penso. Estou indo para casa. E amanhã vou voltar com meu irmão de moto. É melhor.

— Ah... Peraí. — ele tentou segurá-la pelo braço, mas ela deu dois passos para trás.

— Gatinho, vem cá. — chamou dengosa a outra garota, fazendo com que Alessandra o desafiasse com o olhar a vir atrás dela e para sua surpresa ele veio.

Ela começou a correr na frente dele. Não queria conversar. Não agora com os sentimentos à flor da pele. De forma alguma, uma conversa sensata ocorreria entre os dois.

Alessandra atravessou a rua correndo, sem olhar para os lados, assustou-se com a buzina alta, parou no meio da rua e teria sido atropelada se ele não a tivesse alcançado e a jogado na calçada.

Por um segundo, ela o olhou grata, ciente de que se ele não a tivesse seguido poderia estar muito mais machucada, mas seus sentimentos estavam intensamente confusos e, no momento seguinte, olhava-o com raiva. Novamente negou a mão estendida e seguiu mancando com o pouco de dignidade que lhe restava.

— Precisamos conversar. — ele acendeu a luz da casa e abriu a porta para que ela entrasse ao chegarem ao local vazio — Mas antes eu quero limpar suas mãos e joelhos ralados.

Apenas quando ele mencionou foi que ela percebeu seus joelhos sangrando em virtude da queda na calçada.

— Poderia não ser tão cavalheiro pelo menos agora que estou tentando ficar com raiva de você?! — passou zangada por ele que ia em direção ao banheiro para buscar a caixa de primeiro socorros.

— Tentando? De onde vejo parece que já alcançou seu objetivo. — ele a observou sentar no sofá.

— Que saco, Nicolas! Para com isso.

— Tá vendo? Até está me chamando de Nicolas. — Em questão de minutos ele estava de volta à sala com uma gaze embebida em água para limpar os ferimentos.

Ela se encolheu tirando os joelhos do alcance dele quando tentou segurar sua perna. Não poderia permitir que ele a tocasse. Não agora. Não com tanto carinho quando ela estava tão brava.

— Sabe que preciso limpar os machucados. — ele falou calmo ao se ajoelhar em frente a ela — Sentir dor e deixá-los infeccionar não mudará as coisas.

Mesmo sabendo que estava certo, ela relutava, mas acabou cedendo porque não adiantaria nada ser infantil. Então, abaixou os joelhos e tentou evitar olhar para ele.

— Me desculpa, Anjo.

— Que raiva, Nicolas! Por que está me pedindo desculpa?! Por que age sempre dessa forma como o senhor perfeito que tem culpa de tudo de ruim que me acontece? — respondeu frustrada.

— Mas eu fui o culpado por você cair das pedras e depois a derrubei na calçada. — passou a gaze úmida em seu joelho, fazendo com que ela por instinto puxasse a perna. — Sinto muito se arde.

— Eu caí das pedras sozinha porque meu pé ficou preso e depois caí na calçada, não, nesse caso você me derrubou mesmo — revirou os olhos —, mas tudo por causa desse meu costume estúpido de não olhar para os lados quando atravesso a rua. Ai! — ela puxou mais uma vez o joelho e ele a segurou calmamente. Não sabia o que causava mais reações, se o toque dele ou o machucado.

Ela fechou os olhos. Expirou, inspirou. Tentou pensar em milhares de coisas que não fossem as mãos dele em sua perna, até que desistiu.

— Não está dando certo, Nicolas. — falou tristemente olhando para ele.

— O quê? O curativo, mas eu... — e ao olhar em seus olhos, ele entendeu. — Ah... Isso.

— É. Isso. Nicolas, eu... — ela sabia que se não dissesse de uma vez ficariam nesse clima para sempre — Eu acho que... bem... talvez... Ah... Você não é apenas um amigo para mim. — atropelou-se com as palavras.

Os poucos segundos até que ele respondesse pareceram gigantescos. Nicolas pensava no que dizer de uma forma que não a magoasse.

— Você está confusa, Alessandra. — foi apenas o que disse.

— Como assim? — a irritação voltou.

— É normal. Somos muito amigos. Já me senti assim. O que você parece sentir não é o que realmente sente. É confusão. — respondeu sem olhar para ela e começando a limpar o próximo joelho.

O sangue de Alessandra fervia. Nunca se sentira tão irritada. Parte dela não se reconhecia. Todos os seus sentimentos estavam prestes a entrar em erupção. A suposta calma de Nicolas despertava sentimentos ainda mais contraditórios. Sabia que não seguraria mais por muito tempo. Cinco... Quatro... Três... Dois... Um...

— Estou apaixonada por você. — disse num só fôlego.

Apesar de abalado, ele terminou de limpar o ferimento da perna e pegou na mão dela para continuar.

— Você não está apaixonada por mim — falou, agora sem tirar os olhos da mão ralada —, você tem a ilusão de estar apaixonada por mim. É seguro, confortável. Sou culpado e peço desculpas.

— Quer mesmo me deixar zangada hoje, né? — puxou a mão.

Sem se alterar, ele continuou:

— Nunca a magoei e sempre estou ao seu lado. Combinação perigosa. Você me idealizou. Acha que sou um príncipe, um herói, mas não sou. Sou seu melhor amigo e não vou magoar você. É por isso que as coisas permanecerão assim.

Ela o olhava boquiaberta. Como ele podia aparentar tanta tranquilidade?

— Olha para mim.

Ele não atendeu e ela repetiu:

— Olha para mim, Nicolas. Não é possível que eu esteja nessa sozinha.

— Nunca disse que estava.

— Não entendo. Não sente nada diferente por mim? Nunca sentiu? — perguntou um pouco insegura.

Sentando-se ao lado dela no sofá, ele começou:

— Não é questão de não sentir.

— Não fuja da pergunta.

— Eu já senti e sinto, às vezes, mas não vou arriscar algo especial em minha vida por uma incerteza. Não arriscarei.

— Como assim? — perguntou baixinho — Você desistiu antes mesmo de tentar?

— Não. Desisti antes de deixar que algo mude entre nós e eu perca você. Prefiro continuar como está e não correr riscos desnecessários. — passou a mão nos cabelos dela.

— E por que me perderia? — com a voz triste.

— São muitas variáveis. Poderíamos ceder a esse sentimento, não nos entendermos e eu perder você. Não suportaria isso. Não sou esse cara perfeito que vê, Anjo. Sou aquela encrência que contei. Posso não me envolver mais com as mesmas coisas, mas ainda sou o mesmo cara. — ele sabia o quanto ela lutava para não chorar em sua frente, mas precisava dizer o que sentia — Poderia ser bom, poderia ser muito bom, mas o que temos é maior. É único. E é minha certeza no momento. Não trocaria isso pela possibilidade. Desculpe.

— É um absurdo que você se considere o mesmo cara. — começou a falar no momento em que seu irmão entrou correndo na casa.

— Meu Deus! Você está bem?! — perguntou ajoelhando onde Nicolas estivera havia pouco — Acabei de saber que uma garota quase foi atropelada na avenida e, conhecendo-a como conheço, pensei que não poderia ser outra pessoa. Caramba! Você está toda machucada.

Tudo o que ela ouviu dele foi uma série de reprimendas e orientações de como atravessar a rua. Nicolas aproveitou-se da presença de Leandro e se

afastou, dando por concluída a conversa dos dois. Ela observou-o se afastar, triste. Seu coração doía, mas não demonstraria a ele. Não precisava. Ele a conhecia o suficiente para saber onde machucava cada pedaço de sua alma. Em lugares que ele não poderia ajudar.

Capítulo 36

Os preparativos para voltarem a São Paulo tinham terminado. O grupo de mais ou menos dez amigos se despediu. Alessandra decidiu ir embora de moto com seu irmão e suas malas foram com as de Leandro no carro de amigos. Dessa forma, Nicolas e Téó voltariam sozinhos.

— Tem certeza de que não quer vir com a gente? — perguntou Nicolas, parado em frente à porta do carro. Estava preocupado. — Sabe que ele corre bastante com a moto.

— Tenho. — colocou o capacete — Ele nunca corre comigo. Obrigada.

— Falou, pessoas. Já estou ansioso para o próximo! — o irmão subiu na moto, colocou o capacete e deu partida. Em questão de segundos viravam a esquina.

Os outros foram se despedindo e, assim que seu primo entrou no carro, Nicolas deu a partida e saiu. Durante os primeiros cinco minutos nenhum dos dois falava, até que Téó não aguentou.

— E aí? O que é que tá pegando? Não vamos até em casa só com o barulho do som, né? Porque seria bem chato.

— Alessandra.

— Cara, será que poderia ser mais específico?

— Ela está confusa. Acha que está apaixonada por mim e acabamos conversando sobre isso ontem.

— Então, pelo que entendi, você acha que ela está confusa porque ama você? Você é maluco. Sério. Aquela garota sabe o que está sentindo. Dá para ver. Você é quem não sabe, ou melhor, sabe, mas está morrendo de medo de assumir.

— Ela é algo bom que quero manter.

— E poderia manter, ué... Na verdade poderia manter de forma bem mais agradável.

— Sem graça. Não importa. Como eu sempre soube, tudo isso dará problema.

— Como pode ter certeza?

— Simples. Ontem, por me ver com outra garota, Alessandra quase foi atropelada. Acredite, se eu não tivesse pulado em cima dela, ela teria se machucado muito ou coisa pior. Sem falar no estado dela. Nunca a vi tão irritada.

— Já pensou na possibilidade de que se vocês estivessem juntos, ela não teria corrido e, muito menos, quase ter sido atropelada?

— Nesse caso, há outras possibilidades. Não adianta você se envolver e tentar mudar as coisas. Nem suas artimanhas funcionarão com a gente. —

ele sorriu para o primo. — Não pense que não percebi que queria me deixar com ciúmes.

— E eu consegui. Nem vem que eu sei.

— Talvez um pouco.

Os dois não conseguiram deixar de rir da situação, se distraíndo por um segundo da estrada. O que aconteceu em seguida foi muito rápido e praticamente inevitável. Um carro na pista contrária vinha em alta velocidade, perdeu o controle, derrapou e atingiu em cheio Nicolas e Téo.

Capítulo 37

Alessandra voltava de um passeio com Apolo. Entrou em casa, sentou-se no sofá e colocou sua playlist para tocar no aleatório. O cachorro sentou-se ao seu lado e apoiou a cabeça em seu colo. Parecia refletir a tristeza que se abatia nela. Eram 21h. Ela estranhava a falta de ligações ou mensagens de Nicolas, mas resolveu que não o procuraria.

A melhor parte de mim leva o meu caminho até você, isso é o que me deixa mais forte. Me faz tão bem... Me faz tão bem que perco o medo. E me sinto melhor, já posso enfrentar todos os meus problemas, pois agora sei que quando acabar você vai estar aqui.

Era o que dizia parte da música que ouvia enquanto uma dor estranha se aninhava em seu peito. As lágrimas retidas na frente de Nicolas afloravam. Apolo gemeu baixinho, compartilhando a sua dor.

— NX Zero, jura? — perguntou Leandro sentando-se no sofá, fazendo com que ela e Apolo se sobressaltassem.

— Que susto, Lê! Achei que já tinha saído. — enxugou as lágrimas.

— Eu ia. Mas aí resolvi conversar com você porque senti um clima estranho entre você e o molenga e pela musiquinha a coisa deve estar feia.

— Ele odeia quando o chama assim. — sorriu triste.

— Ele não está aqui para reclamar. Agora me diz. — antes que ele continuasse seu celular começou a tocar.

— É o número do Téo. Peraí. Fala, moleque! Dona Rosalia? Sim, ela está aqui. Certo. Entendi... — ele começou a andar pela sala. A cada resposta seu rosto ficava mais pálido. — Eu... Eu falarei com minha irmã. A situação... Como está? Hum... Entendo... Vamos pra aí assim que possível.

Antes mesmo que ele desligasse o telefone e olhasse para ela, Alessandra soube.

— Ele está bem? — perguntou aflita.

— Alê — sentou-se ao seu lado e segurou suas mãos —, Nicolas e Téo...

O caminho até o hospital foi tenso. Parecia que nunca chegariam. Mil pensamentos passavam pela cabeça de Alessandra. Seu irmão não tinha muitas notícias, apenas que eles sofreram um acidente na volta para casa e que D. Rosalia estava desesperada. Alessandra saltou do carro antes mesmo de parar direito no estacionamento. Seu coração parecia prestes a se partir.

— Precisa ficar calma. — disse Leandro quando a alcançou correndo e segurou em seu braço — Calma. Não sei o que vamos encontrar. A mãe

dele não me disse coisa com coisa.

Ela olhou triste para o irmão e seguiu em frente. Apesar da temperatura agradável lá fora, o hospital parecia frio. Alessandra percorreu o lugar com os olhos a procura de alguém conhecido, não encontrou e se dirigiu ao balcão de informações.

— Por favor, eu... — ela hesitava — Houve um acidente de carro, Nicolas e Téo Ferraz. Eles...

— Alessandra? — de repente ela ouviu a voz de Téo atrás de si.

— Meu Deus, Téo! — abraçou-o e percebeu que ele tinha o braço engessado. — Você está bem? Onde está o Nicolas? Ele está bem? — olhou em volta.

Ele estava com um curativo acima da sobrancelha, provavelmente um corte causado por estilhaços de vidro. Tinha a aparência cansada e parecia muito triste.

— O carro veio da outra pista, parece que o motorista perdeu a direção e bateu em cheio no lado do Nicolas, nos pressionando contra o *guardrail*. Não sei ao certo. Ele morreu na hora...

— O Nicolas? — perguntou desesperada sendo amparada pelo irmão.

— Não. — disse Téo balançando a cabeça, parecendo confuso — O motorista. Desculpa.

— Onde está o Nicolas? Como ele está? — sentiu seu coração parar.

— Ele está em cirurgia. O socorro demorou um pouco para vir e ele teve algumas hemorragias. O médico não explicou direito. Queria ter ligado para você, mas ela não esperou e ligou enquanto me atendiam. Ninguém nos explica nada. Minha tia está à beira do desespero. A cirurgia já dura quatro horas. — falava aos tropeços, muito abalado.

As próximas horas foram as piores nas vidas dos presentes. A angústia por não saber o que se passava os consumia. D. Rosalia orava o tempo todo, Leandro e Téó tentavam se manter fortes e Alessandra estava sentada com as mãos cobrindo seu rosto, pedindo a Deus que não tirasse Nicolas deles. Durante o tempo de espera, ela refletiu sobre seus sentimentos e teve certeza de que o amava. Seu peito parecia se esmagar com a possibilidade de ele não sobreviver. Entendeu o que ele disse sobre não arriscar perder o que tinham. Sabia agora a dor que sentiria e prometeu a si mesma que tentaria não tocar mais nesse assunto se ele sobrevivesse.

Quatro horas depois, um cirurgião se aproximou de D. Rosalia. Seu semblante era sério, não sabiam se isso era bom ou ruim.

— Ele resistiu à cirurgia de controle de danos — disse o médico provocando uma série de exclamações positivas deles para em seguida deixá-los tensos —, mas ainda não está fora de risco. Estancamos as hemorragias, suturamos os órgãos atingidos e tivemos que retirar o baço. Foi um processo bastante delicado. Precisaremos observá-lo nas próximas quarenta e oito

horas. Ele ficará na unidade de terapia intensiva. Após esse tempo, vamos analisar se é o caso de uma nova cirurgia. É preciso aguardar. — concluiu e virou as costas. Não havia nada mais que pudesse fazer naquele momento.

A noite passou devagar para os quatro. Nenhum deles quis sair dali. Leandro nem tentou levar sua irmã para casa, sabia que de nada adiantaria. Preferiu ficar ao seu lado, oferecendo seu ombro para que cochilasse em alguns momentos para logo depois acordar assustada. Ela não se acalmaria enquanto não visse Nicolas bem.

Foram as quarenta e oito horas mais longas da vida dos quatro. D. Rosalia passou mal e teve que ser atendida. Os médicos a deixaram em observação, mas ela se negou a ficar em outro lugar que não fosse a sala de espera. Teria que fazer uma bateria de exames e disse que só faria se Nicolas melhorasse. Eles se revezam apenas para ir em casa e tomar banho.

— Ele acordou, querida! — disse Rosa, assim que a viu, dando-lhe um enorme abraço — E quer ver você!

— Onde ele está? — foi tudo o que conseguiu dizer, seu coração parecia estar contraído num cantinho do seu peito — Preciso vê-lo.

— Está sendo transferido para o quarto. Não será necessária uma

segunda cirurgia. — respondeu Leandro vibrando — Vou levar o Téo para casa. Ele está mais tranquilo agora que o viu e precisa descansar. Você vai ficar bem? — segurou seu braço.

— Sim.

Uma hora depois, uma enfermeira veio avisar que ele já estava no quarto número 423 e que ela poderia vê-lo.

Alessandra fechou os olhos quando tocou na maçaneta do quarto. Abriu a porta devagarzinho e reabriu os olhos. As lembranças do que passara com o pai ressurgiam em sua mente. Havia mais um senhor deitado em outro leito da enfermaria. Seu ar faltou ao ver Nicolas e as lágrimas explodiram de seus olhos. Aproximou-se rápido da cama e hesitou ao abraçá-lo quando viu as faixas em seu abdômen, os cortes e as marcas começando a ficar escuras.

— Não vai me dar um abraço? — ele sorriu, percebendo o estado dela e querendo descontraí-la.

— Não quero machucar você.

— Vem cá... — estendeu os braços a ela que lhe deu um abraço carinhoso, tentando não apertar muito.

— Achei que nunca mais fosse ver você. — viu-o colocar a mão sobre as costelas e expressar dor.

— Quebrei duas. Segundo os médicos a décima primeira e décima segunda. Elas ajudaram a causar a encrenca perfurando o que não deviam.

— Eu sinto muito. Talvez, se eu estivesse no carro com vocês.

— Não diga isso. — ele a interrompeu — A primeira coisa que fiz quando acordei foi dar graças a Deus por você não estar lá.

— Mesmo assim me sinto tão mal. — passou a mão em seu cabelo e percebeu que parte dele fora raspada e havia um curativo ali. As lágrimas retornaram aos seus olhos.

— O pior já passou, Anjo. Vou sobreviver. Fica tranquila. Esse acidente foi fichinha perto do último. — tentou descontraír, mas ela estava tensa demais.

— Foi um pesadelo. Sua mãe... Nossa. Coitada.

— Eu sei. Conversei com ela e vi o quanto estava abalada. Não tive como evitar o acidente. O cara veio do nada, da outra pista, direto para mim. Não pude nem desviar. Fiquei muito preocupado pelo Téo. Não me perdoaria se ele tivesse se machucado mais ou coisa pior. Foi tão rápido. Não dá nem para explicar.

— Eu imagino e sinto muito. Daria qualquer coisa para você não estar nessa cama todo machucado. — ela preferiu não dizer que o motorista havia morrido. Talvez isso emocionasse Nicolas e pudesse causar problemas em sua recuperação.

— Acredita em carma, Alê? Porque acho que ou é carma ou me jogaram uma praga. — falou pensativo.

— Não sei. Acho que não. Que tipo de pergunta é essa?

— Sei lá. É o terceiro acidente de carro na minha vida, sendo que em dois deles eu estava presente e quase morri. Acho que estou marcado. — ele segurou a risada e ela percebeu que ele brincava.

— Nicolas! Você não perdoa nem o seu estado! — ela não resistiu e começou a rir e chorar ao mesmo tempo devido à tensão.

— Pelo menos meu objetivo foi alcançado. — ele sorriu e colocou a mão sobre as costelas. Ela sabia que ele sentia dor, mas disfarçava. — Você está sorrindo. Depois de tudo, ganhei meu dia.

Ela estava muito apreensiva, mesmo vendo-o acordado e se recuperando, ainda sentia seu coração disparado pelo medo. Passou os olhos pelo quarto, o senhor no outro leito parecia dormir. Quando voltou a olhar para Nicolas percebeu que ele esticava o braço livre para a mesinha ao lado, tentando pegar algo embaixo de uma toalha branca.

— Vai se machucar. — foi em direção à mesa bem no momento em que ele estendeu uma rosa para ela.

— O que é isso? Quer dizer... Onde arrumou essa flor? — perguntou espantada.

— É uma rosa para você. Eu precisava me precaver, caso ainda estivesse zangada comigo. — viu a surpresa nos olhos dela ao pegá-la e sentir seu perfume continuou — Leandro comprou de um garotinho que veio visitar

a tia na maternidade. Parece que teve que negociar muito. — ele riu do espanto dela — Poderia ser pior. Seu irmão me disse que o Téo queria pegar a rosa e sair correndo.

Ambos riram imaginando a cena e aos pouquinhos o pavor de perder Nicolas foi se esvaindo do coração de Alessandra.

Capítulo 38

Nicolas ficou internado por dez dias e mais de um mês se passou para que se recuperasse completamente. O desespero que Alessandra sentiu com a possibilidade de perdê-lo fez com que deixasse de lado seus sentimentos mais profundos por ele, e sua amizade voltou ao andamento normal.

Ela seguia amando-o cada dia mais, apenas não tocava mais no assunto. Lembrou-se do antigo blog que ele fizera para ela quando descobriu que tinha sido traída por Ricardo e começou a postar textos com seus reais sentimentos lá. Deixou o blog privado porque não queria que ele visse e recomeçou a postar.

O tempo

Espero que o tempo passe logo.

É o único que resolverá toda essa questão.

O tempo pode fazer com que o sentimento passe.

O tempo pode fazer com que você me ame como eu amo você.

O tempo pode fazer com que eu o olhe com outros olhos.

O tempo pode fazer com que você me olhe com outros olhos.

O tempo pode fazer meu coração parar de bater por você.

O tempo pode fazer seu coração bater por mim.

Eu só espero que o tempo passe da mesma forma para nós dois.

Só espero que tudo acabe da melhor forma

porque me ocorreu agora que o tempo pode ser cruel

e pode fazer acontecer exatamente no mesmo momento fatos opostos.

O tempo pode fazer com que eu o esqueça e pode fazer com que você se lembre de mim de uma forma que não quer lembrar, da forma que eu me lembro de você hoje.

Se o tempo for cruel, nós vamos passar a vida nos desencontrando.

E eu não aguento mais me desencontrar de você.

Escrever fazia bem a ela. Dessa forma seus sentimentos eram direcionados para um local neutro. Ali ela podia sonhar, podia pensar que tudo daria certo um dia.

Um dia devolverei

Não consigo compreender o bem que você me faz.

Toda a certeza e fé que você tem depositado em mim.

Não sei se é o jeito como você diz que tem certeza de que resolverei o

problema ou se é o modo como diz “eu sabia que conseguiria”.

Alguma coisa que vem de você faz com que me sinta feliz.

É estranho porque não consigo ter você como gostaria de ter, mas a sua presença na minha vida é motivo suficiente para sorrir sozinha enquanto

escuto uma música que me lembre de você.

Você tem o dom de me fazer bem. Sua simples presença me acalma.

O som da sua voz fica guardado em mim

e vem à minha mente sempre que preciso da sua força.

Toda vez que preciso é só fechar os olhos que meu coração o escuta

dizer: "Anjo".

Você me faz tão bem e nem ao menos se dá conta disso.

Hoje me lembrei dos seus olhos tristes

e decidi que, mais cedo ou mais tarde, farei você tão feliz quanto me faz.

Acabei de sorrir sozinha consciente de que lhe faço bem.

Mas queria poder entrar aí dentro, tirar tudo o que o aflige e

fazer você feliz como sei que você merece.

Um dia eu o farei.

O tempo passava rápido e a vida seguia seu rumo. Nicolas e Alessandra continuavam juntos, mas cada vez mais separados. Ela percebia pelas conversas dele que garotas se aproximavam e, cedo ou tarde, ele viria

com a notícia que tanto temia. Sentia que em breve o veria namorando alguém. Enquanto isso, ela tentava sair com outros homens, mas nunca passava de uma conversa. Como se entregar se seu coração pertencia a outro? Em cada homem que se aproximava, ela procurava por Nicolas. Qualquer semelhança era suficiente para ela dar uma chance para ele se aproximar, mas depois o afastava quando percebia que nunca sentiria nada semelhante por outro. E mais uma vez, recorria ao seu blog.

A linha tênue entre o amor e a amizade

**Nem sempre conseguimos ter com alguém uma amizade sincera,
onde tudo pode ser dito porque será ouvido sem julgamentos.**

Uma amizade que liberta.

Você pode ser exatamente quem é e não será recriminada por isso.

Poderá conversar durante horas sobre diversos assuntos.

Poderá dizer os maiores absurdos que ele rirá e entenderá.

**Poderá ficar em silêncio, apenas sabendo que a outra pessoa está ali,
ainda que esse "ali" seja uma distância relativamente grande**

e o silêncio se dê entre uma conversa no celular.

**A verdadeira amizade se dá ao acaso. Algo desperta a sua atenção no
outro**

e você não consegue deixar de se aproximar.

Você percebe que têm muito em comum e em muito são diferentes

também,

mas isso não importa, você o aceita, ele a aceita, mesmo que a chame de

doida, às vezes.

O melhor amigo é aquele que não pediu para ser seu melhor amigo, nem

mesmo entende por que ele é tão importante na sua vida, mas está

sempre lá.

Se você precisar e, mesmo se não estiver realmente precisando,

mas achar que está, ele virá e segurará sua mão.

Ele estará do seu lado quando o mundo parecer desabar,

quando estiver chorando e tudo caindo sobre você.

E isso é tudo o que precisa saber para se sentir bem.

Você sabe que ama seu melhor amigo e que ele a ama. Isso é simples.

Você só não está preparada para o amor começar a mudar.

E ele não a avisa disso.

Não dá sinal de que estava atravessando a linha tênue que o separava da

amizade.

Você apenas começa a perceber que não está gostando muito de ouvir

seu melhor amigo falar de outras garotas, coisa que sempre fez e você

sempre incentivou.

Percebe que dói pensar no homem que ele é com outra.

**Começa a ter medo de que a qualquer momento perca seu melhor amigo
porque é óbvio que não é a única que vê que ele é especial e não é como
os outros caras.**

**Você percebe que o ama de um modo que não deveria amar,
que isso talvez o afaste e que você não está mais conseguindo esconder.**

Num dia, você cria coragem e conta a ele.

O que ele faz?

**Ele diz que você está carente, que não gosta dele do jeito que pensa, que
só gosta da sua companhia, que se confunde por ele lhe transmitir
segurança.**

**Sua vontade é de o fazer entender de qualquer jeito que ele é o melhor
para você,
mas não adianta.**

Ele é o homem ideal para você, mas não acredita nisso.

**O que mais complica tudo é que você não consegue esquecer o que sente
por ele.**

**Não tem como se afastar e deixar para trás. Você até tenta sair com
outros homens,**

mas sempre termina o dia pensando nele.

Você o ama e sabe que esse assunto é difícil para ele, então você o guarda

para si e escreve sobre isso.

Como ele disse, "isso é carência e deve passar",

mas os meses passam e o sentimento fica.

Você segue com a sua vida ou finge seguir.

Ele é o seu melhor amigo. Ele é parte de você. Sempre

vai ser. Isso, nada vai mudar.

E o inevitável aconteceu. Alessandra soube assim que Nicolas entrou em sua casa naquele sábado e olhou em seus olhos. Ele sabia que a magoaria, mas esperava estar fazendo o que era certo. Nove meses tinham-se passado desde o acidente. Eles não viam mais todos os finais de semana como antes. Alessandra lhe dava espaço para seguir com sua vida e tentava seguir com a dela, adquirindo novos hobbies e curtindo os antigos.

— Semana que vem é o aniversário da minha mãe e sabe o que vai acontecer, né? — ele perguntou enquanto Apolo o jogava no sofá.

— Sei, sim. Festa. Acho que a sua família é a mais festeira que eu já vi. — ela sorriu sentando-se na poltrona perto dele.

— Nem me fale. Não sei como eles aguentam, mas estou acostumado. Vou levar uma garota lá e já sei que me atormentarão — disse como se não fosse nada de mais.

— Vão atormentar você mesmo. — seu orgulho a fez responder como

se fosse nada de mais também.

Era assim que eles seguiam ultimamente, ainda muito amigos, mas um fingindo e o outro fingindo que acreditava. Leandro e Téó tinham perdido a paciência com a situação e não sabiam mais o que fazer, afinal, os outros dois eram adultos e deveriam saber o que era melhor para eles.

— Fazer o quê? Minha família é assim mesmo. É bom que ela conheça. — continuou.

Conversaram por mais meia hora e depois ele foi embora. Assim que Alessandra fechou o portão, não conseguiu evitar cantar baixinho a música de Lulu Santos:

— *Eu gosto tanto de você que até prefiro esconder. Deixa assim ficar subentendido. Como uma ideia que existe na cabeça e não tem a menor pretensão de acontecer...*

“Queria não ter tantas músicas que me lembrassem de você.” — pensou.

Capítulo 39

— Posso entrar? — perguntou Alessandra ao bater à porta do quarto da mãe de Nicolas.

— Claro, querida. — Rosa guardou uns envelopes grandes e brancos no guarda-roupas — Entre e feche a porta, por favor.

— Feliz aniversário, Rosa. — abraçou-a carinhosamente — Acho que não preciso dizer o quanto a senhora significa para mim.

— Hum... Poderia parar de me chamar de senhora. — ela sorriu e fez sinal para que a outra se sentasse na cama.

— Como você está, querida?

— Estou bem. Tenho trabalhado bastante, lendo e escrevendo. E a senhora, digo, você?

— Eu? — ela respirou fundo — Estou preocupada com o imbecil do meu filho agindo como um idiota.

Alessandra ficou boquiaberta. Nunca ouvira D. Rosalia falar assim de ninguém, muito menos de Nicolas.

— Querida, essa pobre mulher está frustrada. Não repare. Não sei o que acontece com ele. Onde já se viu começar a namorar e trazer a garota aqui? Toda a família tem preferência por você.

— Rosa, essa é uma decisão do Nicolas e não da família. — apesar de triste, ela sentia que deveria defender o amigo.

— Mas a questão, minha filha, é que não dá para entender essa atitude. Acha mesmo que ele está feliz?

— Não sei. Talvez. Espero que sim. — foi sincera.

— E como vocês estão?

— Estamos bem. Conversamos quase sempre, saímos de vez em quando. Tudo vai indo...

— Quer dizer, vocês estão se afastando. — balançou a cabeça — Não consigo entender. Está acontecendo exatamente o que ele...

— Queria evitar. — Alessandra completou triste — Sei disso. Mas não há nada que possamos fazer. Ele é meu melhor amigo e precisa de espaço para lidar com tudo isso. Tudo o que faço há quatro anos é tentar ajudá-lo. Só não sei mais o que fazer. Quero que seja feliz e percebo que ele não é de verdade, mas não posso obrigá-lo a enxergar. Faço o mesmo que ele sempre fez comigo, mostro o caminho. Cabe a ele aceitar ou não. E se ele estiver certo? E se ficarmos juntos, der errado e nos afastarmos ainda mais?

— Todos nós já sofremos tanto. Tantas perdas e acidentes. A vida real não é fácil como vemos nos filmes. Queria que fosse mais simples, que ele não estivesse tão assustado para assumir o que sente. Às vezes, penso que devemos retroceder por um tempo, apenas um pouquinho, mesmo porque

esquecer nesse caso é impossível. O coração não escolhe. — percebeu que Alessandra olhava pela janela e observava Nicolas ao lado da namorada. — Deve doer muito. — passou a mão em seu rosto.

— Vocês sempre se preocupam com isso. Téo e Leandro me fazem essa pergunta, de tempos em tempos. Dói um pouco, mas não há nada que não passe. — fez uma pausa e continuou. — Eu estava pensando em passar um tempo fora. A Camila me chamou para morar com ela por uns meses. Você se lembra dela? Veio comigo aqui uma vez no aniversário do Téo.

— Eu me lembro. Mas não é ela que mora na Inglaterra? — expressou preocupação.

— Sim, ela mesma. Agora está morando na Espanha. Estou pensando na possibilidade de ir. Dar um tempo daqui seria bom.

Rosa colocou a mão sobre o peito e fez menção de falar algo, depois desistiu.

— Aquilo que vi na sua mão quando entrei era o resultado dos exames? — perguntou Alessandra ao se lembrar dos envelopes.

— Sim. — assentiu um pouco sem jeito.

— Está tudo bem?

— Está tudo ok. Ainda tenho alguns para fazer, mas tudo dará certo, querida. — respondeu dando-lhe um longo abraço — Tudo sempre dá certo no final. Sempre dá de uma forma ou outra.

Alessandra sorriu, apesar de considerar suspeita a resposta de D. Rosalia. Sentia que ela escondia a verdade, mas sabia que nada a faria contar. Ela era aquele tipo de mãe que passa a vida protegendo os filhos, como uma leoa feroz, quando necessário. Se estivesse doente, como temia, não saberiam até que resolvesse contar.

— Mãe? — perguntou Nicolas entrando no quarto. — Está tudo bem?

— Sim, Nicolas, por que não estaria? — respondeu, Rosa sorrindo para ele — Estávamos apenas conversando sobre os planos futuros da Alessandra.

— Como assim? — ele perguntou, intrigado — Que planos são esses, Alê?

— Deixarei vocês conversando e vou lá fora tomar um ar, senão os convidados ficarão preocupados com meu sumiço. — Rosa saiu do quarto com um sorrisinho travesso nos lábios.

— Do que minha mãe está falando? — perguntou curioso ao se sentar ao lado dela.

Ela hesitou em responder. Conhecia D. Rosalia e sabia exatamente o que ela tinha feito. Queria que ele acordasse no susto.

— Nada de mais. Conhece a sua mãe. — disfarçou a ansiedade que sentia perto dele nos últimos dias. — Comentei com ela que a Camila me chamou para passar um tempo na Espanha, mas não está nada certo. É

provável que não vá. Tem o Apolo e tudo o mais.

Era estranho descrever o que sentia naquele momento. Nicolas queria dizer para ela não ir, mas, ao mesmo tempo, sabia que não poderia segurá-la por nada. Quem era ele para isso? Pensava no que responder quando a porta foi aberta de repente.

— Amore, procurei você por todo canto! — disse Vanessa, a namorada dele, parecendo um pouco nervosa. Esta situação não era justa com ela também. — Sabe que não conheço a sua família e me deixou lá. Você disse que iria procurar a sua mãe, mas chego aqui e pego você no maior clima com ela. — apontou o dedo para Alessandra, que sem falar nada passou por ela e saiu do quarto.

— Não havia clima nenhum, Vanessa. Alessandra é minha amiga. Já falamos sobre isso. — ele disse ao caminhar para perto dela.

— Não tem nada de bobo no meu ciúme, não. Pensa que eu não vejo como ela olha para você? E pior, pensa que não vejo seu olhar de cachorrinho que caiu da mudança na direção dela? — perguntou com as mãos na cintura. — Trate de se resolver porque não vou passar o tempo todo desconfiada.

Nicolas não sabia o que dizer. De qualquer forma, ele estava errado. Qualquer coisa que falasse não ajudaria e sentiu-se muito feliz quando uma de suas primas entrou no quarto para trocar seu bebê.

Momentos mais tarde, tiveram outra crise. Uma das particularidades

sobre Alessandra que Nicolas adorava era o modo como ela lidava com crianças. Neste momento, ela segurava o bebê de sua prima que sido trocado. Os olhos de Alessandra brilhavam enquanto o acariciava. Sem que percebesse, Nicolas a encarava.

— Nessas horas, eu me lembro daquela música do Vítor e Téo, sabe.
— foi o que Téo disse atrás dele.

— Que música? — perguntou ainda perdido em seus pensamentos, ciente de que não viria nada bom do primo.

— *Pensando bem, eu gosto mesmo de você... Blá... blá... blá... Nada melhor que eu deixar você saber, pois é tão triste esconder um sentimento tão bonito...* — cantarolou.

— Téo, pule para a parte mais importante. — completou Leandro e seguiu cantando — *Sempre fui um grande amigo seu, só que não sei mais se assim vai ser. Sempre te contei segredos meus, estou apaixonado por você...*

— Eu já disse o quanto vocês dois são idiotas? — Nicolas perguntou.

— Já. — respondeu Téo.

— Várias vezes. — acrescentou Leandro — Mas isso não muda o fato de sermos dois idiotas que dizem a verdade.

Enquanto riam, nenhum dos três percebeu que Vanessa tinha chegado e estava atrás deles. E foi assim que Nicolas teve a primeira grande discussão com a namorada, a do quarto nem se comparou à que se seguiu. Ele

precisava tomar uma decisão e se manter nela.

Capítulo 40

Sufocando. Era assim que Alessandra se sentiu nos próximos meses. Por mais que Nicolas dissesse que o sentimento que tinha por ele passaria, não estava passando. Passeando com Apolo pelo Parque do Ibirapuera, lembrava-se da semana passada e da discussão que havia tido com ele depois de ter passado alguns minutos falando sobre as crises de ciúmes de Vanessa. Ao fechar os olhos, toda a cena voltava.

— Eu estou apaixonada por você! — Alessandra disse num impulso, sem que percebesse, na raiva mesmo.

— Isso atesta que você é, no mínimo, teimosa. — respondeu ele calmamente sem olhar para ela.

— Não! Isso atesta que você é, no mínimo, idiota! — ela levantou-se nervosa, estava por um fio havia meses e não conseguia mais se controlar. Não podia mais continuar assim. — Você perde a oportunidade de ficarmos juntos sem nem ao menos tentar. Está namorando e mesmo assim não parece feliz. E não me venha com esse papo de me considerar sua irmã porque eu não sou cega e vejo como me olha. Não se olha assim para uma irmã, não! Poxa!

Nicolas massageou a testa. Realmente tinha errado ao dizer que a via como irmã.

— Lá vamos nós brigar de novo. Já expliquei meus motivos. — aproximou-se, mas foi repellido porque ela pulou para o canto oposto.

— Você não me explicou nada. Pode parar com esse tom condescendente para o meu lado. Nunca me explica nada sobre isso. É sempre a mesma baboseira de não querer arriscar me perder. Caramba, isso me estressa num nível que você nem imagina!

— Eu imagino. Imagino não, vivencio. Puxa, Alessandra, essa conversa é completamente improdutiva. E é para evitar conversas assim que não a incentivo nessa besteira de me amar. Não vou colaborar para partir seu coração depois.

— Pretende parti-lo agora.

Nicolas olhara para ela. Novamente lá estava a dor que ele passava a vida tentando evitar. Conhecia essa situação. O próximo passo estava bem ali à frente dele, nos olhos cheios d'água dela. Em segundos, Alessandra começaria a chorar e ele se sentiria o pior homem do mundo mais uma vez. Caminhou lentamente até ela. Os doces olhos verdes estavam embaçados e ela balançava a cabeça de um lado para o outro. Não choraria na frente dele.

— Anjo, é melhor agora do que depois. Depois seria pior. Eu poderia partir seu coração de um jeito irreversível.

Ela ergueu as mãos, evitando que se aproximasse. Apolo começou a andar de um lado para o outro na sala, latiu para Nicolas como se até ele soubesse do erro que o outro cometia.

— Vá embora. — ela falou baixinho, enquanto ele tentava mais uma vez se aproximar — Por favor.

Ele se dirigiu à porta com a cabeça baixa. Assim que tocou na maçaneta a ouviu dizer:

— O mais triste de tudo é que, toda vez que tive meu coração partido, me acostumei a correr para você. Dessa vez, não posso. Foi você quem o partiu.

Alessandra sentiu como se seu peito pudesse se estilhaçar em pedaços. Era estranho não poder contar tudo para ele. Não poder descrever cada sentimento, cada sensação. Era como se houvesse uma barreira e a qualquer momento, qualquer comentário bobo pudesse desencadear isso.

Agora, sentada à beira do lago, no Ibirapuera, Alessandra acariciava Apolo que apoiou a cabeça em sua coxa. Sabia que podia contar com ele.

— Não sei mais por quanto tempo aguentarei tudo isso, Apolo. Sinceramente não sei. Amanhã à noite tem a formatura do Téo. Eu vou. Depois disso, é melhor arrancar o curativo de uma vez só. Chega.

Ele gemeu baixinho, aconchegando-se a ela. Seu companheiro fiel sentia a sua dor e, triste, compartilhava-a.

Capítulo 41

— Caraca! Se a sua intenção for fazer alguém ter um treco quando a vir nesse vestido, sintá-se feliz. Vai arrasar. — Leandro exclamou ao ver Alessandra.

Ela sorriu. Sabendo que, no clima em que estava, não conseguiria encontrar a roupa ideal, recorrera a sua mãe e sentia-se feliz por isso. Depois de horas em busca do vestido perfeito, sentia-se muito bem.

— Nossa. — ele suspirou — Juro que nunca a vi tão linda. Espero que saiba o que está fazendo.

— Já conversamos sobre a minha decisão, Lê. Falei com a mãe e ela concorda que é o melhor a ser feito.

— Certo. Não vou bater toda hora na mesma tecla. Você é grandinha. Agora vamos. — deu o braço a ela para que entrassem juntos ao salão.

Téo concluía o curso de Propaganda e Marketing. Tudo o que ele queria era comemorar, mas sabia que o primo não estava bem.

— Qual é, Nicolas? — perguntou quando Vanessa tinha-se afastado para buscar um copo de bebida. — Estamos numa festa! Que cara é essa?

— Desculpa, primo! Não quero causar nenhum clima. Só estou preocupado com a Alessandra. A última vez em que nos falamos não acabou

bem.

— Cara, não adianta. Você é um caso perdido. Passa a metade do seu tempo se preocupando com ela e a outra metade mantendo-a longe, ferrando com o emocional dela. Você está agindo muito mal. Se ela quisesse, juro que ficava com ela. — ele parou de falar e arregalou os olhos — Reformulando, honestamente dava tudo para ficar com ela. — completou virando Nicolas na direção de Alessandra que descia as escadas.

Ela usava um vestido preto com um profundo decote, trabalhado no busto em tecido transparente com bordados foscos e brilhantes. Os sapatos de salto alto, maquiagem, brincos e os cabelos presos de forma elegante completavam o visual.

Nicolas piscou algumas vezes, ela estava maravilhosa. Sabia que precisava se recompor até que ela chegasse perto dele, mas não tinha ideia de como fazê-lo.

— Oi, Téo. Parabéns. — ela o abraçou.

— Oi, Nicolas. — beijou-lhe o rosto, inundando-o com seu perfume.

Ele sabia que, desde que a conhecera, essa seria uma das noites mais difíceis ao seu lado porque, por mais que negasse aos outros, sabia muito bem o que sentia.

Ainda que estivessem próximos, Nicolas e Alessandra nunca estiveram tão distantes. Vanessa monopolizava a atenção do namorado e Alessandra não podia culpá-la. O salão estava cheio, muitos formandos comemoravam com suas famílias esse momento especial. D. Rosalia tinha ido embora mais cedo e deixado os mais jovens aproveitando a festa. Alessandra respirava fundo. “Calma, a noite está quase terminando. Aguenta pelo Téo.” — pensava. Leandro não ficou muito com ela, parecia querer que encarasse o que sentia e era o que fazia, mesmo sentindo que seu coração se comprimia a cada segundo.

Nicolas olhava para a pista como se estivesse realmente interessado, enquanto Vanessa fuzilava Alessandra com o olhar, até que sentou-se no colo dele e começou a beijá-lo apaixonadamente.

Pronto. Isso foi demais para Alessandra. Não precisava mais se expor a tanto sofrimento. Era hora de colocar um fim àquela situação. Levantou-se rapidamente e foi em busca da saída do salão, estava tão entretida em sua fuga, que não percebeu Nicolas tirando a garota de cima dele e correndo atrás dela. A namorada o teria seguido se Leandro e Téo não tivessem aparecido do nada em sua frente.

— Anjo, espera. — ele assustou-a ao segurá-la pelo braço quando ela cruzava a porta.

— Acho que esse “anjo” não cabe mais pra gente, Nicolas. — respondeu sem olhar para ele. — Você está sendo um completo babaca. Tanto comigo quanto ela.

— Eu não queria que você visse aquilo. Olha pra mim, vai. — ele implorou tentando tocar em seu rosto, mas ela se afastou.

— Você percebe como é controverso? Está namorando uma garota para negar que tem algo entre a gente. E, agora, acabou de deixá-la sozinha para vir atrás de mim porque sabe que vê-lo com ela me machuca. Percebe a ironia nas suas atitudes? — perguntou começando a sentir raiva da situação.

— Eu sei o que há entre nós e é isso que estou tentando preservar. — respondeu aproximando-se dela.

Algumas pessoas passavam por lá e Alessandra diminuiu o tom de voz.

— E o que acha que está preservando? Uma hora terá que fazer essa escolha. Ela ou eu. O mais triste é que não serei eu quem pedirá isso. Ela é sua namorada. E tem todo direito de te pedir para se afastar de mim. Todo mundo vê esse sentimento reprimido.

— Eu juro que estou tentando fazer o que é certo.

— Sua noção de certo ou errado se perdeu. Você vai ver. É só questão de tempo. Isso me mata, Nicolas. Essa sua estúpida teoria de que não ficarmos juntos salvará nossa amizade. Não vai. É o que está nos afastando. Você iria querer que a sua namorada tivesse um Nicolas na vida dela? Acha

que ela vai me aceitar por perto por quanto tempo? Ela o fará escolher. Mas eu entendo a garota, não gostaria de namorar um cara que me deixasse sozinha para ir atrás de outra.

— Eu não a deixei. — falou sem pensar, arrependendo-se em seguida.

— Não? E onde é que ela está agora? No momento só vejo você e eu por aqui. É o seu dilema, Nicolas. Infelizmente, dessa vez, não posso ajudá-lo sendo imparcial porque eu escolheria a mim. E sem essa de ser o melhor para você, sou apenas exatamente aquilo que você quer somado a tudo que tem medo.

— Quando você ficou tão segura? Mesmo nesse momento, preciso dizer que estou orgulhoso da mulher que você se tornou.

— Pena que não posso dizer o mesmo do homem que você está tentando ser. Você sente algo tão forte e decide olhar para o outro lado por medo do que possa ver. Por medo de amar o que está vendo. Mas eu não posso mais. Diferente de você, não consigo negar o que sinto. Diferente de você, eu confesso que o amo, ainda que isso me apavore. Amar você é como andar de bicicleta, não tem como esquecer, mas sempre dá aquele frio na barriga quando ficamos sem andar por um tempo. Cansei de lutar para esquecer como se anda de bicicleta. É ilógico, irreal e machuca muito mais do que se tivesse coragem de andar e caísse tentando. Não tentar está me consumindo pouco a pouco. Não tentar faz com que eu queira me afastar de

você porque a dor que sinto quando o vejo com outra, talvez, seja menor que a dor da sua ausência. Amar você é uma contradição. Isso me salvou e agora me destrói.

— Anjo, eu... — ele começou a dizer indo em direção a ela e foi interrompido.

— Amore, o que está acontecendo? — Vanessa surgiu do nada e olhando de um para o outro. — Seu primo e o irmão dessa aí me seguraram lá dentro. Quero saber por quê?

Leandro e Téó chegaram logo atrás da garota e olharam apreensivos para a cena. Nicolas passou a mão pelos cabelos, visivelmente nervoso. Segundos cheios de silêncio e tensão permearam entre eles.

— Alguém pode me dizer o porquê de vocês estarem com essas caras?

Alessandra olhou nos olhos dele. Reconhecia o dilema de Nicolas. Sabia, melhor do que ninguém, que ele acreditava fazer o correto para ela. Apesar de todo o sofrimento que pudesse causar a ele e de toda a dor que causava a ela. Naquele momento, soube que ele seria incapaz de escolher outra pessoa que não fosse ela e que isso poderia fazê-lo sofrer por seus sentimentos contraditórios. Sem pensar mais tomou sua decisão. Não o colocaria em posição de ter de escolher. Ainda olhando dentro de seus olhos, disse:

— Não está acontecendo nada, Vanessa. Você não precisa se preocupar

comigo e nem deve. Só estava contando ao Nicolas que aceitei o convite da minha amiga e que vou para a Espanha. Nos próximos dias deixarei o país sem data para voltar. Está tudo decidido. — ela olhou de relance para o irmão e o viu balançar a cabeça. Ele sabia dessa escolha desde o dia anterior.

Um vislumbre de dor passou pelos olhos de Nicolas e qualquer palavra fugiu de sua mente.

— Ora, mas que maravilha! — exclamou Vanessa saltitante e chacoalhando-o. Sua atitude mudara completamente. — Não acha maravilhoso, amore? Sua amiga vai para a Europa. Quem me dera! Um dia chego lá.

— É. É muita sorte para ela. — respondeu sem cortar o contato visual entre ele e Alessandra — Novas oportunidades. Espero que encontre o que procura.

— Não irei à procura de nada, muito pelo contrário, prefiro tentar esquecer. — virou as costas, seguida por seu irmão e deixando o local sem olhar para trás.

Ao andar, ela sabia que ele continuava encarando-a. Ainda pôde ouvir Vanessa dizer:

— Honestamente, amore, ela deveria estar feliz. É a oportunidade de encontrar o príncipe encantado!

Capítulo 42

Alessandra viajou e Nicolas não fez nada para convencê-la a ficar. Os meses passavam e eles evitavam contato. Conversavam por mensagem muito raramente, mas não ouviam mais a voz um do outro e tomavam o cuidado de não tocar em assuntos polêmicos. Através de Leandro, ela soube que o namoro de Nicolas chegara ao fim naquele mesmo dia. Ele pelo menos agira da forma correta e se desculpara com Vanessa por acreditar que a atração entre os dois pudesse evoluir para amor.

Através do irmão, Alessandra soube que D. Rosalia estava doente. Quando passou mal após o acidente de Nicolas, os médicos recomendaram uma série de exames, que ela só fez muitos meses depois, e descobriram um problema no coração. O diagnóstico era cirurgia devido a uma insuficiência valvar mitral. Era inevitável. Alessandra desconfiava de algo, mas não tinha certeza. Após o acidente de Nicolas, D. Rosalia preocupasse ainda mais com ele, deixando sua saúde em segundo plano. Alessandra mantinha contato com ela todos os dias para saber se seu quadro tinha mudado. Ao menor sinal de risco, ela voltaria.

Nicolas pensava sempre em Alessandra. Não estava sendo fácil estar

distante depois de tantos anos tão próximos. Ele tentava acalmar essa ausência nos passeios dominicais com Apolo, Leandro e Téo no Parque do Ibirapuera.

— Saudades da Alessandra. — disse Téo num domingo.

— Nem preciso falar. Sinto falta da minha irmã.

Apolo deu um resmungo triste, como se concordasse e os outros dois olharam para Nicolas, esperando sua resposta.

— Como se vocês não soubessem o quanto sinto a falta dela. — suspirou, chutando uma pedrinha.

— Sabe que ela voltaria se pedisse. — disse Leandro.

— Não, não voltaria. Pelos poucas mensagens que trocamos percebo que sua irmã está numa jornada de autoconhecimento. Está mais forte, ainda mais madura. Não sou eu quem pedirá para ela voltar.

— Não te entendo, cara. — disse Leandro, chateado — Quando nos conhecemos, simpatizei com você na hora, depois nos tornamos amigos e quanto mais o conhecia, mais queria que vocês ficassem juntos, mas você sempre complica.

— Não vou discutir isso de novo. — foi apenas o que Nicolas disse antes de seguir em frente com Apolo, deixando os outros dois balançando as cabeças atrás deles.

Alessandra realmente buscava se conhecer melhor, além de não se

fechar para outras pessoas. Sentia falta do Brasil, sentia falta de sua família, de Apolo e, principalmente de Nicolas, mas não esse cara que convivia com ela nos últimos tempos, sentia falta do seu melhor amigo, aquele que a deixava ler em suas entrelinhas. Tinha chegado à conclusão de que uma parte dela sempre fora apaixonada por ele. O último texto de seu blog descrevia bem o que sentia.

O melhor de você se apaixonar pelo seu melhor amigo é ele ser a pessoa que mais a conhece no mundo, que sabe de todos os seus defeitos, manias e frescuras e, mesmo assim, ama você. Acima de tudo, a aceita como você é.

Não existe aquela cortina que as pessoas usam quando se apaixonam para esconder seus defeitos porque você o conhece há tanto tempo e nunca ligou que ele a visse exatamente como era. Contava tudo sem medo de chocar. Confessava-se sem ter a necessidade de pedir perdão.

Assim, quando você, finalmente, se deu conta de que estava apaixonada, não restava mais nada a esconder. Ele conhecia cada detalhe seu melhor do que você mesma.

O pior de se apaixonar pelo seu melhor amigo é que ele pode não

corresponder e você passará a vida inteira tentando esconder dele o que, de fato, ele sempre soube. Ou pior ainda, ele pode corresponder e ficar apavorado com a possibilidade de vocês ficarem juntos, não darem certo como casal e se magoarem.

Ele não suporta vê-la machucada. A possibilidade de ser a causa, o faz sufocar o sentimento porque prefere sofrer ao ver você sofrendo.

Então vocês seguirão sempre separados, não importa o quanto desejem estar juntos.

Alessandra e Nicolas sinceramente se amavam. Não havia nada mais claro e certo do que isso. Um amor em que o bem-estar do outro era prioridade. Eles não pensavam mais em si mesmos, tudo o que viam era um ao outro.

Nicolas sabia o que ela sentia. Alessandra sabia o que ele sentia. Era o mesmo, um amor capaz de qualquer feito, capaz de qualquer sacrifício, inclusive se suprimir por medo de vivê-lo e decepcionar, por não se considerarem capazes de fazer sofrer e perder o outro para sempre. E assim eles seguiam.

Capítulo 43

Enquanto ambos se evitavam, D. Rosalia marcou sua cirurgia, avisando a Nicolas apenas um dia antes.

— Mãe, eu não entendo por que escondeu isso de mim. — disse sério enquanto sua mãe deitava-se na cama do hospital.

— De que adiantaria ter dito antes, meu filho? — Mesmo doente, não deixava de ser uma lutadora.

— Não sei. Poderia ter me preparado melhor para lidar com a situação. Estou muito preocupado.

— Mas é isso que você não entende. Na vida não somos preparados para tudo. Certos eventos não têm data e hora marcada. Precisa parar de querer controlar sua vida dessa forma.

Ele se calou, chegou perto dela, passou a mão pelo seu rosto, abraçou-a e disse:

— Sim, mãe, estou com medo de perder você. É isso que queria ouvir? — perguntou triste.

— Até quando viverá assim, querido? Minha maior preocupação é partir antes de ver você feliz.

— Você não vai partir, mãe. E eu sou feliz.

— Ai, meu jumentinho teimoso, vai mentir para mim depois de adulto? Nunca será feliz enquanto não aprender a lidar com a perda. Entendo o que você sente, porque me sinto assim em relação a seu pai e sua irmã. Essa dor aí que pensa que sentirá se a perder, eu já senti. — ela suspirou — E, sim, foi e é insuportável. Nesse ponto, você está certo. Mas só haverá uma Alessandra e só haverá um Nicolas. É isso que está precisando entender. Não direi que são almas gêmeas, nem direi que são feitos um para o outro. Direi apenas que você é o que o coração dela quer e ela é o que o seu coração quer, e por mais que a sua cabeça racionalize que correrá riscos, ainda assim seu coração continuará querendo-a. Você perdeu, filho. Não há vitória sobre o coração, mas essa é a melhor derrota que alguém pode ter. Seu coração sabe o que lhe faz bem e ele lutará até o fim. Eu o vejo se arrastando desde que ela foi embora há dez meses. Seu namoro com a Vanessa não deu certo e nem poderia dar. Você luta contra o seu coração e não há luta mais estúpida do que essa.

D. Rosa observou Nicolas olhar para longe. Podia sentir a dor dele como se fosse dela. Queria poder fazê-lo entender que a maior bênção que temos é viver a vida. Ela sabia de onde vinham todos os seus receios, vinham do maior amor que pode existir, aquele em que é preferível se machucar com medo de machucar o ser amado.

— Eu compreendo você, filho. E sei que boa parte dessa sua angústia é

minha culpa. — Nicolas continuava em silêncio enquanto ela continuava — Você viu o quanto amei seu pai. Viu o quanto esse amor foi único, precioso, era a minha vida. Viu uma fatalidade o tirar de mim. E não apenas ele, não é mesmo? A vida me levou outra parte do meu coração, levou minha menina, minha doce menina. — seus olhos se encheram de lágrimas — Você me viu sofrer por isso, não é mesmo? Enquanto todas as pessoas pensam que estou bem e que superei, você sabe que nunca superarei a morte deles. Sabe que choro em muitas noites.

— Como você... — ele tentou perguntar, mas não encontrou as palavras.

— Como eu sei? Por muitos anos vejo a sua sombra por debaixo da porta do meu quarto, querido. Quando o Téo está dormindo e começo a chorar, é nessa hora que você se levanta para verificar. Muitas vezes, pensei em conversar com você, mas à luz do dia a coragem me fugia. Eu sei que esse é o seu medo. Medo de ficarem juntos e ser realmente maravilhoso. Aí as possibilidades são muitas, não é? Poderia magoá-la pelas bobagens da vida ou, o pior, poderia morrer e ela ficaria sozinha, sem você, sem sua luz.

— É mais complexo do que isso, mãe, mas é por aí. Hoje dói ficar sem ela, mas sei que está bem. Não suportaria perdê-la, mas e se eu viesse a faltar? Como seria? Como Alessandra viveria?

— Ela viveria como eu, filho. — ao observar a dor nos olhos de

Nicolas, D. Rosa entendeu. — Esse é o problema? Você pensa que sou infeliz? Mas, querido, eu sou feliz. Sou muito feliz. Você está analisando tudo de uma perspectiva completamente errada. Sim, eles me fazem falta e, sim, nunca serei com outro homem como fui com seu pai, mas ele me deu em vida o meu maior tesouro: você e sua irmã. Hoje, ela está com ele e você é a minha vida. Isso sem falar da importância dos nossos momentos juntos. Amei seu pai e ainda amo, mas isso não me impede de reconhecer os frutos desse amor. Eu choro em algumas noites porque sinto a falta dele e o queria comigo, mas isso não me faz infeliz, querido. Choro porque queria ver minha filha crescendo, compartilhando conosco das alegrias da vida. Você já pensou o que teria acontecido comigo se eu tivesse o medo que você tem hoje de perdê-la? Eu não teria vivido momentos maravilhosos. E, no fim, teria perdido tudo. Não a perca por medo. Se for para perdê-la um dia, que seja depois de ter vivido esse amor intensamente ao ponto de deixá-la forte o suficiente para viver se, por um acaso, você se for antes. A vida é muito maior que medos. A vida deve ser vivida e jamais temida. As pessoas se vão mais cedo ou mais tarde.

Nicolas fez menção de dizer alguma coisa, mas nesse momento a enfermeira entrou para buscar sua mãe para a cirurgia.

— Quero que me prometa, Nicolas.

— Prometer o que, mãe? — ele perguntou ciente de que seria sobre

Alessandra.

— Prometa que não vai se render ao medo. Prometa que vai lutar por ela. Prometa que viverá ainda que eu não esteja aqui para ver.

— Não diga isso, mãe. Tudo dará certo na cirurgia.

— Perdas acontecem todos os dias. O mais importante são os momentos que antecedem essas perdas. Momentos felizes.

— Preciso levar a senhora. — disse a enfermeira ficou sem jeito por interromper um momento pessoal.

— Só mais um minuto, minha jovem. — disse D. Rosa segurando a mão de Nicolas e levantando seu rosto para que ele pudesse olhar em seus olhos. — Quero que me prometa que viverá, Nicolas. É só o que peço a você. Pare de ter medo e dê uma chance à vida.

Ele olhava para os olhos marejados de sua mãe, sem saber como responder. Ela tinha razão. Descrevera todos os seus medos brilhantemente, mas não sabia como reagir a isso. Mas agora faria uma cirurgia que poderia matá-la e ele não podia fazer nada a não ser deixá-la em paz.

— Eu... Eu vou tentar, mãe. Prometo que vou tentar.

D. Rosa sorriu. Apesar de não ser exatamente a resposta que ela queria, sabia que era questão de tempo até os dois se acertarem. Esperava que a conversa acelerasse o processo.

— Feche os olhos e se imagine sem ela. Imagine um mundo em que ela

não existe, nem aqui, nem do outro lado do oceano. Espero que seja o suficiente para acordar. Amo você, querido. Não é hora de ser um jumentinho empacado, menino, é hora de agir.

— Também amo você, mãe. — ele sorriu.

Poucas pessoas eram tão incríveis quanto D. Rosalia.

Havia passado apenas quarenta minutos que sua mãe estava em cirurgia. Téó estava com a cabeça apoiada no ombro de Natália, sua namorada há algumas semanas. Nicolas nunca se sentira tão sozinho. Não aguentava ficar parado esperando por notícias e saiu andando pelo hospital. Sem perceber chegou a uma pequena capela, entrou e a encontrou vazia. Era um bom momento para fazer suas orações, talvez Deus não tirasse mais alguém que ele amava se pedisse muito. Ajoelhou-se atrás de um longo banco e começou a chorar.

Em meio às suas lágrimas, perdeu-se no tempo, começou a conversar com Deus e a desabafar todas as suas dores. Seu coração estava destruído, não aguentaria mais nenhuma perda. Pensava no pai, na irmã e em tudo que acontecera em sua vida após a morte de ambos, no medo que passara a sentir de perder quem amava, no desespero em que foi envolvido por não saber

como lidar com tanta dor, em tudo com que se envolveu por isso, em todas as vezes que desistiu de viver e desejou trocar sua vida pela deles, como isso foi mudando quando conheceu Alessandra e ele passara a ter esperança. Aos poucos, foi decidindo que queria viver, mas quando menos esperava era tomado pela culpa e um novo receio: perdê-la. Reconhecia cada mudança em sua vida, sabia das incontáveis vezes que encontrou nos olhos dela a razão para continuar lutando. Ainda assim, não sabia o que fazer, não sabia como assumir o que sentia por temer estragar tudo. Sentia-se tão inferior, tão miserável, estava tão envolto em seus pensamentos que não percebeu quando alguém entrou na capela e colocou a mão em seu ombro. Ele prendeu a respiração, temendo que fosse Téó com notícias ruins sobre sua mãe, mas, quando se levantou e se virou, viu Alessandra.

Vendo tamanho sofrimento nos olhos de Nicolas, ela sentiu como se a dor fosse sua. Ele a abraçou e deu vazão às lágrimas. Perdeu-se no perfume conhecido dos seus cabelos. Não tinha palavras para expressar o medo que sentiu todos esses meses longe dela, longe da cumplicidade que tinham antes. Por mais que se escondesse, ela sempre o via através das sombras. Em seus braços, o hospital não parecia tão frio e ele não se sentia mais tão pequeno, com ela por perto, sentia o calor da esperança e pensava que tudo poderia ficar bem.

Capítulo 44

Ao voltar à sala de espera do hospital, Nicolas encontrou Leandro e seu sorriso amigo. Não teve dúvidas de que ele era o responsável por sua irmã estar de volta.

Horas mais tarde, o médico veio lhes dar a boa notícia de que a cirurgia tivera ótimos resultados e que D. Rosalia estava respondendo muito bem. Nenhum deles contou a ela que Alessandra tinha voltado. Acharam melhor passar o estresse da operação.

No dia seguinte, quando o médico disse que não havia mais riscos, Alessandra pôde visitá-la e chorou em seus braços. Estava feliz de estar em casa e sentia muito por não ter voltado antes.

Durante a recuperação dela, nem Nicolas nem Alessandra falaram sobre eles. Sabiam que essa hora chegaria e ambos tinham medo de desencadear discussões como no passado. No fundo, Alessandra estava apavorada porque sabia das decisões que tomara ao voltar e temia que quando Nicolas estivesse menos vulnerável se trancaria novamente.

Nicolas olhou para a porta do restaurante quando Alessandra entrou. Ela parecia diferente de antes da viagem, parecia ainda mais segura, mais cheia de si, até o corte de cabelo tinha mudado. Usava-o liso e repicado.

— Oi, Nicolas. — beijou-lhe o rosto — Está aqui faz tempo?

— Cheguei tem uns cinco minutos.

— Sua mãe está bem?

— Está, sim. Ninguém diz que fez uma cirurgia daquela há um mês. Estou começando a achar que minha mãe é de ferro.

— Eu sempre tive certeza.

O almoço foi servido. Eles comeram, riram, conversaram sobre amenidades até que ela falou:

— Senti sua falta. — olhando nos olhos dele.

— Também senti, Anjo.

— Eu não sei se é o mesmo tipo de falta. Pensei muito enquanto estive fora. Cansei de lutar, Nicolas, por mais que eu fuja a vida sempre me traz de volta para você. Quer dizer — ela fez uma pausa —, já não sei se é a vida ou meu coração. Sou infeliz lutando contra isso.

— Às vezes, fico tão cansado de lutar contra os meus sentimentos que penso em ceder e deixar rolar. — disse Nicolas depois de um longo silêncio.

Pela primeira vez, numa dessas conversas, Alessandra não tinha palavras.

— Não precisa ficar em choque, Alê. Você sabe o que sinto e por isso insiste tanto.

— Eu sei o que você sente, mas saber nunca fez a diferença, você sempre fugiu.

— Conversei com minha mãe antes da cirurgia e sei que a intenção dela foi que eu visse que poderia lhe perder sem ter vivido com você, mas o que senti nos momentos em que ela estava em cirurgia foi indescritível. — ele falava olhando em seus olhos — E aí você chegou... De repente, eu sabia que tudo ficaria bem. O que nós temos não é comum. Você significa para mim muito mais do que pensa e por isso reluto tanto. Sim, ver você parece que resolve todos os problemas e isso é assustador, é um poder enorme. Ver você, nesse momento, me deixa perdido porque, por mais que eu queira, sei que não vou arriscar perdê-la.

O coração de Alessandra parecia estar se dissolvendo em seu peito. O eterno medo dele colocaria tudo a perder. Ela respirou fundo, ordenou a si mesma a se concentrar em tudo o que precisava dizer e começou a falar o que sentia.

— Tudo o que eu queria era poder arrancar você de mim e jogar para longe cada sentimento que sinto. Odeio o modo como você é capaz de me fazer sentir como a mulher mais segura do mundo e em seguida me transforma nessa garota boba e insegura que chora pelo seu amor, a garota

que eu era antes de você e que não quero voltar a ser. Cinco anos, Nicolas, nos conhecemos há cinco anos e há pelo menos três estamos nesse drama de novela mexicana. Não posso mais viver assim. Não posso mais esperar por um amor que não virá nunca, ou melhor, um amor que está bem aqui na minha frente, mas morrendo de medo de sair e me perder. Você não entende que é isso que está fazendo, está me perdendo. Porque eu amo você, senhor Nicolas, e o odeio por me fazer amá-lo. — as emoções começaram a colidir — Droga! Não o odeio, é mentira, nem disso sou capaz, mas juro que queria odiar. Queria mesmo. Seria mais fácil. — não parava de falar e, quando ele fez menção de impedi-la, ela levantou a mão — Fica quieto. Me deixa falar tudo o que tenho entalado aqui. Depois nunca mais me ouvirá dizendo nada disso, mas hoje colocarei para fora. Você é um paradoxo. Consegue ser ao mesmo tempo o meu herói e meu pior vilão. Me salvou e me abandonou. Você é o homem mais corajoso que conheço em relação às outras pessoas, mas é o mais covarde quando se trata de si mesmo. Nunca entenderei essa sua relutância em aceitar que me ama. Sim, eu sei que me ama. E, não, não é prepotência da minha parte. É que estive presente em cada momento de sua vida dos últimos cinco anos, vi cada brilho no seu olhar, vi cada sorriso, vi cada desespero, cada tristeza e vi o que eu podia fazer por você quando você mesmo não podia. Eu sei exatamente o que significo para você, porque é exatamente o mesmo que você significa para mim. Conheço cada olhar e

cada sentimento. Sei onde está cada ferida sua porque muito antes de doer em você estará doendo em mim. Somos perfeitos um para o outro porque nos conhecemos de verdade e mesmo assim ainda nos amamos. Você está desistindo de algo único. Não, eu estou. Chega de lutar uma guerra que só me machuca. Uma hora precisava acabar. Adeus, Nicolas. — ela pegou a bolsa e se levantou para sair — Deixa. Estou desistindo de vez.

Ele não suportava ver seus olhos marejados e tristes. Fazia tempo que não tinham uma conversa com esse tema. Ela parecia tão firme dessa vez.

— Alessandra, espera! — ele tentou segurá-la pelo braço, mas ela puxou a mão.

— Me deixa em paz, Nicolas! Você não tem noção do quanto essa situação me machuca. Aliás, você tem sim. Sabe muito bem o quanto me dói amar você. Mas, chega. Não quero esperar a vida. Não posso mais passar por isso. — disse andando rápido em direção à porta do restaurante e desaparecendo da vista dele.

Ele tentou segui-la e foi impedido por um garçom. A conta não havia sido paga. Colocou a mão no bolso e pegou o cartão.

— Passe no débito, por favor. — disse automaticamente olhando ansioso para a porta.

Tudo aconteceu muito rápido. Segundos depois que ela saiu, ele ouviu uma forte freada e o barulho de um corpo se chocando contra um carro. Seu

coração parou. Tentou correr para fora e novamente foi impedido pelo garçom que aguardava a senha ser digitada. Nicolas olhava, alternadamente, para a máquina do cartão, para o garçom e para a porta. Não pensava em mais nada, além da possibilidade grande de ela ser a causa do acidente. Ela e sua mania de não olhar para atravessar a rua. Se ela se ferisse, nunca se perdoaria.

Quando ele, finalmente, saiu seguido pelo garçom agitado, afinal não conseguia lembrar sua senha pensando em Alessandra ferida, um grupo considerável de pessoas cercava o local do atropelamento. Os curiosos se amontoavam e ele tinha dificuldade para passar entre eles.

Pedindo passagem e se movendo entre as pessoas, ele seguindo até ela. Restava apenas um homem a sua frente. Suas mãos estavam frias, seu coração acelerado. Os comentários que ouvia não eram bons:

— Ah. Pobre moça.

— Mas quem mandou atravessar a rua daquele jeito?

— Ela nem olhou para os lados!

O chão foi sumindo aos poucos debaixo dos pés dele. Por alguns segundos ficou paralisado. Não queria vê-la machucada, ou pior. E tudo por causa dele, da discussão sempre tão batida entre os dois. O medo de perdê-la o tinha levado a esse momento em que o receio poderia se tornar real. “Imagine um mundo sem ela, filho, nem aqui nem do outro lado do oceano.” — ele pensava nas palavras da mãe. Respirando fundo, seguiu em frente.

Assim que ele a viu, seus olhos estavam embaçados pelas lágrimas.

Ao perceber seu desespero, um homem grisalho, que a acudia, perguntou:

— Você a conhece? Sou médico e chamei o resgate.

Nicolas olhou dele para ela algumas vezes. Um sentimento completamente desconhecido se intensificava em seu peito. A mulher no chão não era Alessandra.

— Não se preocupe. Ela vai ficar bem.

Ele balançou a cabeça, perdido. Grato por ninguém ter se ferido fatalmente, mas em choque por pensar que sentiu como se tivesse perdido Alessandra. Tinha uma urgência enorme da sua presença. Precisava dela.

Enxugou os olhos, apesar de o susto ter passado, ainda sentia a emoção explodindo no peito. Apoiou-se num poste, seu coração disparava. E então ele a viu.

Alessandra estava parada a vinte metros dele, do outro lado da avenida. Os olhos se encontraram, os dela desviando-se rapidamente para a multidão e voltando-se para ele. Ela compreendeu a confusão dele pensando que tinha sido atropelada. Soube exatamente a dor que sentira porque tinha passado por isso quando bateram em seu carro. Não se moveu. Não sabia mais como agir em relação a ele.

Nicolas podia sentir cada parte do seu corpo acordando, como se cada

célula lhe enviasse apenas uma mensagem: Alessandra. Tudo nele pedia por ela. As pessoas passavam entre eles, seguindo alheios ao magnetismo que os atraía. Em poucos passos, venceu a distância que os separava. A um metro, ele hesitou. Podia ver o rosto marcado pelas lágrimas, lágrimas que ele mesmo causara. Viu toda a dor, tudo o que sempre quis evitar. Aproximando-se mais, tocou seu rosto delicadamente.

— Por um momento, pensei que tinha perdido você. — ele tirou alguns fios de cabelo do rosto dela.

Ela fechou os olhos, sentindo a mão fria pelo susto em seu rosto. Algo mudou. Ele não parecia mais tão inacessível. Abriu os olhos lentamente. Ele não se movera. Podia sentir toda a intensidade que emanava de seu corpo. O modo como a olhava não era o Nicolas, ou melhor, era o Nicolas que ele teimava em esconder, o Nicolas que ela sempre sonhara, mas que estava aprisionado dentro dele, aquele que a queria como nunca quis alguém antes.

Eles não diziam nada. Todas as palavras foram ditas durante os anos, não eram necessárias agora. Ele sabia, sempre soube. Ela sabia, sempre soube. Era maior que os dois. Nicolas desceu a mão para o pescoço e, por fim, para a nuca. Estavam tão próximos que podiam sentir o coração do outro batendo acelerado através das roupas. Os batimentos se misturavam, eles não sabiam onde começava um e onde terminava o outro.

Seus rostos estavam próximos e Alessandra se viu dentro dos olhos

dele. Não sabia por quanto tempo suas pernas a manteriam em pé. O momento era o mais intenso que vivera em toda a sua vida. Fechou os olhos instantes antes de ser beijada.

O beijo começou incerto e hesitante, era como se o medo de todos os anos estivesse ali, mas a sensação se perdeu em poucos segundos. Alessandra passou os braços em volta do pescoço dele e Nicolas a abraçou firmemente pela cintura, aproximando-os ainda mais. Não viram mais nada em sua volta. Sequer ouviram a sirene da ambulância que se aproximava. Ela se agarrava a ele como a um porto seguro. Nicolas se entregava a ela sem nenhuma restrição. Estava cansado de fugir. Queria provar seu Anjo. Intenso, o beijo lhes tirou o fôlego.

Separaram-se o suficiente para se olharem nos olhos. Se Alessandra pensava que cairia antes, agora ela tinha a certeza de que despencaria no chão se ele se movesse.

— Não me solta. — sussurrou, colocando a cabeça em seu ombro.

— Isso nem me passou pela cabeça. — foi a resposta sincera dele — Aliás, esse sempre foi o meu medo.

— O quê?

— Ficar com você, sentir o que senti e não conseguir soltá-la mais. Ter você e ter que ver você partir. Por isso evitei tanto ceder. Anjo, eu nunca quis magoar você e não pretendia ceder nunca. Até hoje. É contraditório porque

digo uma coisa e faço outra. Quantas vezes conversamos sobre melhorar sozinhos e encontrar a razão de viver dentro de si? Eu tenho isso, mas me falta algo que vem de você.

Ele afrouxou o abraço para olhar diretamente nos olhos.

— Quando ouvi a freada e o atropelamento, tive certeza de que era você por causa da sua mania maluca de atravessar a rua sem olhar para os lados. Os minutos que levei para descobrir que não era você pareceram horas. Nunca sofri tanto, nem senti uma dor tão intensa. Nunca mesmo, e você sabe tudo o que já passei. — ele disse, desviando sem querer o olhar para o local do acidente — Você poderia ter morrido, e aí toda a força que sempre fiz para não ficarmos juntos e preservar a nossa amizade para não a perder teria sido em vão, porque eu a teria perdido, apesar de tudo. Lembrei da minha mãe me dizendo para me imaginar perdendo você e achei que tinha perdido. — os olhos dele estavam tão marejados quanto os dela — Pensei no que você disse sobre sermos perfeitos um para o outro e cheguei à conclusão de que não somos. — ele sorriu ao ver o espanto nos olhos dela, sempre se precipitando nas conclusões — Somos imperfeitos um para o outro. Conhecemos cada uma de nossas imperfeições, cada uma de nossas fraquezas e ainda assim nada muda o que sentimos. Não há nada em você que eu não queira. Gosto até mesmo da sua tendência ao drama, sua facilidade de chorar no meio das discussões, da mania de não me esperar terminar de falar, do modo como

conta suas histórias, sempre tão longas e cheias de suspense, o modo como suspira assistindo a uma série ou filme que toque você. Amo cada detalhe seu.

Alessandra riu entre as lágrimas que reapareciam em seus olhos. Não conseguia acreditar no que estava vivendo e ouvindo. Ele estava abrindo o coração. Por um momento foi a vez de ela olhar para o local do acidente e perguntar:

— Eu morri? É a única explicação lógica que encontro.

Nicolas gargalhou e a beijou mais uma vez.

— Você parece bem viva pra mim.

Alessandra continuava pensativa, embora sorrisse.

— Esse tempo todo eu te amando, pensando nos meios mais malucos de te fazer se apaixonar por mim e nunca pensei no mais óbvio. A possibilidade real de você me perder fez você acordar.

— Sim. Eu sempre a amei e, com o tempo, você descobriu. A sua insegurança fazia você duvidar e eu aproveitava para me esconder atrás dela. Era fácil e me parecia seguro. Agora mesmo, com a adrenalina diminuindo, estou começando a ficar apavorado. — confessou.

Antes que ele pudesse continuar, ela o beijou. Nicolas rendeu-se calmamente. Ela esperava passar a mensagem certa através do carinho. Sabia como era se sentir em seus braços e já sofrera uma vez por se afastar. Não

passaria por isso de novo. Durante toda a sua vida, nunca teve tanta certeza.

— Não desista de nós sem tentar, Nick.

— Poderia me acostumar a ser acalmado assim, sabia? — brincou para depois continuar mais sério — Eu não quero que sofra de jeito nenhum, Anjo. Nem comigo e nem sem mim. Você sabe que quero que seja feliz e tenho muito medo de que não seja comigo. Sempre tive esse medo.

— Eu sou feliz sem você, Nick, mas serei ainda mais com você. Não posso prever o futuro e dizer que seríamos completamente felizes, apesar de o meu coração gritar que sim, nós só saberemos tentando. Eu acho que pode dar certo. Queria que fosse uma escolha minha. Acredite, não é. Todos esses anos, tudo o que fiz foi tentar não te amar desse jeito, mas não consegui. Há cinco anos estamos nessa. Já namoramos outras pessoas, e não sei você, mas eu sempre sentia sua falta. — ela olhava dentro dos seus olhos castanhos, poderia se acostumar a se ver refletida ali — Nicolas... Esse tempo todo sempre foi você. Meu coração se ilude e tenta encontrá-lo em outros caras, mas eu sempre volto pra você. Eu te amo.

— Também te amo. — ele observou as lágrimas voltarem a escorrer pelo rosto dela — E sei que agora não dá para voltar atrás. Somos mais do que amigos. Sempre fomos. Não posso mais pegar esses sentimentos e sufocá-los de novo. Quero você. Meu coração disparado me mostra que é o certo. Também sentia sua falta quando estava com outras garotas. Era como

se alguma coisa estivesse errada. — ele pensou bem antes de continuar — Quero tentar, mas confesso que estou apavorado. Não vou mentir.

— Eu também estou, nos apavorarmos com o desconhecido, faz parte da vida. O importante é não congelarmos ao ponto de desistirmos.

— Normalmente, sou eu a parte racional desse relacionamento. — sorriu ao beijar-lhe a testa — Outra coisa que posso me acostumar.

— Ah... Eu não sou tão maluquinha sempre.

— É sim. Tem um lado seu que é completamente maluco, mas adoro isso em você. Apesar de que vai ter que aprender a atravessar a rua. Essa é uma maluquice que não gosto.

Ela sorriu e aninhou-se em seus braços. Finalmente, eles ficariam juntos, e não era um sonho. Talvez, eles tivessem ficado abraçados por muito tempo, se não fossem interrompidos pelo enorme segurança do restaurante acompanhado pelo garçom, que os olhavam de braços cruzados. O garçom estava de cara feia, mas o segurança continha o riso.

— Opa. — Nicolas riu, enquanto ela olhava a cena sem entender nada.

— O que foi?

— Em meio a tudo o que aconteceu eu me esqueci de um pequeno detalhe. — pegou-a pela mão e apontou para o cartão brilhante que o garçom chacoalhava — Não paguei a conta!

Eles se olharam e gargalharam enquanto entravam no restaurante que,

certamente, marcaria suas vidas para sempre.

Epílogo

Leandro assoprou uma bexiga enquanto fazia uma careta para o bebê no cadeirão. Téo entrou trazendo um pacote de refrigerante e, logo atrás, Nicolas equilibrava a caixa enorme de bolo nas mãos. D. Rosalia mexia uma panela gigante de carne louca e Alessandra conferia a caixa de salgadinhos. Era mais uma festança na casa dos Ferraz. A família toda se reunira para comemorar o aniversário de dois anos de uma das muitas crianças que corriam pelo quintal.

— Ô, tia, de quantas bexigas mais precisa? — Téo perguntou, ao se juntar ao amigo na tarefa.

— Pergunta para a tia Lena. É ela que está arrumando a decoração lá na garagem.

Tentando ser discreto, Nicolas cochichou algo no ouvido de Alessandra e ela o seguiu em direção ao seu antigo quarto. Eles pensavam não ter chamado a atenção de ninguém, mas assim que saíram da cozinha, D. Rosalia começou a suspirar e Leandro e Téo a rir. Os últimos três anos eram assim. Os outros dois corriam para um cantinho em qualquer oportunidade.

— Acho que eles pensam que tem que compensar os anos perdidos, né?
— Leandro brincou.

— São anos de pegação no negativo, colega. — Téo completou.

D. Rosalia apenas sorria. Não havia mãe mais feliz do que ela. Seu menino finalmente se abria para o amor e aprendera que a vida pode ser muito mais gostosa com ele.

Fechando a porta do quarto, Nicolas puxou Alessandra para um beijo. Um arrepio imenso percorreu seu corpo. Ah, se ele soubesse como se sentiria toda a vez que a tivesse nos braços... Jamais teria perdido tanto tempo fugindo do amor mais doce e intenso que já vivera.

— Logo vão nos chamar. — Alessandra sussurrou entre os beijos contra a porta.

— Então é melhor aproveitarmos cada segundo. — Nicolas desceu os lábios por seu pescoço e saboreou o som do gemido da mulher que amava.

Derretendo em seus braços, Alessandra tocou seu abdômen por baixo da camisa e desceu por sua calça, sentindo-o pronto para ela. Curtindo cada segundo, ela vibrou por saber que tais sensações eram parte do seu dia a dia.

— Tranca a porta. — Ela determinou, sem se afastar.

— Eu adoro quando você fica mandona. — Nicolas a fez rir em meio aos beijos e carícias.

— É bom que goste porque tem algo que eu quero e quero agora.

— O quê?

— Você.

Nicolas gargalhou e a carregou até a cama.

— Seu pedido é uma ordem, Anjo.

Mais tarde, enquanto cantavam parabéns para o priminho, Nicolas disse, feliz:

— Essa família é uma máquina de reprodução. — ele abraçou Alessandra pela cintura. — Quem será o próximo?

Devagar, Alessandra se virou para ele e seus olhos brilharam. Ela pegou sua mão e levou ao ventre. Nicolas a olhou, admirado. Mal contendo a euforia. Ela apenas assentiu, beijou seus lábios e sussurrou:

— Tem alguém aqui que já te ama muito, papai.

Em meio à cantoria dos familiares, que estavam alheios a eles, Nicolas a girou em seus braços e a abraçou. A felicidade era tão intensa que lhe roubava as palavras. Extasiada, Alessandra abraçou o homem que amava, imensamente grata por ser amada de volta.

A vida havia tirado muito deles. Em compensação, uniu seus caminhos e a partir daí muito ainda lhes seria dado.

FIM

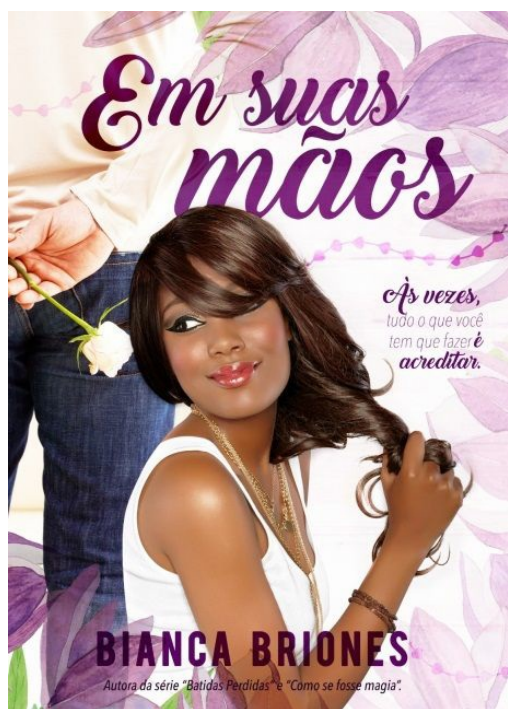
Meus Livros

Série Batidas Perdidas





Em Suas Mãos



Outros Livros



Sobre a Autora



Bianca Briones cria histórias desde antes de saber escrever. Foi uma menina sonhadora e manteve essa qualidade, o que a faz se perder em pensamentos com frequência. O romantismo explodiu em sua vida na adolescência, quando decidiu que seus filhos teriam nome de heróis. E tiveram — Athos e Arthur são dois garotos encantadores que a salvam todos os dias. Desde 2010, Bianca tem como prioridade a escrita e está sempre trabalhando em um novo projeto, enquanto outros personagens esperam pacientemente (ou nem tanto) que ela também escreva suas histórias.

É autora da série Batidas Perdidas, de “As Fases da Lua” e de “Como se fosse magia”. Atualmente está trabalhando em um novo projeto, enquanto outros personagens esperam pacientemente (nem tanto) que ela também escreva suas histórias. Nas horas vagas, está sempre acompanhada de um bom livro, seus filhos Athos e Arthur; Max, o Husky Siberiano, e seus dois coelhos, Morgana e Lancelot.

► Acompanhe suas redes sociais:

<https://www.facebook.com/brionesbianca/>

<https://www.instagram.com/brionesbianca/>

► Seus livros estão disponíveis na [Amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

[1] Eu apenas quero que você saiba que eu encontrei uma razão para mim, para mudar quem eu costumava ser, uma razão para começar de novo, e a razão é você.